

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



REPRESENTAÇÃO DE FAMÍLIA EM PRÉ ADOLESCENTES EXPOSTAS A
VIOLÊNCIA INTRA FAMILIAR

Helena Isabel Campião Almeida Paixão

Nº 14090

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**REPRESENTAÇÃO DE FAMÍLIA EM PRÉ ADOLESCENTES EXPOSTAS A
VIOLÊNCIA INTRA FAMILIAR**

Helena Isabel Campião Almeida Paixão

Dissertação orientada pela Professora Doutora Ângela Vila Real

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof. Dra. Ângela Vila Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado no Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Ao longo do curso cada momento foi um momento especial, desde o primeiro dia de aulas, das teóricas às práticas, à época de frequências e a tudo o que a mesma implicava, até ao estágio, passando por todo um leque de conhecimentos, amizades, e partilhas de saber. E eis que agora chega o momento final, tão importante como os outros, mas possivelmente o mais decisivo, pois é este que me permite terminar o curso, com a possibilidade da concretização de um sonho, e a partir daqui transitar para outra etapa da minha vida.

Agradeço desde já à minha orientadora, Dr.^a Ângela Vila-Real por todo o seu saber partilhado, pelo seu empenho e compreensão e por toda a atenção disponibilizada.

Agradeço também ao Dr. Luís Ribeiro pela possibilidade de efectuar o meu estudo na escola de Portel. Agradeço igualmente aos respectivos alunos pelo seu interesse em participar no estudo. Deixo um agradecimento especial à Dr.^a Ana Rita por toda a sua disponibilidade.

À Fundação Manuel Gerardo de Sousa e Castro, com um especial agradecimento à Irmã Natália, por toda a sua simpatia, e pela forma acessível como me possibilitou trabalhar com as meninas. Não posso deixar de prestar um agradecimento especial às mesmas, pelo interesse, sensibilidade e entrega com que participaram no estudo.

À minha família, deixo aqui presente um enorme obrigado pelo amor e apoio incondicional, sobretudo aos meus pais e aos meus avós.

Um obrigado ao Pedro, por todo o seu amor, pela atenção e apoio, e pelo lugar tão especial que ocupa na minha vida.

Deixo ainda um agradecimento a todas as outras pessoas importantes que passaram por mim ao longo do curso, e que de algum modo me marcaram.

RESUMO

O presente estudo de carácter qualitativo tem como objectivo perceber a representação de família em pré adolescentes, estabelecendo parâmetros comparativos, através de um grupo de pré adolescentes expostas a violência intra familiar, divididas entre um subgrupo de violência directa e um de violência indirecta, e um grupo de pré adolescentes no seio da família de origem, não tendo sido expostas a violência intra familiar. Participaram neste estudo 28 pré adolescentes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 13 anos. Foi utilizado o Teste do Desenho da Família de Corman (1982) e, um questionário para efeito de selecção da amostra. Os resultados do estudo indicam que a representação de família nas pré adolescentes de ambos os grupos e subgrupos, apresentam características diferentes, sendo que as pré adolescentes com violência apresentam uma representação de família mais idealizada.

Palavas-chave: representação de família; pré adolescentes; violência intra familiar; institucionalização; família de origem.

ABSTRACT

This study of qualitative nature has as its main target the understanding of family representation in pre adolescents, setting comparison parameters, through a group of pre adolescents with family violence, divided among a subgroup of direct violence and indirect one, and a group of pre adolescents within the family of origin who has not been subjected to violence in the family. In this study have participated 28 female pre adolescents, aged between 12 and 13 years old. It was used the “Family drawing test” by Corman (1982) and, in addition, a questionnaire for the sample selection. The study results indicates that the family representation in pre adolescents, of both groups and subgroups, have different characteristics, where pre adolescents with violence have a representation of the family more idealized.

Key words: family representation, pre adolescents, intra family violence, institutionalization, family of origin.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
Família.....	3
Perspectiva histórica.....	3
O papel da família no desenvolvimento da criança.....	4
Maus-tratos intra familiares.....	6
Perspectiva histórica.....	6
Tipos de Maus-Tratos.....	8
Factores de Risco/Modelos Explicativos.....	10
Consequências dos Maus-Tratos.....	13
Pré Adolescência.....	16
Características da Pré Adolescência.....	16
Transformações físicas e Psicológicas na Pré Adolescência.....	17
O Pré Adolescente e o Período de Individuação.....	18
O Pré Adolescente e as Relações Familiares.....	21
Objectivos do estudo.....	24
MÉTODO.....	27
Amostra.....	27
Delineamento.....	27
Instrumento.....	27
Teste do Desenho da Família.....	27
Procedimento.....	33
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	34
DISCUSSÃO.....	48
CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
ANEXOS (disponibilizados à parte no volume II)	
Anexos.....	1
Anexo A: Carta de Consentimento Informado Fundação.....	2
Anexo B: Carta de Consentimento Informado Escola.....	4
Anexo C: Questionário Selecção da Amostra.....	6
Anexo D: Desenhos, Respostas ao Questionário do Teste do Desenho da Família e Respectiva Análise no Grupo exposto a violência intra familiar.....	9

Desenho 1.....	10
Desenho 2.....	15
Desenho 3.....	20
Desenho 4.....	26
Desenho 5.....	32
Desenho 6.....	37
Desenho 7.....	41
Desenho 8.....	46
Desenho 9.....	51
Desenho 10.....	56
Desenho 11.....	61
Desenho 12.....	66
Desenho 13.....	73
Desenho 14.....	78

Anexo E: Desenhos, Respostas ao Questionário do Teste do Desenho da Família e Respectiva
Análise no Grupo na família não exposto a violência intra familiar.....83

Desenho 15.....	84
Desenho 16.....	89
Desenho 17.....	94
Desenho 18.....	99
Desenho 19.....	104
Desenho 20.....	109
Desenho 21.....	115
Desenho 22.....	119
Desenho 23.....	123
Desenho 24.....	128
Desenho 25.....	133
Desenho 26.....	137
Desenho 27.....	141
Desenho 28.....	146

Anexo F: Resultados em tabelas dos grupos em estudo.....151

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Resultados referentes ao Tipo de Família Representada

TABELA 2: Resultados referentes ao Nível Gráfico: Tamanho do Traço e do Desenho

TABELA 3: Resultados referentes ao Nível Gráfico: Localização na Página

TABELA 4: Resultados referentes ao Nível Gráfico: Orientação no desenho

TABELA 5: Resultados referentes ao Nível das Estruturas Formais

TABELA 6: Resultados referentes às Defesas do Eu contra a Angústia

TABELA 7: Resultados referentes à Primeira Personagem Desenhada

TABELA 8: Resultados referentes à Valorização da Personagem Principal

TABELA 9: Resultados referentes à Valorização da Personagem Principal (II tabela)

TABELA 10: Resultados referentes ao Investimento Negativo nas Personagens

TABELA 11: Resultados referentes ao Investimento Positivo e Negativo nas Personagens

TABELA 12: Resultados referentes à Desvalorização nas Personagens

TABELA 13: Resultados referentes ao Deslocamento e Personagens acrescentadas

TABELA 14: Resultados referentes às Ligações e Relações à Distância

TABELA 15: Resultados referentes à Identificação

LISTA DE TABELAS EM ANEXO

TABELA 1-2: Tipo de Família Representada

TABELA 3-4-5: Nível Gráfico

TABELA 6-7: Nível das Estruturas Formais

TABELA 8-9: Defesas do Eu contra a Angústia

TABELA 10: Primeira Personagem Desenhada

TABELA 11-12-13-14: Valorização da Personagem Principal

TABELA 15-16: Investimento Positivo e Negativo nas Personagens

TABELA 17-18: Desvalorização nas Personagens

TABELA 19-20: Deslocamento e Personagens acrescentadas

TABELA 21-22: Identificações

«Nas diferentes interacções que o sujeito estabelece com o mundo, são várias as manifestações afectivas envolvidas, entre elas, o carinho, a amizade, a confiança, o amor e, também, a raiva, a agressividade e o ódio» (Alberto, I., p.17, 2006).

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objectivo perceber a representação da família em pré adolescentes do sexo feminino, comparando dois grupos, o de pré adolescentes expostas a violência intra familiar, directa e indirecta, com o grupo de pré adolescentes inseridas na família de origem, não expostas à mesma.

«Garder diz que a qualidade essencial para se ser filósofo é a capacidade de assombro; será também essa a ligação íntima das crianças com a vida, não tanto pela curiosidade que as anime perante um mundo novo, mas pelo que de admirável terá conhecê-lo pelos olhos dos pais» (Sá, 1996, p. 129).

Podemos considerar que os pais são os primeiros prestadores de cuidados, os modelos de identificação, os organizadores para a construção de identidade e os agentes de socialização da criança. O primeiro contexto em que a criança está inserida é no seio do sistema familiar, deste modo, os primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento da sua personalidade (Cordeiro, 1979). As crianças identificam os pais pela sua presença, de uma forma coerente e constante, pela maneira como falam com elas, como gesticulam, pela forma como lhes servem de porto de abrigo (Sá, 2001).

A qualidade das relações precoces condiciona a construção do relacionamento com nós mesmos e com o outro. Vamos transportar para a realidade externa, aquilo que aprendemos na realidade interna, na família, na escola, ou na sociedade em geral. As experiências dolorosamente marcantes desencadeiam uma maior vulnerabilidade estrutural, acompanhada de experiências de perda, de fragmentação, etc. Deste modo, o somatório destas vivências despoleta diferentes tipos de resposta ao nível psíquico (Strecht, 1999). Como o autor defende, com o carácter pouco constante destes modelos parentais, as crianças podem sentir-se indesejadas, no entanto previamente e subjacente a este sentimento pode estar uma experiência de ter sido afectivamente investida pelo adulto, em certos casos pode ter acontecido na realidade, embora noutros possa ter sido uma idealização defensiva da criança. Assim, os pais que não ofereceram uma atmosfera familiar à criança em que prevaleça um modelo que lhe assegure as funções afectivo-emocionais, psicológicas, sociais, não irão conseguir salvaguardar a criança em todo o seu bem-estar. A ausência destas funções que cabe aos pais desempenhar, juntamente com a presença de violência intra familiar, e posterior institucionalização, poderá promover consequências acentuadas em relação, quer ao desenvolvimento da criança, quer em relação à forma como vai assimilar a representação da sua família.

Os maus-tratos vão ter repercussões no desenvolvimento da criança e, enquanto adultos podem apresentar perturbações ao nível da organização do comportamento e da representação da própria vinculação. Caso a criança percepcione e faça a representação mental dos pais como pessoas disponíveis, que promovem experiências boas, a criança vai tender a esperar o mesmo em relação aos outros, e desta forma vai consolidando as bases de confiança e segurança em si e nos outros. Contudo, se as crianças não passaram por estas experiências e se perceberam os pais como estando pouco disponíveis, vão tender a estabelecer laços vincutivos inseguros, gerando inter relações menos positivas com elas próprias e com o mundo (Figueiredo e cols., 2001).

De acordo com o objectivo do estudo, o problema que se coloca é o seguinte: Sendo a família fundamental para a construção da identidade e autonomia e para o desenvolvimento psíquico harmonioso das crianças, quando são submetidas a atmosferas familiares nocivas, moduladas por carência e violência, estas não são direccionadas da melhor maneira para o curso normal desse processo, ou por já não estarem inseridas no seio da mesma, ou por permanecerem muitos anos sob ambientes nocivos ao seu desenvolvimento. A família assume uma importância vital para o desenvolvimento da criança, as instituições também assumem um papel importante, pois passam a substituir os cuidados parentais, e podem servir como forma de evitar que o sofrimento se perpetue, no entanto as crianças não deixam de passar por um processo de separação das figuras parentais e do seu ambiente familiar. Com efeito, parece-nos importante perceber a representação que as pré adolescentes têm em relação à família, comparativamente às que vivem no seio da sua família de origem, sem presença de violência e maus-tratos.

Interrogamo-nos se haverá diferenças na representação da família de pré adolescentes vítimas de violência intra familiar, comparando as vítimas de maus-tratos directos e de maus-tratos indirectos.

A recolha de dados para a realização do estudo foi feita através de uma escola, e de uma instituição, na qual estão inseridas crianças e jovens. As pré adolescentes com as quais trabalhamos na escola, estavam inseridas no seio da família de origem, e não tinham experiência de violência, enquanto o outro grupo de pré adolescentes encontravam-se institucionalizadas, e haviam sido submetidas a violência intra familiar.

A recolha dos dados foi efectuada através do desenho da família de Corman (1982), o qual permite que a criança deposite todas as suas projecções face à família, sendo possível

conhecer a sua família precisamente como esta a representa. Paralelamente, foi utilizada um questionário como forma de seleccionar as participantes.

Família

Perspectiva histórica

Ao longo da história, a organização familiar e o papel da criança na família vieram sofrendo modificações. Deste modo, nas civilizações antigas as crianças não eram detentoras de direitos, apenas os adultos eram defendidos e tinham direitos, assim percebe-se que o enquadramento legal para protecção de crianças seja muito recente.

A família tinha como pilar o poder paternal, deste modo a autoridade do marido em relação à mulher e filhos prevalecia, o seu poder era manifestado pelo direito de julgar, tendo poder para decidir sobre a vida ou a morte dos filhos, sobretudo no caso de serem doentes. O infanticídio, era assim uma prática corrente e autorizada (Salgueiro, 1991).

No século XVIII, a família ainda não desempenhava um papel afectivo, a maior ênfase era-lhe atribuída na componente económica, social e política, gerida pelo poder paternal. Exigindo de todos os seus membros obediência e submissão. O funcionamento da família inscrevia-se num sistema hierárquico, baseando-se na desigualdade (Danziger, 2002). Os filhos não tinham qualquer direito à concretização dos seus desejos, quem ordenava era o pai, os filhos eram apenas “partes” da família.

A partir do século XVIII, a família começa a assumir um papel importante no que toca aos afectos. O modelo aristocrático vai ser substituído pelo modelo burguês, transita-se de um pai rígido e detentor do poder, para um pai terno, que pretende desenvolver laços de intimidade e vínculo afectivo com os filhos (Danziger, 2002).

A par da evolução social e científica, o tratamento à criança foi-se alterando, sendo assim necessário, a criação de condições cada vez, melhores e mais promotoras de um desenvolvimento mais adequado. Desta forma, só em meados do séc. XX é que a criança começou a ser vista como um ser social, integrante e como uma parte importante da sociedade. Também Canha (2003), referiu que o papel da família e do ambiente familiar para o desenvolvimento da criança assumiram, a partir desta altura, uma importância crucial, tornando-se indiscutíveis.

O Papel da Família no Desenvolvimento da Criança

Como refere Benoit (1997) as crianças amadas e compreendidas pelos adultos reflectem uma propensão natural para aprender e desenvolver novas relações.

Desde o nascimento, começamos logo a classificar e a diferenciar categorias. Deste modo, damos início à «dialéctica emocional dos valores», à arte de dialogar, fazemos a distinção entre o positivo e o negativo, assim procuramos identificar as diferenças e distinguir as partes do todo, numa constante luta contra a confusão e paralelamente, contra a ambivalência. É desta forma que se processa o crescimento do ser humano tão intenso até à adolescência (Benoit, 1997).

No padrão da família, o centro do genograma é onde se encontra o eixo conjugal parental, ou seja, é quando se dá a união de duas famílias de origem. Os seus valores familiares juntam-se a todos os desejos e projectos do casal constituídos pelos dois adultos. Por consequência, o nascimento de um filho é uma realidade que implica grandes exigências à sua fragilidade e à sua potencial evolução. Os dois projectos pessoais de vida e a sua realização inscrevem-se num contexto similar, isto é, numa co-evolução estreita e, ao mesmo tempo, bastante complexa, por isso Benoit considera que após o nascimento de um filho, inicia-se a contagem do tempo.

Numa família, os pais direccionam as crianças e adolescentes a uma lenta mas progressiva maturidade, cuja confirmação será, eventualmente, a constituição de novas famílias. No sistema conjugal parental insere-se uma vasta rede de relações, tal como a família alargada e os amigos atentos. Sendo que em cada fase do crescimento individual e colectivo, cada família é confrontada com o dever de reestruturar posições (Benoit, 1997).

A família representa uma das expressões mais significativas do impulso sexual, quer directamente, através da atracção entre os sexos, que promove a união do casal, quer indirectamente através da sublimação dos instintos, fornecendo suporte alimentar aos filhos. De acordo com a psicanálise, toda a dinâmica ao nível familiar é reflexo do impulso sexual, o qual está presente nas fantasias, inicialmente vividas ao nível do inconsciente da criança, para posteriormente darem lugar a “actualizações” que vão povoar e condicionar a vida afectiva do indivíduo. As fantasias da cena primitiva e da castração são duas particularmente relevantes, e servem como alicerces para a construção do complexo de Édipo (Luzes, 1981).

O melhor lugar para o desenvolvimento da criança é no seio da família, este deve decorrer de forma saudável e harmoniosa e é necessário que se estabeleça o vínculo entre pais e filhos (Berger, 1997).

Bowlby (1973) considera que o bebé tem tendência para vincular-se especialmente a uma figura, que por norma é a mãe. O primeiro contacto e o início da experiência do bebé com o mundo e com a rede de ligações humanas deve-se a uma continuidade de atitudes e actos transmitidas pela mãe. O desempenho do papel materno é a chave para o bebé dar início à construção da sua experiência com tudo o que o rodeia (Stern, 1980). De acordo com o autor, no decorrer da sua interacção, o bebé e a mãe desenvolvem padrões intrínsecos e ambos são essenciais para a criação dos mesmos. É durante esta díade precoce, entre a mãe e o bebé, que este aprende a forma como deve estar, como reagir e interagir com um ser humano em concreto, deste modo as relações com os objectos de amor primários são determinantes para o desenvolvimento das relações numa dimensão futura.

Somente após haver um conhecimento da “língua materna” é possível reter e interiorizar a mãe ao nível do pensamento, e é a partir daí que o acesso ao Eu é passível de acontecer (Sá, 1996).

Os primeiros cuidados que asseguram a sobrevivência física e o estímulo psicológico à formação do Eu resultam da função materna. Porém, a partir do final da década de 70, o papel da função paterna começa a modificar-se, começa a assumir uma componente mais activa nos cuidados com os filhos, ao nível de suporte emocional da mãe, de suporte moral e de modelo de identificação sexual (Lamb, 1992).

Para Malpique (1990,p.27), «a evolução biopsicológica parte e assenta numa bipolaridade intrínseca: a função materna e a função paterna.» A primeira compete-lhe fornecer os cuidados primários em prol da sobrevivência física e psicológica, condição essencial à formação do Eu. Toda a dinâmica relacional que se estabelece na díade vai influenciar as interacções do indivíduo e da família. Já a função paterna oferece uma componente nova ao funcionamento psíquico, introduzindo a triangulação, e como consequência, é assim que é possível o avanço maturativo.

Com efeito, estudos relativamente recentes têm revelado que o pai também exerce influência directa sobre o desenvolvimento da criança, esta influência é derivada do apego entre pai e filho desde a primeira infância.

Neste sentido, o papel do pai na triangulação introduz a impossibilidade da relação fusional do bebé com a mãe e, simultaneamente, a sua presença ajuda a atender e a estimular as necessidades do bebé (Malpique, 1990). A presença do pai assume um carácter essencial ao nível do processo de narcisação e de uma identificação feminina coesa (Malpique, 2003).

O pai pode ser encarado como a “entidade moderadora” entre a criança e a natureza, sendo esta, símbolo da mãe primitiva (Luzes, 1981).

Azevedo & Maia (2006), enfatizam também a importância que o pai assume no que toca à proximidade e ao envolvimento em relação ao desenvolvimento e à educação dos filhos, nomeadamente no que toca à proximidade afectiva.

Com efeito, a raiz do processo de construção de identidade assenta na introjecção de aspectos das duas figuras parentais (Malpique, 2003).

Maus-Tratos Intrafamiliares

Perspectiva histórica

Há um ou dois séculos atrás podem verificar-se modos de tratamento da criança brutais, que actualmente se classificam como maus-tratos. Contudo, na altura tais procedimentos eram considerados adequados e socialmente aceites. Foram necessárias grandes alterações ao nível cultural, social, e de práticas de sensibilização, de modo a que a visão face à criança levasse ao reconhecimento da sua individualidade e dos seus direitos (Canha, 2003).

A história da violência contra a criança, converge no mesmo sentido da história da humanidade, ou seja, quanto mais recuamos no tempo, maiores são as atrocidades contra as crianças. A prática do infanticídio viria a permanecer até ao séc. XIX como procedimento para matar filhos ilegítimos e, mais recentemente, como tentativa de controlo de natalidade por motivos económicos. No séc. XVIII, foi criada a “Roda”, por norma, à entrada de igrejas ou misericórdias, onde eram colocadas as crianças abandonadas, que na maioria dos casos acabavam por morrer (Canha, 2003).

Com a eclosão da revolução industrial, emergiram grandes paradoxos sociais, pois enquanto as crianças de famílias pertencentes a um estrato sócio económico elevado eram bem tratadas, as mais pobres eram sacrificadas, sendo obrigadas a trabalhar desde idades muito jovens e com horários de trabalho sobrecarregados (Canha, 2003).

Na história da criança maltratada é importante referir o caso de Mary Ellen, EUA (1874), considerado o primeiro caso descrito na literatura, era uma criança de 9 anos que foi descoberta em clausura em casa, gravemente mal nutrida, amarrada e com indicadores de agressão física. Uma vez que não havia nenhuma associação em prol da criança e como tinham falhado todos os apelos, quer à policia, a instituições de caridade e a entidades judiciais, este caso teve a peculiaridade de ser resolvido através da ajuda da *American Society for the Pervation of Cruelty to Animals* (ASPCA), com base no argumento de que a criança também faz parte do reino animal (Canha, 2003).

Em 1959, a Organização das Nações Unidas aprovou a Declaração dos Direitos da Criança. Na década de setenta, começaram a formar-se equipas multidisciplinares, em muitos hospitais, como forma de efectuar um diagnóstico e de oferecer uma orientação às crianças maltratadas ou crianças em risco. Em 1977, Kempe fundou a *International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect* (Canha, 2003).

A aceitação de alguns aspectos da violência intra familiar nas sociedades tradicionais, de tipo patriarcal, resulta também do silêncio da maioria das vítimas, não fazem queixa, apresentam sentimentos de medo, vergonha e culpa, receio de serem desacreditadas e ainda por dependência económica. Contudo, os movimentos feministas começaram a tratar este fenómeno em público, e ainda que fossem marcados por grandes dificuldades em serem ouvidos, facilitou a denúncia de abusos, como os abusos sexuais. A violência familiar no nosso país pode verificar-se em qualquer tipo de família ou nível sócio-económico, refere que na mesma família podem coexistir vários tipos de violência, e frequentemente, quem agride foi alvo de experiências de violência na sua própria infância. Nestas situações de violência as vítimas são sobretudo as crianças, as mulheres e os idosos (Araújo, 1991).

Não sendo os maus-tratos uma problemática recente, representam um fenómeno que tem vindo a ganhar projecção, tornando-se assim cada vez mais actual (Azevedo & Maia (2006).

Tipos de Maus-Tratos

«É como se se assistisse ao nascimento de toda a violência; como se a violência humana fosse de facto *caínica* (de Caim), primeiro e sempre violência contra os seus, violência contra aqueles de quem se gosta, contra aqueles cujo amor nos submerge» (Danziger, 2002, p. 102).

Não é fácil introduzir fronteiras entre os vários tipos de maus-tratos, pois os mesmos acontecem muitas vezes ao mesmo tempo. A maioria das crianças alvo de maus-tratos sofrem-no de várias formas, como é o caso dos maus-tratos psicológicos que têm consequências físicas, e os maus-tratos físicos que têm consequências psicológicas (Figueiredo, 1998).

Embora saibamos que são poucas as vezes em que apenas um tipo de mau trato é exercido sob a criança, é necessário estabelecermos critérios e uma divisão tipológica quer para a realização de estudos ou investigações, quer ao nível da prevenção ou intervenção (Azevedo & Maia, 2006).

A violência pode manifestar-se de várias formas, maus-tratos físicos, maus-tratos psicológicos, abuso sexual, negligência, abandono, abuso da autoridade e tráfico de crianças e jovens. Podendo esta ocorrer em inúmeros contextos, nomeadamente no seio familiar, social e institucional. Pode ser exercida por um dos pais, ambos, ou outro familiar, um prestador de cuidados, uma pessoa conhecida ou um estranho (Magalhães, 2005).

Maus-tratos físicos

Esta forma de maus-tratos é provocada por parte dos pais ou de uma pessoa com responsabilidade, poder ou confiança, que exerça um dano físico no menor, tal acontece de forma não accidental. Este tipo de maus-tratos pode reflectir-se em lesões físicas de natureza traumática, doença, sufocação, intoxicação ou síndrome de Munchausen por procuração (Magalhães, 2005).

Estes comportamentos podem originar lesões de diferente gravidade, da mínima lesão às lesões fatais. Podem deixar marcas exteriores, como hematomas, fracturas, deslocações, ou podem deixar lesões internas, como lesões cerebrais, traumatismos. Para Azevedo & Maia (2006), e segundo a generalidade dos autores, este é o tipo de maus-tratos mais encontrado.

Os maus-tratos físicos inscrevem-se numa panóplia de actos agressivos, resultado de insanidade mental, mas que também podem ser resultado de uma atitude de impor disciplina ou como uma forma de educação. Sendo que não raramente, esta forma de violência provocam a hospitalização da criança ou até mesmo, a morte (Alberto, 2006).

Maus-tratos Psicológicos

O mau trato psicológico não é encarado de forma isolada, pois acaba por estar presente nas outras formas de mau trato, na medida em que cada uma tem a sua especificidade, mas todas constituem um acto de violência contra uma pessoa, e esta é atingida na sua totalidade. Desta forma, os maus-tratos por negligência, o abandono, os maus-tratos físicos e sexuais abarcam os maus-tratos psicológicos (Alberto, 2006).

Este tipo de abuso é intencional e caracteriza-se pela ausência ou inadequação de um suporte emocional e do reconhecimento das necessidades emocionais do menor. Pode traduzir-se através de insultos, desvalorização, indiferença, rejeição, culpabilização, críticas permanentes, presenciar situações intensas de violência doméstica, entre outras situações (Magalhães, 2005).

Segundo Azevedo & Maia (2006) e a generalidade dos autores, este tipo de maus-tratos ocorre com muita frequência, no entanto é muito difícil detectá-lo. Alberto (2006) aponta igualmente a mesma dificuldade, referindo que é talvez o tipo de maus-tratos que é detectado com maior dificuldade, pois acaba por se dissolver em outras formas de abuso.

Este tipo de maus-tratos inscreve-se nos maus-tratos activos, ou seja, a criança é alvo de agressões sob a forma de palavras humilhantes, que a denigrem ou mesmo por dinâmicas relacionais caracterizadas por uma inconsistência. A detecção destes casos é muito difícil devido à inexistência de sequelas físicas (Barudy, 1998).

Vários autores defendem a superprotecção como uma forma de maus-tratos, uma vez que os pais acabam por aniquilar a autonomia das crianças, decidindo tudo pelas mesmas, estas crianças tornam-se excessivamente dependentes, inseguras e pouco autónomas. Pode ser uma forma de os pais se consolarem, tentando obter alguma realização através dos filhos, e simultaneamente ser um verdadeiro desastre para as crianças, visto que as consequências deste estilo parental podem ser muito graves (Azevedo & Maia, 2006). Com efeito, é possível fazer uma analogia deste estilo parental excessivamente protector com o que Barudy (1998) designou de mães «intoxicantes».

Negligência

A negligência é a forma de maus-tratos que ocorre com maior frequência e que se instala quando há uma sistemática falha em fazer face às necessidades da criança. (Clark & Clark, 1989). Deve-se a uma postura excessivamente negligente por parte dos prestadores de cuidados em relação à própria criança, não satisfazendo as suas necessidades a nível físico, emocional, intelectual ou social (Barudy, 1998).

A negligência traduz-se numa omissão de cuidados em relação ao menor, não lhes oferecendo satisfação das suas necessidades no que toca aos cuidados básicos de higiene, alimentação, educação, segurança, saúde, afecto. Pode acontecer de forma voluntária, com intenção de causar algum tipo de dano, ou pode acontecer involuntariamente, devendo-se à carência de competências parentais (Magalhães, 2005).

Factores de risco dos Maus-Tratos e Modelos Explicativos

Os primeiros modelos surgiram nos finais dos anos 60, início dos anos 70 e predominava um conceito único relativamente aos maus-tratos. As primeiras linhas teóricas que surgiram focalizaram-se numa componente intra-individual, na qual era dado ênfase à personalidade dos pais abusadores.

Na década de 70 surgiu o modelo sociológico, como forma de fazer face às lacunas do modelo psiquiátrico, e assentava nos factores socioeconómicos como explicação para os maus-tratos. (Alberto, 2006). Pode considerar-se um fenómeno vasto e complexo, no qual se interrelacionam componentes múltiplas e contínuas, os maus-tratos resultam assim de um conjunto de factores, quer individuais, económicos, culturais e sociais, que estão em constante interacção entre si (Alberto, 2006).

O modelo sociológico:

«Os maus-tratos às mulheres e às crianças que se verificam na actualidade não são mais do que reminiscências de uma cultura patriarcal que se manteve ao longo de séculos ou milénios. Esta dominação verificava-se não só na relação do homem para com a mulher mas também na relação de pais para com os filhos, através do exercício de um autoritarismo que se alicerçava no postulado da lei do mais forte sobre o mais fraco» (Azevedo & Maia, 2006, p.77).

Este modelo está direcionado para as condições sociais que induzem o stress, influenciando assim o comportamento da família e todo o sistema de valores que levam à violência (Cantón & Cortés, 1997). De acordo com este modelo, o stress social interligado com componentes da atmosfera cultural, por acumulação, pode originar a ocorrência de maus-tratos. O desemprego, os factores económicos, são factores que poderão levar a situações de abuso. Também para Magalhães (2005), um nível sócio-económico baixo poderá ser causador de situações de maus-tratos, tal como condições habitacionais, nos quais estejam presentes situações de pobreza, más condições de trabalho, situações profissionais caracterizadas pela instabilidade e isolamento social.

Muitas investigações sugerem que a pobreza e os maus-tratos infantis estão inter relacionados, contudo investigações indicam que há muitas crianças oriundas de famílias desfavorecidas economicamente, e em que não há maus-tratos. O que tem levado autores a falar no abuso infantil em todas as classes sociais, embora continue a encontrar-se mais nas classes sócio-económicas mais baixas por serem detectadas com maior facilidade através dos serviços sociais (Cantón & Cortés, 1997).

Poucas habilidades sociais, sentimentos de inutilidade, determinados traços de personalidade, a maternidade na adolescência ou sem companheiro, são variáveis que podem contribuir para a instalação do isolamento social (Martínez Roig & D. Paul, 1993). A ausência de socialização pode desencadear uma maior propensão da família para a violência (Cantón & Cortés, 1997). A atitude social para com as crianças pode influenciar nas situações de maus-tratos, tal como a atitude social para com as famílias, e até mesmo a atitude social em relação à conduta violenta (Magalhães, 2005).

O modelo centrado na criança:

Este modelo assenta a sua base nas características e no comportamento da criança como variáveis que poderão influenciar as relações entre pais e filhos, e simultaneamente, que a criança vítima de abuso por parte dos pais, tem características que a tornam oposta aos pais, ficando assim mais exposta a situações de maus-tratos (Cantón D. & Cortés A., 1997). Segundo os autores, as crianças mais novas apresentam maior dificuldade em gerir as suas emoções, o que pode despoletar os maus-tratos contra as mesmas. Neste sentido, há investigações que indicam que as crianças mais novas apresentam um maior risco de sofrerem maus-tratos físicos como resultado da sua maior dependência dos prestadores de cuidados e

de passarem mais tempo com eles. Contudo, há estudos que demonstram que há maior prevalência de maus-tratos físicos na adolescência.

Há estudos que demonstram que a saúde e o aspecto exterior da criança são componentes que podem determinar a relação entre pais e filhos. Com efeito, Barudy (1998) defende que na sociedade actual de consumo, há um grande leque de estímulos que podem desencadear modificações nas relações de vinculação, na medida em que estas são muito mediadas pela publicidade, através de estereótipos de crianças perfeitas, o que por sua vez, poderá provocar sentimentos de frustração por parte dos pais, visto que as crianças reais não correspondem à imagem das crianças virtuais.

Estudos indicam que o comportamento da criança poderá desencadear situações de abuso infantil. No entanto, não há unanimidade, devido ao facto de muitos estudos serem transversais, o que dificulta perceber se as crianças maltratadas com o seu comportamento problemático ou duvidoso são a causa dos maus-tratos, ou se essa mesma forma de comportamento é consequência dos mesmos (Cantón, D. & Cortés, A., 1997).

O menor pode apresentar alguma vulnerabilidade em relação à sua idade e respectivas necessidades, também as características de personalidade podem ser pouco adaptadas à dos pais; a prematuridade e o baixo peso à nascença podem levar a apresentar uma maior fragilidade; tal como perturbações da saúde do foro físico ou mental e sexo do menor (Magalhães, 2005).

A criança representa, algumas vezes, um lugar preciso, a criança adulterina, a criança com deficiências motoras e psicomotoras. Surgem, muitas vezes associados, nomeadamente antecedentes de prematuridade (26%) e de hospitalizações frequentes (38%) ou de colocações de vária ordem (40%) (Marcelli, 2005).

O modelo centrado nos pais:

Actualmente, têm vindo a ser realizadas investigações em que é dado maior ênfase a certas características psicológicas dos pais abusadores, de forma a verificar como as características de personalidade, sobretudo a reactividade negativa e o estilo atribucional, podem desencadear os maus-tratos. Estas investigações demonstram que em resposta aos comportamentos da criança, os pais mal tratantes mantêm-se num estado de activação fisiológica permanente e tendem a ter uma afectividade negativa, pois interpretam o comportamento da criança como ameaçador, reflectindo-se através de grande dificuldade em controlar a irritabilidade (Cantón, D. & Cortés, A., 1997).

Pode haver uma maior probabilidade de ocorrência em pais que sofram de uma perturbação da saúde mental ou física, que constitua um handicap, ou com algum tipo de antecedentes de comportamento desviante; pais com características de personalidade marcadas pela impulsividade, vulnerabilidade ao stress e baixa auto-estima; atitudes de indiferença ou de grande ansiedade em relação às responsabilidades face à criação dos filhos, promovendo a ruptura do sistema comunicacional; antecedentes de maus-tratos na infância; idade precoce; gravidezes seguidas umas de outras; nível sócio-económico baixo e poucos conhecimentos sobre o desenvolvimento da criança; desemprego, etc. (Magalhães, 2005).

Pode existir uma maior probabilidade de ocorrência em menores cujos pais sofram de alcoolismo ou de toxicoddependência (Magalhães, 2005). Azevedo & Maia (2006), defendem igualmente, que existe uma relação entre o alcoolismo ou de outras drogas por parte dos pais e os maus-tratos efectuados às crianças, influencia gravemente a ocorrência dos mesmos. Os pais toxicoddependentes apresentam o triplo da probabilidade de exercer maus-tratos sobre os filhos, o alcoolismo está mais relacionado com os maus-tratos físicos (Cantón & Cortés, 1997).

As investigações indicam que um indivíduo vítima de maus-tratos na sua infância, durante um período longo, tem maior probabilidade de se tornar um pai maltratante, esta é também designada por transmissão intergeracional (Azevedo & Maia, 2006). Muitos pais abusadores tiveram dificuldades na infância, sendo frequente que muitos tenham sofrido experiências de maus-tratos integrados na sua educação e nas suas identificações às figuras parentais. A mãe surge bastantes vezes como apresentando fragilidades narcísicas, e como forma de reparar as carências que sofreu pode levar ao desejo de ter um filho. As perturbações apresentadas pela maioria dos pais não constituem uma categoria nosográfica específica, todavia inserem-se no âmbito das perturbações de personalidade em que a carência narcísica e a imaturidade emocional prevalecem (Marcelli, 2005).

Consequências dos Maus-Tratos

As consequências dos maus tratos não podem ser entendidas de forma isolada, mas antes encaradas no espaço e no tempo de desenvolvimento em que acontecem, paralelamente de acordo com as características das crianças, as ferramentas protectoras que têm e os seus recursos internos e relacionais (Azevedo & Maia, 2006).

Embora as investigações não cheguem a uma conclusão unânime, sabe-se que os maus-tratos podem imprimir consequências negativas, e que a sua gravidade varia de acordo com a intensidade, frequência, idade das vítimas e duração dos abusos, entre outros. (Strech, 2004; Magalhães, 2005; Azevedo & Maia, 2006).

Os maus-tratos têm efeitos de maior ou menor gravidade, podem ter um carácter reversível ou irreversível, a curto ou longo prazo no que toca ao desenvolvimento infantil e podem ter consequências ao nível do desenvolvimento físico, cognitivo, emocional, comportamental, social e moral (Azevedo & Maia, 2006), Alberto (2006) acrescenta ainda o nível patológico. Há uma possibilidade de acontecer a morte da vítima, de acontecerem consequências orgânicas (problemas de crescimento físico, doenças do foro neurológico, etc); problemas ao nível psicossocial, como: cognitivas (défice intelectual, redução do rendimento académico); afectivas (diminuição da auto-estima, medo, angústia, raiva, ideação suicida); comportamentais (problemas de relacionamento interpessoal, isolamento, agressividade, culpabilização, reprodução dos maus tratos que foi vítima nos próprios filhos, toxicodependência, delinquência); psiquiátricas (depressão, neurose, psicose e distúrbios de personalidade múltipla) (Magalhães, 2005).

Todas estas consequências podem estender-se ao desenvolvimento geral e global da criança, como uma diminuição da interacção com os outros, dificuldades no processo de separação-individuação, gerando uma desorganização na relação eu-mundo (Alberto, 2006).

Não se consegue estabelecer uma correlação entre a tipologia dos maus-tratos e as suas consequências a longo prazo, na medida em que a maioria dos casos co-existem e os maus-tratos psicológicos estão subjacentes a todos eles. Contudo, as diferentes formas de maus-tratos e os seus posteriores efeitos passam por um processo cumulativo (Magalhães, 2005).

Marcelli (2005), ao nível de consequências físicas, dá ênfase às lesões dermatológicas, às fracturas e aos hematomas subdurais, mencionando que pode afectar o estado geral, no entanto isso nem sempre acontece. Defende que algumas crianças mais velhas manifestam dois tipos de comportamento, quer uma enorme timidez aliada a um isolamento, quer a uma instabilidade aliada a atitudes desorganizadas e violentas.

No caso de crianças, que presenciam os maus-tratos entre os pais, apresentam um risco mais elevado de sofrerem de ansiedade, depressão, baixo rendimento escolar, baixa auto-estima, pesadelos, conduta agressiva e maior probabilidade de sofrerem abusos psicológicos, físicos ou sexuais (Vivian Peres Day; Lisieux Telles, e cols., 2003).

Cantón & Cortés (1997), defendem que as crianças com uma vinculação insegura podem apresentar maiores dificuldades na linguagem e na interacção social. A maioria das

investigações tem revelado uma forte relação entre a indisponibilidade dos pais maltratantes e o estabelecimento de um padrão inseguro de vinculação (Azevedo & Maia, 2006).

Estudos sugerem que o comportamento social das crianças maltratadas apresenta um modelo similar ao dos seus pais, nomeadamente comportamentos agressivos, violentos, apáticos, comportamentos inadequados face a situações de stress e poucas capacidades de socialização (Cantón & Cortés, 1997).

Os sentimentos de culpa, auto desvalorização e redução da auto-estima estão muito presentes nestas crianças. Estas adquirem não raras vezes, o sentimento de que o facto das agressões que sofrem por parte dos pais se deve a si próprias, ou porque fizeram algo que não deviam, ou porque são «crianças más». O sentimento de culpa que as assola, derivado dos maus-tratos pode originar atitudes de passagem ao acto das mesmas em relação aos pais (Marcelli, 2005).

Para o autor, as agressões dos pais em relação às crianças podem levar a perturbações na organização da própria personalidade da criança vítima, pois associadas às lesões traumáticas, podem estar lesões psicológicas em várias dimensões. Para além das perturbações de comportamento que podem apresentar, estas crianças revelam muita dificuldade em estruturar a sua identidade de uma forma coesa, subestimando as suas capacidades.

Há uma grande necessidade de manter uma representação dos pais estável e preservada, daí elas muitas vezes pensarem que a culpa dos maus-tratos seja delas próprias, sendo uma punição pelos seus erros, o que vai gerar uma auto-imagem distorcida e desvalorizada. Como consequência deste padrão relacional, ao longo do seu crescimento, a criança vai interiorizando o modelo ao qual foi habituada, baseado na relação violenta, e passa a encará-lo como se fosse normal, o que pode fazer activar o mecanismo de defesa de identificação ao agressor, agredindo todos os que a rodeiam (Marcelli, 2005).

Pré Adolescência

Características da Pré Adolescência

«Se a Bela Adormecida é o sonho cor-de-rosa da espera que a puberdade anuncia, Alice ao viver as aventuras no «País das Maravilhas», faz o percurso activo da descoberta do seu corpo, das sensações que ele desperta, vive a tristeza de algumas renúncias e acaba por se confrontar com o poder e ferocidade da rainha de copas (mãe pré genital)» (Malpique, 2003, p. 14).

A Pré adolescência consiste numa fase de desenvolvimento que decorre entre os 11 e os 14 anos de idade e em relação à adolescência propriamente dita, apresenta características próprias (Shave & Shave, 1989). Nesta fase transitória, ocorrem transformações ao nível físico, cognitivo, social e psicológico (Martins, 1996).

A Puberdade marca a entrada na Pré adolescência, do ponto de vista físico. (Martins, 1996). Este período é caracterizado por rápidas transformações corporais, devido ao processo de maturação sexual (Malpique, 1998). Em seguida, há implicações do ponto de vista psicológico, como consequência destas modificações corporais (Sprinthall, 1996), na medida em que o controlo estável sobre o esquema corporal, é bastante atingido (Malpique, 1998).

Cordeiro (1987), diferencia várias fases durante a adolescência, correspondendo a primeira às alterações corporais e psicológicas. Caracteriza-se por uma revivência do conflito edípiano, associada juntamente com de um retraimento narcísico e de retorno à posição depressiva, na medida em que é frequente o adolescente isolar-se ou partilhar com um amigo as experiências em relação a um vasto leque de imagens erotizadas que o assolam, e em relação ao seu corpo em constante mudança.

As transformações corporais que ocorrem na puberdade implicam que ocorra por parte do adolescente um reajustamento. Como consequência das alterações ao nível corporal e os caracteres sexuais primários e secundários, há uma remodelação do esquema corporal. Embora tudo isto desencadeie no pré adolescente bastante desassossego é frequente haver um interesse por parte do mesmo em relação ao seu corpo. De acordo com o significado que o pré adolescente dá ao seu corpo, assim é a forma como olha para si e para os outros (Cordeiro, 1979).

A aquisição de novas competências ao nível cognitivo vem possibilitar ao pré adolescente uma nova concepção do mundo que o rodeia, é encarado como excitante mas, simultaneamente caótico, confuso e assustador. A intensidade dos desequilíbrios cognitivos e

emocionais durante esta fase promove um egocentrismo que activa afectos muito intensos, como humilhação, vergonha. Para se protegerem da intensidade destes sentimentos, servem-se de mecanismos de defesa primitivos (Shave & Shave, 1989).

Ao nível das relações, também acontecem profundas alterações. Os objectos da infância vão sendo progressivamente desinvestidos, em detrimento de um maior investimento no grupo de pares. Tendo em consideração que a principal tarefa de desenvolvimento da Pré adolescência é a individuação, o investimento em novos objectos de amor é crucial, com o objectivo de ajudar o indivíduo na promoção de futuras relações com mais maturidade (Blos, 1962).

Este período é caracterizado por uma grande fragilidade e uma maior vulnerabilidade no que toca à estrutura psíquica do indivíduo. A necessidade de se individuar das figuras parentais, de modo a conseguir estabelecer a sua própria individualidade e o investimento em novos objectos amorosos, pode causar uma ameaça ao sentimento de coesão, equilíbrio e integridade, tudo isto leva a uma perda do suporte parental, que anteriormente servia como um auxiliar do eu (Shave & Shave, 1989).

Transformações Físicas e Psicológicas na Pré adolescência

«A puberdade (...) é uma fase crucial de mudança quer somática quer psicológica, durante a qual se operam reestruturações nucleares que vão constituir as matrizes da personalidade a consolidar ao longo da adolescência.» (Malpique, 2003, p. 27).

O crescimento físico pauta-se por avanços e paragens, desde tenra idade até à adolescência. No entanto, é precisamente nesta etapa que acontece novamente um surto de crescimento que ocorre mais cedo nas raparigas em relação aos rapazes. Considera-se o maior surto de crescimento, a seguir ao surto que acontece na infância no primeiro ano de vida. Contudo, no segundo surto, o adolescente apresenta perfeita consciência das modificações que estão a acontecer no seu corpo, embora não as consiga controlar. (Sprinthall e Sprinthall, 1996).

As mudanças características da adolescência afectam o corpo, através do desenvolvimento pubertário; o eu de cada sujeito é igualmente afectado, há alterações na vida interior, a maneira como o sujeito de vê a si próprio; ao nível da cognição; da vida social, nomeadamente ao nível das relações familiares, relações com os pares e com os professores (Martins, 1996).

O aparecimento dos seios, é encarado como um indicador de crescimento e do começo da sexualidade. Em relação ao surgimento da menarca, caso as raparigas não se encontrem

preparadas psicologicamente, pode ser encarado como um momento difícil e, mesmo traumático (Sprinthall & Sprinthall, 1996). Mesmo no caso da pré adolescente estar informada acerca da problemática, está sempre inerente um certo “choque” com a primeira vez que fica menstruada. A menarca pode assim facilitar o surgimento de algumas fantasias e angústias (Malpique, 2003).

O interesse atribuído ao corpo e todo o investimento inerente ao mesmo, é um processo bem patente neste período. Toda a experiência vivida conduz à história do passado relacional, à fantasia, sendo estes elementos essenciais para a própria organização e gestão da imagem corporal subjectiva. Esta irá representar uma base fundamental para conduzir à genitalidade e à posterior escolha do par sexual. A maneira como vai viver a auto imagem do corpo, vai influenciar fortemente a forma como vai imaginar que o sexo oposto o deseja (Coimbra de Matos, 2002).

A rapidez durante a qual ocorrem as transformações na esfera corporal, conferem sentimentos de muita expectativa e de alguma insegurança, sobretudo nas raparigas. A percepção das diferenças sexuais acentua o sentimento de ambivalência entre o desejo de se transformar em mulher, e o de continuar menina. A rapariga encontra-se demasiado focada nas modificações corporais, a edificação da sua auto-imagem está muito assente no aspecto externo, encarando-as, assim, mais ou menos como sinais visíveis da sua feminilidade (Malpique, 1998).

De acordo com a forma como interiorizam a sua diferenciação ao nível sexual, algumas raparigas, nomeadamente entre os 12 e 13 anos, podem apresentar desinibição corporal, assumindo comportamentos de provocação para com os pais e professores, ao mesmo tempo que têm comportamentos sedutores para os rapazes com idade superior, e que desvalorizam os rapazes da sua faixa etária (Malpique, 1998).

O Pré Adolescente e o Período de Individuação

«Após um longo período de imaturidade, dependência e protecção, o filho do Homem, conhece, num curto período de tempo, um surto rápido de crescimento – a puberdade – que pelas mudanças biológicas, fisiológicas, cognitivas e outras, o prepara finalmente para a autonomia. No entanto, uma longa moratória o aguarda antes do reconhecimento do status de adulto». (Fleming, 1993, p. 21).

Quando o jovem entra na pré adolescência, traz consigo uma estrutura psíquica, resultante do período de latência e por isso, mais estável. O Ego encontra-se mais fortalecido e o Superego

está mais autónomo, daí estar com mais flexibilidade e menor rigidez. As defesas também se encontram organizadas, o que possibilita o sustento das metas do Ideal do Eu. Estão, assim, edificadas as bases para procura da identidade (Malpique, 1998). Durante a adolescência, a integração do ego inscreve-se num processo emergente em que a organização dos aspectos do próprio é mais que a soma das partes e reside, precisamente na maneira em que estas estão sintetizadas, sendo isso a noção da identidade do ego. Com o trabalho da autora, percebemos que o ego tem duas tarefas além das suas funções defensivas: consolidar a autonomia através da individuação e da internalização, para seguidamente poder integrar a identidade (Josselson, 1980).

Blos (1985) refere que neste segundo processo de individuação adquirir um sentimento de si próprio caracterizado pela autonomia, ao mesmo tempo que os limites são bem definidos, é dos objectivos principais nesta fase de desenvolvimento. O mesmo autor fala em perda do Eu parental, como desempenhando funções até à fase da adolescência, prestando ajuda ao Eu infantil. Neste sentido, a perda do Eu parental iria implicar expor uma estrutura egóica, em quem o estado da mesma dependeria da forma como decorreu o primeiro processo de separação-individuação.

Para ocorrer um crescimento da autonomia, é necessário que o processo de individuação se desenvolva. E é ao longo da construção da individuação e autonomia do sujeito, que estes aspectos devem ser inseridos e assimilados na identidade do mesmo. Deste modo, a autora defende que é a complementaridade entre os conceitos de individuação, autonomia e identidade que pautam este processo (Josselson, 1980).

Pode dizer-se que a Pré adolescência é um período marcado por grandes alterações, o que implica ter que passar por instabilidade e conflitos. Gera-se alguma dissonância e momentos de tensão, pois se, por um lado, o adolescente até esta fase se sentia satisfeito pelas experiências com os progenitores, por outro, começa a sentir o desejo de alcançar a sua própria autonomia, através da separação dos mesmos, anteriormente desejados (Fleming, 1993). A pré adolescente encontra-se, assim numa fase de grande vulnerabilidade, na medida em que o suporte e os valores fornecidos pelas imagos, ficam em causa. Vive internamente o conflito de querer abandoná-los, mas receia ser abandonada, daí este período ser acompanhado por sentimentos de culpabilidade, que despoletam a alternância entre ataques e procura de reparação dos mesmos (Malpique, 2003). Instala-se assim a procura da separação das figuras parentais, e simultaneamente, a necessidade de dependência das mesmas

(Braconnier & Marcelli, 2000), embora o pré adolescente renegue o apoio do ego parental, a ambivalência tão marcada neste período, leva-o a depender do mesmo (Josselson, 1980).

Como refere Sampaio (1994, p.42), nesta fase é tão ou mais importante do que na infância, a presença dos progenitores perto dos filhos, na medida em que «o seu papel agora é o de estar atentos, de mobilizar sem dirigir, de apoiar nos fracassos e incentivar nos êxitos, em suma, estar com eles e respeitar cada vez mais a sua individualização».

Nesta fase da vida, os adolescentes começam a fazer novos investimentos, embora os pais também possam fazer parte dos mesmos, a maioria vai incidir fora do contexto familiar (Sampaio, 1994). Neste sentido, o adolescente precisa de um suporte seguro exterior à família, vai encontrá-lo no grupo de pares, onde se pode afirmar. O grupo vai facilitar a socialização, promovendo a competição, a solidariedade, e simultaneamente, regras e limites na relação entre os elementos do mesmo. São vários os estudiosos que concordam com esta perspectiva, como psicólogos, etólogos, sociólogos, no sentido em que as interações entre os pares permitem o desenvolvimento de habilidades afectivas, emocionais, cognitivas e sociais. Deste modo, é de grande importância que os pais percebam o valor positivo que o grupo de pares assume no desenvolvimento do adolescente (Relvas, 1996).

A conquista da autonomia em relação às figuras parentais, nomeadamente à figura materna é a principal tarefa na Pré adolescência. A figura materna é o primeiro objecto de amor da criança (Freud, 1917), é crucial que durante a Pré adolescência consiga fazer uma separação, de forma a se constituir como um indivíduo autónomo (Blos, 1967).

Neste período, o pré adolescente começa a entender a relação com os pais como uma possibilidade de reactivação dos conflitos edipianos (Marcelli & Braconnier, 2005). Freud foi dos primeiros autores a dar relevância à separação das figuras parentais. À luz da sua perspectiva, a necessidade de separação face ao objecto de amor arcaico apresenta como base o ressurgimento da questão edipiana na adolescência. À medida que se vai desvinculando das figuras parentais, o pré adolescente começa a investir em novos objectos de amor heterossexuais, num contexto extrafamiliar. É fundamental que isto aconteça, uma vez que sem esta tarefa desenvolvimental estar cumprida o indivíduo não pode assumir o estatuto de adulto (Freud, 1917).

As ligações edípicas, embora nunca se cortem na íntegra, vão decrescendo devido à tentativa de separação do Ego parental. Esta autonomia vai adquirindo uma certa estabilidade, simultaneamente com a diminuição do perigo de perda da continuidade e com o progressivo reconhecimento de competência. O Ego assume um papel mais defensivo, gerindo a resolução de conflitos, tentando libertar-se do controlo exterior ambiental e, ao mesmo tempo, da submissão ao Superego arcaico (Josselson, 1980). O adolescente vivencia o perigo real do conflito edípico com muita angústia, culpabilidade, e uma diminuição da auto estima (Cordeiro, 1979).

O sentimento de decepção que se instalou no adolescente pela desidealização das figuras parentais vai gerar um abalo no seu narcisismo (Fleming, 1994). Para o adolescente conseguir reestabelecer o sistema relacional em relação às imagens parentais e para reerguer o equilíbrio narcísico abalado, tem que se distanciar das mesmas como forma de se afirmar (Cordeiro, 1979). S. Freud (1917) falou no «luto» como uma forma de reagir e encarar a perda de um objecto amado, e desta forma, autores como (Cordeiro, 1979) falaram num processo de analogia entre o «luto» e a necessidade de o adolescente alcançar a autonomia em relação aos pais. Assim, o jovem adolescente, para renegar aos seus objectos de amor primários, é necessário passar por um processo de elaboração mental, de forma a evitar o sofrimento e por outro lado, para que seja possível a continuidade do seu desenvolvimento. Deste modo, o processo de luto do adolescente é indispensável para que seja possível a progressão do decorrer normal da sua evolução, e desta forma, passa a ser possível estabelecer novas relações fora do contexto familiar (Cordeiro, 1979).

O Pré Adolescente e as Relações Familiares

«Nunca se pensa como nunca se cresce sozinho e será esse o maior desafio e a suprema dificuldade das relações familiares (...) só indo ao encontro de cada um dos outros junto de nós é que aprendemos o “eu” que, por ironia, não será uma realidade individual mas uma aventura relacional e espontânea, de encontro mútuo de cada um perante a realidade do outro» (Sá, 1996, p.129).

As interações no seio do núcleo familiar são de grande importância ao nível do desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. (Fleming, 1993).

Inicialmente, a mãe é introjectada pela criança, o conforto da criança é substituído pela memória da sua mãe confortando-a. Posteriormente, ela deve identificar-se com estes introjectos e experiências de conforto como surgindo de uma parte do seu próprio self. A maioria destes processos de introjecção e identificação, formam-se ao nível inconsciente e são centrais para o desenvolvimento do ego e do super ego (Josselson, 1980).

Ao longo do desenvolvimento da criança, a ênfase atribuída à mãe tem sido enorme, na medida em que é a prestadora dos cuidados mais precoces, os quais permitem a sobrevivência física, e ao mesmo tempo, despoletam a formação do Ego (Malpique, 1998). Ao pai cabe o papel de imprimir as interdições morais, é com ele que a triangulação se inicia, e por consequência é através desta, que é possível algum distanciamento e frustração (Malpique, 1998).

É na adolescência que ocorre o segundo passo no sentido da individuação, tendo o primeiro ocorrido no segundo ano de vida. No entanto, até o adolescente conseguir alcançar a sua individuação, será necessário passar por fases em que a sua existência se encontra fragmentada (Blos, 1985).

As representações objectais dos pais vão influenciar o processo de individuação. A individuação infantil efectua-se sobre a pessoa que presta cuidados, a mãe, com efeito, no processo de individuação, a mãe já aparece como um objecto independente através do processo de interiorização. Embora os pais que a criança interiorizou não sejam questionados até ao processo pubertário, as anteriores dependências e os objectos infantis de amor e ódio, na adolescência, começam a florescer na componente afectiva. Com efeito, a desvinculação acontece sobre os objectos internos da infância, reflectindo-se de algum modo através de um grande investimento libidinal do próprio self, no entanto, o enaltecimento do eu pode esconder uma enorme vulnerabilidade narcísica (Blos, 2003).

A formação da identidade requer que o adolescente redefina as relações com os pais, rompendo a identificação com os mesmos. Como consequência, é a partir desta altura que se instala o movimento de desidealização das figuras parentais (Blos, 1985).

O adolescente faz a desidealização dos pais, e simultaneamente a idealização de si próprio, pois durante o curso evolutivo adolescente de uma fase de idealização dos pais, transita-se a uma de idealização do próprio, para caminhar em direcção ao equilíbrio da relativização (Relvas, 1996). Com efeito, a idealização de si próprio é tão importante como a idealização que elaborou sobre os pais, de forma a adquirir auto-confiança nas suas capacidades.

Também Cordeiro (1987), refere que o adolescente devido às condições inerentes do processo de maturação, necessita de se distanciar das imagos parentais, para posteriormente, ser possível inter relacionar-se com os mesmos, enquanto pais reais.

Malpique (2003), defende que através do ressurgimento do conflito edipiano, as fantasias incestuosas são activadas, o que implica um certo afastamento. Assim, é necessário elaborar o luto das imagos parentais. A elaboração do mesmo requer uma desidealização e um desinvestimento libidinal das imagos parentais (Malpique, 2003). Isto pode desencadear no pré adolescente uma diminuição narcísica do Eu, aliada a uma redução na auto-estima, pois o pré adolescente ao longo da experiência de ter que abandonar a representação internas das imagos da infância, paralelamente, teme ser abandonado, o que vai conferir um estado geral de enorme instabilidade emocional (Blos, 2003).

Com efeito, os adolescentes começam a fazer o trabalho de luto da representação interna dos pais. Malpique (2003), refere que a perda e desidealização das imagos parentais implicam, através do luto, um desinvestimento libidinal do objecto. As raparigas apresentam uma maior dificuldade em elaborar a posição depressiva, uma vez que para esta a mãe era encarada como o objecto primário e agora é necessário abandonar essa posição, tendo que separar-se dela.

O papel da família em relação aos adolescentes passa por ajudá-los na preparação para a sua autonomia, e ajudá-los a criar as bases necessárias para poderem assumir papéis adultos ao nível afectivo, social e laboral. Os pais têm um papel fundamental para os adolescentes alcançarem esta etapa com sucesso. A tarefa da família consiste em promover o equilíbrio entre valores como a responsabilidade e a liberdade, o que implica a redefinição afectiva e funcional entre pais e filhos e o voltar a centrarem-se na vida conjugal e profissional por parte dos progenitores. Isto indica que a autonomia dos progenitores em relação aos filhos é fundamental, e igualmente importante como a autonomia dos adolescentes face aos pais (Relvas, 1996).

A presença do pai é de grande importância, quer para a mãe, quer para o filho. Contudo, se, se instalar a ausência do mesmo, não significa que represente uma lacuna, depende da própria mãe e, ao mesmo tempo, da forma como o pai transmite a sua presença, e é isto que vai condicionar o próprio imaginário da criança (Malpique, 1998).

Como refere E. Kestenberg (s.d.) cit. por Cordeiro (1979), a organização da dinâmica relacional do jovem vai formar-se de acordo com o que é vivido e o que é conhecido, ou seja,

entre o seu Ideal do Eu, os imagos parentais, e as imagens fornecidas pela realidade em relação a si próprio e aos seus pais.

Os adolescentes que fizeram uma «individuação suficientemente boa» terão internalizado de forma adequada os recursos para sentir que as suas coisas e as suas vidas são exclusivamente suas. (Josselson, 1980). Neste sentido, a autora refere que a questão da individuação na adolescência, assenta no ganhar distinção e distância das figuras parentais internalizadas, transcendendo o objecto infantil de vinculação.

Objectivos do Estudo

A progressão ao longo da adolescência ao nível da construção de identidade do sujeito, embora tenha como suporte os modelos extra familiares, a identificação com as figuras parentais é o eixo central, talvez mais ainda neste período do que anteriormente. Este processo resulta da necessidade de reconhecimento do pré adolescente como sendo um ser autónomo e diferenciado dos progenitores, mas simultaneamente, ter como grande suporte a representação parental interiorizada. Assim, na construção da sua identidade o mais importante é o confronto com as expectativas em relação ao mundo externo, as quais resultam do conjunto das expectativas dos seus progenitores, do seu grupo de pares e de si próprio (Braconnier & Marcelli, 2000).

O processo de identidade resulta directamente da primeira infância, e da forma como esta foi vivida, nomeadamente no que se refere à solidez e estabilidade das relações precoces ou ao seu fracasso, ou seja, uma construção de identidade estruturada e coesa implica que as relações de objecto primárias sejam satisfatórias. A importância de um *bom objecto interno* de Klein (1933), promove no adolescente habilidade para diálogos internos, capacidade de rêverie e de sonho, tal como alguma tolerância ao sofrimento. Todavia, caso este processo ocorra de forma inversa, modulado por grandes carências, por faltas ou falhas nestas relações são ameaças para o desenvolvimento, podendo ser muito nocivas. Diniz (1989) afirma que são as experiências dos primeiros momentos de vida que vão promover a base da organização da personalidade e da noção de si própria e do mundo.

Embora o adolescente necessite de fazer o luto das imagos parentais e precise de se distinguir dos pais, as suas identificações apenas assumem um verdadeiro sentido quando inscritas na

própria família. Tal como Braconnier e Marcelli (2000) referem, o adolescente tem necessidade de se diferenciar daqueles com quem tem, igualmente, necessidade de se identificar. Neste sentido, e segundo Coimbra de Matos (2002), a presença de um *bom objecto interno*, e uma vivência «transportadora de êxitos» (pp. 78) é uma base fundamental e necessária para um crescimento psicológico harmonioso e para o próprio processo de individuação, aliados a um reforço da autonomia e a uma estruturação da auto-estima. Todavia, a sua inexistência pode provocar graves sequelas que se perpetuarão ao longo da vida e irão incidir fortemente no «remanejamento interno» do psiquismo durante a adolescência. Desta forma, uma boa relação com os objectos primários e uma boa triangulação no âmbito das vivências afectivo-sexuais da infância consideram-se condições indispensáveis para o desenvolvimento de um percurso de sucesso na adolescência.

Deste modo, o papel dos pais caracteriza-se por auxiliar, disponibilizando segurança e protecção aos filhos. No que toca à adolescência, é importante, os pais imporem limites ao adolescente vulnerável, sendo vigilantes da progressiva evolução do adolescente, de modo a que o mesmo não seja alvo de experiências traumáticas. No entanto, a inexistência de uma fonte de segurança parental, pode desencadear atitudes de desespero e levar o adolescente a sentir isso como uma perda irreversível. Com efeito, ao mesmo tempo que grita por independência e tenta mostrar a sua autonomia, o adolescente apresenta uma enorme necessidade de ter e sentir junto dele a consistência de um porto seguro, nomeadamente como os autores sugerem, necessidade de um refúgio. (Braconnier e Marcelli, 2000). Assim, e de acordo com a literatura, se as vicissitudes das dinâmicas familiares não facultam este tipo de base, podem afectar todo o desenvolvimento da criança, quer do ponto de vista afectivo, relacional, quer social e cognitivo.

De acordo com a literatura, os objectos internos assumem uma grande importância ao nível da organização psíquica do ser humano, contudo nas pré adolescentes do nosso estudo, a libertação dos objectos infantis não pode ser feita da melhor maneira, pela situação intra familiar de violência, e posterior separação das figuras parentais. De acordo com Cordeiro (2002), quando o luto não é efectuado, todos os afectos relacionados com as figuras parentais interiorizadas, continuam semelhantes, como tal deverão ser activadas defesas contra esses mesmos afectos, o que poderá imprimir perturbações na sua relação consigo próprio e com o mundo.

Tendo em conta que a família representa um pilar na vida psíquica do ser humano, e que tem uma enorme importância no desenvolvimento da criança, pois é através dela que se inicia a construção da sua personalidade e a sua relação com o mundo, ao mesmo tempo que temos em consideração, a importância dos objectos internos para a organização psíquica, pretendemos perceber se a representação de família apresenta diferenças comparando pré adolescentes vítimas de violência intra familiar, e pré adolescentes inseridas na família sem violência intra familiar. Questionamo-nos que características assumirá a representação de família nas pré adolescentes vítimas de violência directa e indirecta.

Hipóteses

Hipótese 1: As pré adolescentes inseridas na família sem violência têm uma representação de família mais positiva que as pré adolescentes com violência.

Hipótese 2: As pré adolescentes com violência indirecta têm uma representação de família mais positiva que as pré adolescentes com violência directa.

Hipótese 3: As pré adolescentes com violência têm uma representação da figura paterna mais positiva que da figura materna.

Hipótese 4: As pré adolescentes inseridas na família sem violência têm uma representação da figura materna melhor que da figura paterna.

MÉTODO

Amostra

A amostra é composta por 28 pré adolescentes do sexo feminino com idades compreendidas entre os 12 e 13 anos: 14 submetidas a violência intra familiar, 8 com violência directa, 6 com violência indirecta, e 14 que não foram submetidas a violência intra familiar e permanecem no seio da sua família de origem. A recolha da amostra foi efectuada na Fundação Manuel Gerardo de Sousa e Castro, em Beja, para constituir o grupo de pré adolescentes expostas a maus-tratos, e no Agrupamento Vertical de Portel, para constituir o grupo de controlo. As pré adolescentes vítimas de violência, encontram-se na instituição entre 1 e 2 anos, sendo a primeira vez que acontece, e embora pouco, mantêm algum contacto com os pais. A composição da amostra foi realizada através da amostragem não aleatória por conveniência.

Delineamento

Este estudo é de carácter comparativo. A recolha de dados foi realizada num único período de tempo e os mesmos foram submetidos a uma análise qualitativa.

O estudo é composto por dois grupos de pré adolescentes, o grupo em que as mesmas foram alvo de violência intra familiar, e o grupo em que não foram submetidas a violência intra familiar e vivem inseridas na família de origem.

Instrumento

De acordo com os objectivos deste estudo, utilizamos um instrumento de natureza projectiva, o Desenho da Família de Corman (1982), e como complemento um questionário, de forma a nos facilitar a selecção da amostra.

O Desenho da Família de Corman é um teste de personalidade, que nos permite proceder a uma interpretação com base na lei da projecção.

A primeira parte da vida de uma criança é passada junto da família e é um período de grande importância. É com os pais, irmãos e irmãs que a criança faz as suas primeiras experiências de adaptação, é também com eles que os problemas psicogénitos que se produzem na esfera afectiva ou na esfera intelectual, funcionam como relatório, quer dos conflitos edipianos, quer

dos conflitos de rivalidade fraterna. Os efeitos destes problemas são visíveis, todavia a causa mais profunda fica normalmente escondida. E esta causa profunda é frequentemente inconsciente, não sendo do conhecimento dos pais, nem mesmo da própria criança, visto que as censuras educativas colocam um interdito sobre uma parte da personalidade. (Corman, 1982)

Para se perceber se há um conflito entre um membro da família e a criança, deve colocar-se a criança em situação de nos revelar os seus sentimentos mais íntimos, a maneira como vive no seu interior a sua relação com a pessoa em questão. Assim, é necessário que a criança consiga exprimir-se livremente. Desta forma, surge o desenho como forma de expressão livre. O desenho da família, em particular, permite uma projecção da criança que vai para além das reformulações no seu inconsciente, podendo revelar-nos os verdadeiros sentimentos que tem para com os seus familiares. (Corman, 1982)

De acordo com Corman (1982), o pedido feito pelo técnico é muito importante, caso seja pedido “desenha a tua família” a criança pode sentir-se obrigada a fazer um desenho claramente objectivo, respeitando a ordem cronológica, as verdadeiras características de cada um dos membros e as relações estabelecidas no seio familiar. No entanto, ao dar uma indicação como “ desenha uma família que tu inventes”, esta vai permitir uma maior subjectividade e a criança vai deixar-se influenciar pelo seu estado afectivo, pelos seus sentimentos, pelos seus desejos, as suas crenças, atracções e repulsas. Ao desenhar a sua família, a criança vai projectar-se, e conseqüentemente exprimir a subjectividade, sendo assim não existem diferenças significativas entre ambas as indicações, no entanto quando a criança é afastada da sua própria família torna-se mais fácil a projecção de significados verdadeiramente pessoais. Segundo M. Porot o mais importante é conhecer a representação que a criança faz da sua família e não o que ela é exactamente (Corman, 1982)

Segundo Maurice Porot (1965) reconhece-se que um teste projectivo é bom quando este permite obter dum sujeito uma projecção da sua personalidade global, consciente e inconsciente, acerca de um material pouco estruturado, mas o suficiente para permitir a análise dessa personalidade com os resultados obtidos e comparativamente com os resultados dos sujeitos do grupo padrão. O desenho da família corresponde na íntegra a estas exigências, o que faz dele um bom teste projectivo. M. Porot diz ainda, que a principal figura a ser desenhada pela criança, é normalmente a personagem mais importante aos olhos dela.

Este é um teste de fácil e rápida aplicação, tal como a interpretação. Facilmente bem aceite pelas crianças e adolescentes. Só pode ser aplicado a idades iguais ou superiores a 5 ou 6 anos. Relativamente ao material, é necessário apenas uma mesa, uma folha de papel branca e um lápis.

Após a elaboração do desenho, é sugerido à criança que explique o que fez, definindo as personagens, caracterizando as funções, o género, a idade e as relações existentes. Posteriormente, é pedido à criança que refira as suas preferências e aversões em relação aos diversos personagens representados no seu desenho e ainda, que se identifique com um personagem, isto é, que escolha aquele que ele gostaria de ser.

De acordo com Corman (1982), existem três níveis de interpretação dos elementos formais:

Primeiro nível: O *Nível Gráfico*, dirige-se à forma como o sujeito utiliza o lápis e traça pontos, rectas e curvas. Dentro deste nível é analisado o tipo de traço quanto à sua *amplitude ou tamanho*, ou seja, um traçado amplo que ocupe uma grande parte da página revelam uma boa difusão e extroversão, ao invés, de um traçado pouco amplo, que assinala uma diminuição da expansão vital aliada a uma grande tendência para a inibição. Também foi analisado o tipo de traço quanto à sua *força*, este verifica-se através da espessura do traço e na marca que atinge no papel. Um traçado forte significa libertação dos instintos, grande impulsividade ou violência, enquanto que um traçado mais fraco assinala fracos impulsos, inibição instintiva ou timidez. Esta disposição em excesso pode desencadear desenhos de personagens muito grandes, que tendam a passar a folha. Igualmente importante é analisar a *orientação* ao nível da produção no desenho, analisando-se se o sujeito desenha da esquerda para a direita, que é o processo natural de movimento, ou da direita para a esquerda, que indica um movimento de regressão. Com efeito, é importante analisar se o sujeito é dextro ou canhoto, sendo dextro e utilizando o movimento da direita para a esquerda revela uma grande regressão, o que pode, pode imprimir perturbações psicológicas. A *localização* na página, é importante analisar também, pois se o desenho for realizado na zona inferior da página refere-se aos instintos de conservação da vida, sendo mais representado nas pessoas deprimidas. Se for efectuado na zona superior da página assiná-la uma maior imaginação e criatividade. Sendo ainda a parte da esquerda correspondente ao passado, e a parte da direita ao futuro.

Segundo nível: reporta-se às *Estruturas Formais*, este refere-se à perfeição apresentada no desenho, e esta pode relacionar-se com a maturidade do sujeito que desenha. Estão presentes neste nível dois *tipos de apreensão do real*, o tipo sensorial e o tipo racional. O primeiro tem a ver com a forma de espontaneidade do sujeito, apresentando frequentemente linhas curvas,

como forma de mostrar a sua vitalidade, estas reflectem um grande dinamismo de vida. O segundo reporta-se a uma maior inibição, apresentando alguma inflexibilidade, através de desenhos pouco dinâmicos, personagens isoladas, com mobilidade diminuída, com detalhes precisos e expressando linhas direitas e mais rectas. Obedece a regras mais severas, as quais reduzem a espontaneidade vital do sujeito. Há casos em que podem haver desenhos mistos, nos quais, ambas as situações estão presentes, podendo representar situações intermediárias.

Terceiro nível: O *Nível do Conteúdo*, nele ressaltam as tendências afectivas, subdividem-se entre positivas e negativas. As positivas incluem sentimentos de amor e admiração que levam o sujeito a atribuir valor ao objecto que privilegia; as negativas incluem sentimentos de desvalorização que despromovem o investimento no objecto, reflectindo-se uma desvalorização no desenho. (Corman, 1982).

O indivíduo em que o desenho imprime a *família real*, obedece ao princípio da realidade, ao contrário do indivíduo que expressa no desenho a *família imaginária*, este reporta-se ao princípio do prazer-desprazer. Estes dois princípios opostos representam os fundamentos da conduta humana.

As defesas usadas em situações patológicas derivam, em geral, de um mecanismo de negação de uma realidade penosa, difícil para o sujeito de ser suportada. São designadas de *defesas do Eu contra a Angústia*. Com efeito, se o sujeito auto-percepciona alguma ameaça pode excluir alguém do desenho, isto acontece com frequência em relação aos irmãos, através do mecanismo de negação da existência, não o desenhando; ou através da inversão de papéis, colocando-se na posição de mais novo; ou ainda através de um mecanismo de identificação com o rival (Corman, 1982).

As defesas do Eu contra a angústia abarcam a primeira personagem desenhada, as ligações entre as personagens, as personagens mais valorizadas, as personagens menos valorizadas, personagens acrescentadas, as identificações com as mesmas, e o tipo de família expressa através do desenho.

Segundo o autor, o domínio das forças instintivas, nomeadamente as agressivas e sexuais, estão sob a alçada do Ego. Sempre que a projecção destas forças instintivas é muito grande pode gerar uma intensa angústia no sujeito, e como consequência a defesa do Eu entra em acção através da negação da pulsão que induz sentimentos de culpabilidade. Como é uma pulsão que provém do interior do consciente é transferida para o inconsciente, no entanto, sempre que tentar entrar no nível consciente requer de mecanismos de defesa como a

projecção, onde é atribuído a outro tudo o que o sujeito possui de mau; e no deslocamento, através do desenho de animais, em detrimento do desenho do sujeito.

A Angústia de culpabilidade, encontra-se, segundo o autor, perante o Superego. É este quem crítica, quem censura e quem pune. Deste modo, no desenho para decrescer a angústia de culpabilidade, o sujeito pode representar-se através de uma forma pequena, por baixo dos outros, à margem da página, ou até não se desenhar sequer. E sempre que isto ocorrer significa que o sujeito apresenta uma forte angústia de culpabilidade.

De acordo com a psicanálise, a pessoa em que o sujeito atribui a maior ênfase emocional, é a pessoa com a qual se identifica, quer seja de forma consciente ou inconsciente. Deste modo, a *personagem mais valorizada* é, com frequência, a que é desenhada em primeiro, é nela que pensa em primeiro lugar. Habitualmente, esta é representada por uma das figuras parentais. No caso da primeira personagem a ser desenhada ser uma criança, indica que nela são cristalizadas as principais aspirações do sujeito, e que deseja ocupar o seu lugar. Sempre que é o próprio sujeito a desenhar-se em primeiro, pode assinalar uma forte tendência narcísica. Isto acontece muitas vezes, pela falta de possibilidade de o sujeito fazer investimentos nas figuras parentais ou outras figuras da família, devido a causas conflituais, obrigando o sujeito de elaborar uma regressão narcísica sobre si próprio.

A personagem principal valorizada é desenhada em maior tamanho; por um maior cuidado; pelo tempo gasto na elaboração da mesma; pela maior presença de pormenores e particularidades; é a preferida no questionário e é a mais investida, através de uma grande carga afectiva.

O mecanismo de defesa mais primitivo nega a realidade à qual o sujeito não se consegue adaptar, a negação reflecte-se no desenho através da exclusão da fonte de angústia. Deste modo, surge a *desvalorização da personagem*. Assim, a desvalorização de uma personagem, quando não se revela pela inexistência do sujeito no desenho, traduz-se pelo tamanho menor; a personagem pode ser colocada em último, muitas vezes na margem da folha, afastada das outras ou abaixo delas; é desenhada com um cuidado menos apurado, com falha de pormenores importantes; personagem depreciada por estimação pejorativa, com uma mudança na idade ou não a designar pelo nome ao invés das outras personagens. Uma forma de desvalorização é riscar a pessoa à posteriori de a ter colocado no desenho, isto pode revelar um conflito entre uma tendência projecta, mas imediatamente interdita pela censura do Eu.

Em relação às *personagens acrescentadas*, o sujeito pode utilizar o deslocamento para fazer face à culpabilidade que sente. O sujeito pode recriar a atmosfera familiar, elaborando personagens imaginárias que fazem o que o sujeito não ousa fazer. O sujeito pode estar ausente do desenho, na medida em que se pode ter projectado na personagem acrescentada. Com efeito são várias as formas que podem ser assumidas pelo sujeito:

A personagem acrescentada pode ser um bebé, no qual recaem grandes tendências regressivas, sempre que o sujeito se identifica com um bebé reporta-se a uma altura em que ainda não era assolado pelo conflito de ansiedade, assinalando uma época em que seria feliz. O conflito de rivalidade entre irmãos é deste modo, resolvido muitas vezes através de movimentos regressivos. A personagem acrescentada pode ser um sujeito mais velho; pode também ser um duplo, ou seja, este pode ter uma idade e um sexo similar, mas também pode não ser, o que revela uma das tendências às quais o sujeito não pode exprimir-se de forma directa; ou um animal.

As *ligações e relações* estabelecidas pelo sujeito no seu desenho, pode reflectir a forma como ele próprio vê as suas relações. A aproximação de duas personagens no desenho assinala a intimidade vivida ou desejada pelo sujeito. A intimidade assume um carácter mais relevante caso, as personagens se toquem na mão, se abracem ou brinquem juntas. Se as personagens se encontram distantes umas das outras revela dificuldade em estabelecer relações com o resto da família. No que toca sobretudo aos pais, se a criança os desenha distantes dela, pode indicar um relacionamento difícil com os mesmos.

Relativamente às *identificações*, estas apelam à dimensão consciente do sentimento de identificação, ou seja, à consciência de si próprio, no entanto, o Superego pode impedir a denúncia da identificação desejada secretamente, não permitindo que as tendências se manifestem.

Segundo Corman (1982), existem três tipos de identificação:

1ª: a identificação de realidade;

2ª: a identificação de desejo;

3ª: a identificação de defesa.

Desta forma, a identificação de realidade reporta-se à representação do próprio sujeito e declara ser “Eu” no desenho, ou seja, estamos perante o mecanismo de identificação do Eu. Quanto à identificação de desejo acontece quando o sujeito se projecta na ou nas personagens que satisfazem mais as suas tendências confessáveis, Identificação de Si. A identificação de

defesa reporta-se, regra geral, ao impulso que simboliza o Superego, quando a criança desenha alguém que representa a sua própria agressividade e identifica-se com o adulto que pune, é assim designada por Identificação do Superego.

A análise do desenho incidiu também no tipo de família reproduzido no mesmo. Sempre que o sujeito represente o real de forma objectiva, assiná-la uma prevalência do princípio da realidade em relação ao princípio do prazer. Quando a família reproduzida no desenho é imaginária, consiste numa projecção da própria percepção do sujeito em relação à mesma. A subjectividade assume a predominância, como tal é essencial considerar a família imaginária como forma de o sujeito expressar no desenho as suas disposições afectivas.

O questionário serviu como forma de seleccionar a amostra para o estudo, facultando-nos, ao mesmo tempo, alguns dados para perceber o contexto e a vivência de cada pré adolescente. As perguntas que compõem o mesmo foram prévia e cuidadosamente formuladas com o objectivo de fornecerem elementos para a selecção dos participantes.

Procedimento

Contactámos a Fundação Manuel Gerardo de Sousa e Castro, em Beja, na qual se encontram institucionalizadas crianças e adolescentes carenciados, vítimas de vários tipos de violência intra familiar. A Fundação mostrou receptividade no sentido de colaborar com o estudo. Para ser possível constituir o grupo de crianças inseridas na família de origem sem violência, contactámos uma escola, o Agrupamento Vertical de Portel, o qual foi bastante receptivo a participar no estudo.

Na Fundação Manuel Gerardo de Sousa e Castro, depois de aceite por parte das responsáveis pela mesma, perguntámos também a cada uma das pré adolescentes se era a sua vontade participar no trabalho em questão. Assim, foi-nos disponibilizada uma sala para ser possível realizar o nosso trabalho. Deste modo, a passagem do Teste do Desenho da Família e do questionário decorreu numa atmosfera empática, e a privacidade de cada participante foi totalmente salvaguardada. Foi aplicado o Teste do Desenho da Família de Corman (1982), assim foi entregue a cada participante uma folha de papel em branco e um lápis, dando-se a instrução: “Desenha uma família, uma família da tua imaginação”.

No Agrupamento Vertical de Portel, foi escrita uma carta de consentimento para ser entregue por parte dos directores de cada turma com os quais trabalhámos, aos pais de cada aluna.

Após as autorizações, o director de cada turma disponibilizou-nos uma sala, para ser realizado o trabalho, o mesmo foi efectuado durante as aulas de formação cívica. O procedimento foi semelhante ao acima referido em relação à aplicação do Teste do Desenho da Família. No final apresentámos o nosso agradecimento pelo contributo das pré adolescentes no presente estudo.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Através da análise do Teste do Desenho da Família de Corman (1982) foram retirados os seguintes resultados em relação aos grupos em estudo:

Tipo de família	Pré-Adolescentes com violência		Pré-Adolescentes família origem	Total
	Violência directa	Violência indirecta		
Família Real	5	5	11	21
Família Imaginária	3	1	3	7

Tabela 1: Resultados referentes ao tipo de família representada

Começámos por verificar os resultados obtidos pelas pré adolescentes de ambos os grupos face ao tipo de família representado no desenho. Deste modo verifica-se que a família real foi mais representada que a família imaginária nos grupos em estudo. Em relação ao grupo de pré adolescentes com violência directa e indirecta, ambos representam em maior número a família real.

Relativamente ao Nível Gráfico, os resultados totais de ambos os grupos foram os seguintes:

		Nível Gráfico				
		Tamanho do Traço		Tamanho do Desenho		
		Forte	Fraco	Grande	Médio	Pequeno
Pré Adolescentes com violência	Violência directa	3	5	1	5	2
	Violência indirecta	2	4	2	3	1
Pré Adolescentes Família de Origem		8	6	4	9	1

Tabela 2: Resultados referentes ao Nível Gráfico: Tamanho do traço e do desenho

Verificámos que ao nível gráfico, no que se refere ao tamanho do traço, no grupo de pré adolescentes com violência o tipo de traço predominante é o fraco, ao contrário do outro grupo, em que o traço forte é predominante. Particularmente no que diz respeito ao subgrupo de violência directa e indirecta, apresentam ambos em maior número um tipo de traço fraco.

Em relação ao tamanho do desenho, os desenhos de tamanho médio assumem a supremacia em todos os grupos, embora no subgrupo com violência directa seja seguido de mais desenhos pequenos, e com violência indirecta de mais desenhos grandes. Em relação ao grupo de comparação, é seguido de uma prevalência de desenhos de tamanho grande.

		Nível Gráfico				
		Localização na Página				
		Cima	Baixo	Centro	Direita	Esquerda
Pré Adolescentes com violência	Violência directa	0	4	5	1	2
	Violência indirecta	1	5	5	1	1
Pré Adolescentes Família de Origem		2	12	8	1	5

Tabela 3: Resultados referentes ao Nível Gráfico: Localização na página

Quanto à localização na página, quer o grupo exposto a violência, quer o grupo na família sem violência, apresentam em maior número os desenhos em baixo e ao centro. Em relação aos subgrupos com violência directa e indirecta, há mais desenhos no cima da folha, ao

mesmo tempo que também há mais em baixo, no subgrupo com violência indirecta que no outro subgrupo. Verificam-se apenas dois casos com desenhos localizados à direita no grupo exposto a violência, e um, no outro grupo. Quanto à localização à esquerda está muito mais evidente no grupo de comparação.

		Nível Gráfico		
		Orientação no desenho		
		Esquerda-Direita	Direita-Esquerda	Mista
Pré Adolescentes com violência	Violência directa	6	1	1
	Violência indirecta	6	0	0
Pré Adolescentes Família de Origem		12	2	0

Tabela 4: Resultados referentes ao Nível Gráfico: Orientação no desenho

Em relação à orientação no desenho, não existem diferenças nos grupos, pois apresentam uma prevalência da orientação da esquerda para a direita. No subgrupo de violência directa há um caso da direita para a esquerda e um misto, e no grupo de controlo dois casos da direita para a esquerda.

Relativamente ao nível das Estruturas Formais os resultados totais em ambos os grupos são os seguintes:

		Pré-Adolescentes com violência		Pré-Adolescentes família origem
		Violência directa	Violência indirecta	
Nível das Estruturas Formais	Sensorial	5	4	11
	Racional	3	2	3

Tabela 5: Resultados referentes ao Nível das Estruturas Formais

As pré adolescentes, no total, expressam uma apreensão do real com base no tipo sensorial. No entanto, essa característica é mais expressa no grupo de comparação, no qual se registam onze sujeitos que expressam características do tipo sensorial, e apenas três de tipo racional.

No grupo exposto a violência, o tipo sensorial aparece em maior número no subgrupo de violência directa.

A análise que respeita às Defesas do Eu contra a Angústia reparte-se em duas, a angústia proveniente do exterior e a angústia proveniente do interior.

		Angústia Proveniente do Exterior			Angústia Proveniente do Interior		
		Em relação a irmãos			Regressão	Substituição	Retorno contra si dos impulsos agressivos
		Negação Existencia	Inversão Papéis	Identificação Rival	-	-	-
Pré Adolescentes com violência	Violência directa	3	0	2	2	0	3
	Violência indirecta	3	0	2	0	0	2
Pré Adolescentes Família de Origem		6	0	8	3	2	3

Tabela 6: Resultados referentes às Defesas do Eu contra a Angústia

Quanto à totalidade, quer no grupo exposto a violência quer no grupo de comparação, a maioria das pré adolescentes nega a existência dos irmãos, seguidamente identificam-se com o rival, no que toca à inversão de papéis não se verificou nenhum caso. Em relação ao grupo com violência apresentam uma negação da existência de irmãos equivalente ao grupo de comparação, verifica-se o mesmo número em ambos os subgrupos de violência directa e indirecta. Encontram-se diferenças em relação à identificação ao rival, o grupo na família sem violência evidencia mais essa característica que o outro grupo.

O mecanismo de regressão é mais utilizado no grupo de comparação, onde se verificaram três pré adolescentes que recorreram ao mesmo. No grupo com violência, estas defesas não aparecem tão evidentes, aparecendo apenas dois casos de regressão, assinalados no subgrupo com violência directa.

O mecanismo de substituição apenas se verifica no grupo de comparação, o mecanismo de projecção não se verifica.

O retorno contra si dos impulsos agressivos, verifica-se em maior número no grupo exposto a violência, destacando-se mais no subgrupo com violência directa.

Relativamente às Tendências e Defesas do Eu procuramos verificar o que respeitava à Valorização da personagem principal, à Desvalorização de outra personagem, ao Deslocamento e Personagens Acrescentadas, às Ligações e Relações à distância e às Identificações.

Personagens	Primeira Personagem Desenhada		
	Pré-Adolescentes com violência		Pré-adolescentes família origem
	Violência directa	Violência indirecta	
Pai	2	1	8
Mãe	2	2	4
Própria	1	1	1
Filha	1	0	1
Irmã	1	1	0
Avó	1	0	0
Avô	0	1	0

Tabela 7: Resultados referentes à Primeira Personagem Desenhada

A personagem principal reporta-se à que foi desenhada em primeiro lugar, a maior, a desenhada com maior cuidado, com maior presença de detalhes e a personagem preferida.

A figura desenhada em maior número, em primeiro lugar é a mãe, no grupo com violência, em igual número, em ambos os subgrupos; seguida do pai, verificando-se em maior número no subgrupo com violência directa; e depois em igual número, em ambos os grupos, da própria e da irmã. Apenas um sujeito no subgrupo de violência directa desenhou a filha e outro a avó, e o avô no subgrupo com violência indirecta. Em relação ao grupo de comparação, verificámos que a figura da família desenhada em primeiro foi o pai, com alguma diferença em relação à mãe, e apenas um caso em que é desenhada a própria, e outro a filha.

		Pré-Adolescentes com violência		Pré-Adolescentes família origem	
		Violência directa	Violência indirecta		
Valorização da Personagem Principal	Personagem Maior	Mãe	2	1	4
		Pai	3	2	6
		Pais	0	1	3
		Irmão (ã)	1	0	0
		Própria	0	1	0
		Avó	0	1	0
		Igual proporção	1	0	1
		Nenhuma	1	0	0
	Personagem mais cuidada	Mãe	1	2	4
		Pai	2	2	3
		Filha	1	0	2
		Própria	0	1	1
		Irmão(ã)	0	0	0
		Avó	1	1	0
		Igual proporção	2	1	6
Nenhuma		1	0	0	

Tabela 8: Resultados referentes à Valorização da Personagem Principal

Valorização da Personagem Principal	Personagem mais detalhes	Mãe	0	3	2
		Pai	3	1	1
		Filha	1	0	1
		Própria	0	1	0
		Avó/Avô	1	1	0
		Igual proporção	1	1	5
		Nenhuma	2	1	6
	Personagem Preferida	Mãe	3	0	3
		Pai	0	2	1
		Pais	1	0	1
		Filha	1	1	2
		Própria	0	0	3
		Irmão(ã)	1	1	3
		Prima	0	0	1
		Todos	2	3	0
		Animais	0	1	0
	Investimento Positivo	Mãe	2	1	5
		Pai	1	3	1
		Pais	1	0	0
		Filha	1	1	2
		Própria	1	1	4
		Irmão(ã)	2	1	4
		Prima	0	0	1

Tabela 9: Resultados referentes à Valorização da Personagem Principal II

No que respeita à personagem maior, é a figura paterna que aparece com maior frequência face à figura materna, quer no grupo com violência, com maior incidência para o subgrupo com violência directa, quer no grupo de comparação.

A personagem mais cuidada, no grupo com violência é o pai, três no subgrupo com violência directa, e dois no subgrupo com violência indirecta; seguido da mãe. Em relação ao grupo de comparação, a figura mais cuidada é a mãe, seguida do pai e da filha.

A personagem com mais detalhes, no grupo com violência é o pai, com mais incidência no subgrupo com violência directa; seguido da mãe, verificando-se apenas no subgrupo com violência indirecta, e igualmente três sujeitos não fazem referência a nenhum detalhe nas personagens. No grupo comparativo, a mãe é a figura com mais presença de detalhes.

Relativamente à personagem preferida, no grupo com violência, a prevalência incide em “todos”, seguido da mãe no subgrupo com violência directa, no grupo de controlo é a mãe, a própria e o irmão.

A personagem com maior investimento positivo, no grupo com violência é o pai, expresso com mais frequência no subgrupo com violência indirecta, sendo que a mãe e os irmãos se encontram com um investimento equivalente, com maior destaque no subgrupo com violência directa. No grupo comparativo é a mãe, seguida da própria e do irmão (ã).

	Investimento Negativo		
	Pré-Adolescentes com violência		Pré-Adolescentes família origem
	Violência directa	Violência indirecta	
Mãe	1	1	1
Pai	3	1	9
Própria	1	0	1
Filha	1	0	0
Irmão (ã)	1	0	1
Nenhuma	1	1	2
Avô	1	0	0
Avó	0	2	0

Tabela 10: Resultados referentes ao Investimento Negativo

A personagem com maior investimento negativo é a figura paterna, sobretudo no grupo de comparação. No grupo com violência, a figura paterna também aparece com um investimento negativo face às outras figuras, nomeadamente no subgrupo com violência directa.

Personagens	Investimento Positivo			Investimento Negativo		
	Pré-Adolescentes com violência		Pré-Adolescentes família origem	Pré-Adolescentes com violência		Pré-Adolescentes família origem
	v. directa	v. indirecta		v. directa	v. indirecta	
Mãe	2	1	5	1	1	1
Pai	1	3	1	3	1	9
Pais	1	0	0	0	0	0
Própria	1	1	4	1	0	1
Filha	1	1	2	1	0	0
Irmão (ã)	2	1	4	1	0	1
Prima	0	0	1	0	0	0
Nenhuma	0	0	0	1	1	2
Avô	0	0	0	1	0	0
Avó	0	0	0	0	2	0

Tabela 11: Resultados referentes ao Investimento Positivo e negativo nas Personagens

Verificámos que o investimento nas figuras familiares no grupo com violência, no total, é mais positivo do que negativo. Comparativamente com o grupo de controlo, este apresenta igualmente um maior investimento positivo em relação às personagens. No que toca ao grupo exposto a violência, em particular, o subgrupo com violência directa, apresenta um investimento negativo superior ao investimento positivo, ao contrário do subgrupo com violência indirecta.

No que respeita ao investimento nas figuras parentais, de uma forma mais específica, constatámos que o grupo com violência, investe mais na figura paterna, tanto positiva como negativamente. O subgrupo com violência directa expressa um investimento mais negativo em relação ao pai, enquanto o subgrupo com violência indirecta apresenta um investimento mais positivo. O investimento face à figura materna não é expresso de forma tão relevante, embora se verifiquem diferenças, no grupo com violência o investimento positivo é maior. O subgrupo com violência directa investe de forma mais positiva na mãe do que o subgrupo com violência indirecta. No que respeita ao grupo na família de origem, verifica-se um investimento positivo superior ao investimento negativo, nomeadamente em relação à figura materna face à figura paterna, ao contrário do que acontece no grupo exposto a violência.

As Tendências e Defesas do Eu, no que respeita à Desvalorização de uma personagem, foram analisadas de acordo com os elementos em falta no desenho, os elementos mais pequenos, a colocação da personagem em último, a desenhada com menos cuidado, e a que se encontra distante ou por baixo das outras.

		Pré-Adolescentes com violência		Pré-Adolescentes família origem	
		Violência directa	Violência indirecta		
Desvalorização	Elementos em falta	Irmão	2	0	2
		Própria	1	2	2
		Irmã	3	0	5
		Mãe	0	1	0
	Elementos mais pequenos	Própria	1	0	0
		Irmão(ã)	0	0	1
		Filha	0	1	0
	Colocação em último	Mãe	2	0	4
		Pai	2	2	5
		Própria	2	1	1
		Filha	1	0	1
		Filho	0	0	1
		Irmão	1	2	2
		Tio	0	1	0
	Desenhado com pouco cuidado	Pai	1	1	2
		Pais	1	0	0
		Filha	2	1	1
		Irmã	1	1	0
		Irmão	0	0	1
		Própria	1	0	1
		Avô paterno	0	1	0
		Tia	0	1	0
		Tio	0	1	0
		Todos	1	0	0
		Avó	0	1	0
	Colocação abaixo ou mais distante	Mãe	0	0	1
		Pai	0	1	0
		Irmão(s)	0	7	0
Tio		0	1	0	
Filho		0	0	1	
Filha		2	1	0	
Todos		0	0	1	

Tabela 12: Resultados referentes à Desvalorização nas Personagens

O elemento em falta no desenho foi, com maior prevalência a própria e a irmã, no grupo com violência, e no grupo comparativo, os irmãos e irmãs. No subgrupo com violência directa, também está bem patente a ausência de irmãos e irmãs, no subgrupo com violência indirecta tal não se verifica. Quando há uma prevalência em eliminação da própria pessoa, pode ser

indicador de se sentir pouco integrada na família, em relação à eliminação de irmãos, pode ser indicador de alguma rivalidade fraterna, desta forma, podem tentar colmatá-la, eliminando-os.

Quanto aos elementos mais pequenos, no subgrupo com violência directa verifica-se apenas um caso como sendo a própria, no subgrupo com violência indirecta também apenas se verifica um caso em relação a uma filha, e um caso de um irmão, no grupo de comparação.

Os elementos colocados em último, aparecem em maior número no grupo com violência, começando pelo pai, seguido da própria, e dos irmãos, em relação ao grupo comparativo verificou-se que o pai foi colocado em último mais vezes, seguido da mãe. A própria e a mãe foram colocadas em último com maior frequência no subgrupo com violência directa.

O elemento desenhado com pouco cuidado no grupo com violência foi a filha, seguida da irmã e do pai. No grupo de comparação os elementos desenhados com menos cuidado foram os filhos (uma filha e um filho), e pai. Em particular, no subgrupo com violência directa, o elemento desenhado com menor cuidado, com mais frequência foi a filha.

Os elementos colocados distantes ou por baixo, com maior prevalência foram os irmãos, no subgrupo com violência indirecta; seguidos de três casos, dois no subgrupo de violência directa, e um de violência indirecta, em que foi a filha. No grupo de comparação não há prevalência de nenhum elemento.

Não verificámos presença de estimação pejorativa em ambos os grupos. Quer as pré-adolescentes com violência, quer as inseridas na família sem violência, nomeiam todos os elementos presentes nos desenhos, como tal não assinalamos a categoria pertencente ao não designado pelo nome.

As Tendências e Defesas do Eu quanto ao deslocamento e às personagens acrescentadas apresentam-se da seguinte forma:

		Deslocamento e Personagens Acrescentadas				
		Bebé	Pessoa mais nova	Pessoa mais velha	Duplo	Animal
Pré-Adolescentes com violência	Violência directa	0	0	0	0	0
	Violência indirecta	0	0	0	0	0
Pré-Adolescentes Família de Origem		0	3	0	0	0

Tabela 13: Resultados referentes ao Deslocamento e Personagens Acrescentadas

No total da amostra, verificámos que a defesa de acrescentar personagens apenas operou no grupo de comparação, havendo a presença de três casos em que é acrescentada uma pessoa mais nova.

Relativamente às Relações e Ligações no desenho, o sujeito expressa através das personagens a forma como vê as suas próprias ligações e relações.

		Tendências e Defesas do Eu		
		Ligações e Relações à Distância		
		Proximidade	Afastamento	Misto
Pré Adolescentes com violência	Violência directa	3	4	1
	Violência indirecta	2	0	4
Pré Adolescentes Família de Origem		9	3	2

Tabela 14: Resultados referentes às Ligações e Relações à Distância

Constatámos que há uma prevalência de proximidade entre os elementos da família, quer no grupo com violência, quer no grupo de comparação. No subgrupo com violência directa, há no entanto, um maior número de relações de afastamento, enquanto que no subgrupo com violência indirecta, as mesmas não se verificam. Foi adicionado uma subcategoria, denominada mista, para inserir os casos em que no desenho estava patente tanto o critério de proximidade de umas figuras face a outras, e simultaneamente, figuras mais afastadas. Deste modo, é no subgrupo com violência indirecta, em que é mais evidente este tipo de relações, onde figuram ambos os tipos.

Quanto à Identificação os resultados foram os seguintes:

		Pré-Adolescentes com violência		Pré-Adolescentes família origem
		Violência directa	Violência indirecta	
Identificação Consciente	Realidade	3	4	9
	Desejo ou Tendência	4	2	5
	Defesa	1	0	0

Tabela 15: Resultados referentes à Identificação

No que toca à Identificação, a nível consciente, verificámos que a identificação de realidade é superior à de desejo/tendência em ambos os grupos. Em relação aos subgrupos, no de violência indirecta é onde se verificam mais identificações de realidade, embora a diferença seja mínima. A identificação de defesa apenas se verifica no subgrupo com violência directa. A identificação de realidade é superior no grupo de comparação. A identificação de desejo/tendência assume prevalência no grupo com violência, sobretudo no subgrupo com violência directa.

Em síntese:

O tipo de família mais representado nos grupos em estudo foi a família real.

Ao Nível Gráfico:

- Em relação ao tamanho do traço, no grupo exposto a violência há uma supremacia do traçado fraco, ao contrário do que se verifica no grupo de controlo, em que predomina o traçado forte.
- Em relação ao tamanho do desenho, verificámos uma prevalência de desenhos de tamanho médio nos grupos em estudo. No entanto, são seguidos de mais desenhos grandes no grupo de comparação, e de mais desenhos pequenos no subgrupo com violência directa.
- Quanto à localização do desenho, verificámos que a maioria dos desenhos se encontram localizados em baixo e ao centro, nos dois grupos e subgrupos. No entanto há uma prevalência de desenhos, quer em cima, quer em baixo, no grupo de comparação face ao grupo com violência.
- Relativamente à orientação do desenho, constatámos uma maior incidência da esquerda para a direita nos dois grupos, e subgrupos.

Ao Nível das Estruturas Formais:

- Verificámos uma prevalência do tipo sensorial sobre o tipo racional. Contudo, o tipo sensorial assume maior destaque no grupo de comparação, seguido do subgrupo com violência directa.

Ao Nível das Defesas do Eu contra a Angústia:

- Proveniente do Exterior: a negação de irmãos é a defesa que aparece com a mesma incidência nos grupos em estudo; a identificação com o rival assume destaque no grupo de comparação; não há presença de inversão de papéis; o mecanismo de regressão é mais utilizado no grupo de comparação, seguido do subgrupo com violência directa.
- Proveniente do Interior: a substituição verifica-se somente no grupo de comparação; não verificámos nenhum caso de projecção; o mecanismo de retorno contra si dos impulsos agressivos prevalece no grupo exposto a violência, nomeadamente no subgrupo com violência directa.

Tendências e Defesas do Eu:

- Valorização dos personagens: no grupo com violência, sobretudo no subgrupo com violência directa, a personagem mais valorizada é o pai; no grupo de comparação é a mãe, seguida da própria e do irmão.
- Em relação ao investimento nas personagens: há um maior investimento positivo em ambos os grupos. Apenas no subgrupo com violência directa, o investimento negativo é mais acentuado.
- Desvalorização das personagens:
- Elementos em falta: no grupo exposto a violência: própria e irmãos, no subgrupo com violência directa: irmãos; no grupo de comparação: irmãos.
- Elementos mais pequenos: no subgrupo com violência directa: própria; com violência indirecta: filha; grupo de comparação: irmão.
- Elementos colocados em último: no grupo com violência e no grupo de comparação: pai; no subgrupo com violência directa: mãe e própria.
- Elemento desenhado com pouco cuidado: a/o filha/o em ambos os grupos e subgrupos.
- Elementos colocados distantes/em baixo: no grupo com violência: irmãos; no grupo de comparação não se verifica.
- Deslocamento e Personagens acrescentadas: apenas há personagens acrescentadas no grupo inserido na família sem violência.
- Ligações e Relações à distância: as relações de proximidade operam mais, em geral, nos dois grupos. No entanto, no subgrupo com violência directa as relações de

afastamento são mais marcadas, enquanto as mistas assumem destaque no subgrupo com violência indirecta.

- Identificações ao nível consciente: a identificação de realidade é superior nos dois grupos. No subgrupo de violência indirecta: identificação de realidade; no subgrupo de violência directa: identificação de desejo/tendência.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O tipo de família que prevalece, em ambos os grupos é a família real. Estes dados evidenciam que o princípio da realidade opera sobre o princípio do prazer, por inerência à idade e à própria fase em que se encontram, este tipo de funcionamento parece assumir um lugar de destaque. Mesmo no caso das pré adolescentes expostas a violência intra familiar, embora tenham sido expostas a atmosferas violentas, e actualmente estejam longe da família, não deixam de a representar com base na realidade. Todavia, neste grupo parece haver uma interdição ou inibição subjacente à livre manifestação das tendências do próprio.

Relativamente ao nível gráfico, o grupo com violência apresenta uma supremacia de traço fraco, face ao grupo de comparação. Isto parece indicar que as pré adolescentes expostas a violência apresentam uma maior inibição dos impulsos, um maior retraimento, ao invés do grupo de comparação, no qual impera uma maior expansão e expressividade através de traços mais marcados. Tal como Corman (1982) defende, a dificuldade em fazer prevalecer a sua posição poderá manifestar-se através de traços mais fracos, com pouca acentuação. Isto pode justificar-se pelo facto destas crianças viverem em circunstâncias que lhes promovem maior vulnerabilidade, e por consequência uma menor auto-confiança. Servindo como contraponto do grupo de comparação, no qual prevalece um traço forte, o que segundo Corman (1982) significa audácia, pulsões fortes, maior libertação dos instintos.

Quanto ao tamanho do desenho, os desenhos de tamanho médio prevalecem nos grupos em estudo. No entanto, verifica-se um maior número de desenhos de tamanho grande no grupo de comparação, e um maior número de desenhos de tamanho pequeno no subgrupo com violência directa. De acordo com Corman (1982), um desenho grande é sinónimo de maior expansão, enquanto que um desenho de tamanho pequeno revela pouca expansão e uma inibição das suas tendências, o que parece estar em consonância com o que referimos acima, e de acordo com a situação vivida pelas pré adolescentes do nosso estudo.

No que toca à localização do desenho, há uma prevalência de desenhos em baixo e ao centro nos grupos estudados. Segundo Corman (1982), a zona de baixo da folha reporta-se aos instintos primordiais de conservação da vida. A parte média da folha pode revelar algum equilíbrio. Todavia, verificam-se mais desenhos localizados no cimo da folha, no grupo de comparação do que no grupo com violência. De acordo com o mesmo autor, esta é a parte que pertence à expansão, a uma maior imaginação, deste modo, é perceptível haver mais desenhos em cima no grupo inserido na família sem violência, estas capacidades são, provavelmente, mais estimuladas e mais preservadas do que no outro grupo.

Há mais desenhos localizados à esquerda que à direita nos grupos estudados, embora se verifiquem mais desenhos localizados à esquerda no grupo de comparação. Como Corman (1982) refere a zona esquerda da folha representa o passado, com efeito, estes dados parecem indicar que o grupo com violência tem menos desejo de regressar ao período da infância.

Em relação à orientação no desenho, há uma supremacia da esquerda para a direita nos grupos estudados, todavia, encontraram-se dois casos no grupo de comparação a desenhar da direita para a esquerda, um no mesmo sentido no subgrupo com violência directa, e um misto neste subgrupo. A orientação da direita para a esquerda constitui a excepção, no entanto, esta orientação, segundo Corman (1982) revela uma tendência regressiva da personalidade.

Relativamente ao nível das estruturas formais, os desenhos de tipo sensorial prevalecem sobre os desenhos de tipo racional. Contudo, os desenhos de tipo sensorial encontram-se mais representados no grupo na família sem violência e no subgrupo com violência directa. Estes dados parecem indicar que, nomeadamente nos grupos acima referidos, houve uma supremacia da expansão, do movimento, das ligações, sobre a rigidez e inibição, características do tipo racional. No grupo inserido na família sem violência, parece ser natural prevalecer este tipo de desenho, pois revela que privilegiam as ligações entre os membros da família, e uma dinâmica em que domina o movimento e a acção. No subgrupo com violência directa parece mais surpreendente, embora os mecanismos de defesa maníacos possam justificar a dominância deste tipo de desenho, como Strecht (1999) defende. Esta similaridade entre os diferentes grupos parece mostrar que algumas pré adolescentes utilizam mecanismos semelhantes, ainda que tenham vivido situações familiares divergentes.

Em relação às Defesas do Eu contra a angústia, verifica-se uma prevalência do mecanismo da negação de irmãos nos grupos em estudo, seguido do mecanismo de identificação com o rival, assumindo prevalência no grupo inserido na família sem violência. O facto de ambos os grupos e subgrupos, utilizarem o mecanismo da negação de irmãos, parece acentuar que, embora o papel da fratria no seio da família também seja importante, na medida em que são

os irmãos que ajudam a contribuir para o processo de identificação, nomeadamente os mais velhos, podendo mesmo servir como modelos de substituição dos pais (Malpique, 1998). As relações com os irmãos também são ambivalentes, alternando sentimentos de amizade, com sentimentos de ciúme e inveja, e por outro lado, ainda podem funcionar como uma base para deslocar os conflitos com os pais (Zimmerman, 1999). O grupo exposto a violência, embora utilize consideravelmente o mecanismo de negação de irmãos, no questionário aplicado à posteriori do desenho, falam muito dos mesmos, ainda que muitas pré adolescentes não os representem, o que parece evidenciar, mais uma vez, a presença de sentimentos ambivalentes em relação aos mesmos. Sobretudo, as que vivem na Fundação com as irmãs, referem-se a elas como elo de ligação familiar e suporte afectivo, possivelmente como forma de colmatar a ausência das figuras parentais.

O mecanismo de identificação com o rival, encontra-se mais acentuado no grupo de comparação, o que indicia uma menor identificação com o outro no grupo com violência, provavelmente pelas relações familiares serem pautadas por uma menor solidez, ao invés do que acontece no grupo de comparação, no qual haverá, conseqüentemente, uma maior identificação com o outro.

O mecanismo de regressão assume maior relevância no grupo de comparação. Apenas se verifica em número reduzido no subgrupo com violência directa. O facto de o grupo com violência, se apoiar menos neste mecanismo, parece indicar o desejo de as pré adolescentes caminharem para a frente, como uma fuga, não mostrando desejo em voltar à infância, marcada por momentos dolorosos de violência. Strecht (2002) defende que para estas crianças, reviver alguma parte do passado pode gerar uma grande dor, quer a nível presente, quer futuro, o que parece justificar estes resultados. Embora, através do questionário para selecção da amostra, seja visível o seu desejo de voltar a estar com a família, revelam que querem estar com a mesma, mas tal como a idealizam, expressando um desejo de que toda a atmosfera de maus-tratos se possa ter extinguido. Querem voltar a estar com a família que têm idealizada, isto está patente na pergunta: “achas que isso ainda acontece?” (em relação à violência intra familiar), a grande maioria refere que pensa que não.

Verificam-se dois casos no grupo de comparação que utilizam o mecanismo de substituição. O grupo com violência não recorre a tal mecanismo, o que parece dever-se, ao facto de viverem num contexto diferente da atmosfera familiar convencional, uma vez que vivem numa instituição, na qual não há presença de elementos masculinos, apenas femininos, deste modo, o contacto com tais figuras é praticamente inexistente.

Relativamente ao mecanismo de retorno contra si dos impulsos agressivos, aparece com maior relevância no grupo com violência, com maior destaque no subgrupo com violência directa. O facto deste mecanismo ser mais utilizado pelo grupo com violência, sobretudo, no subgrupo com violência directa, parece estar ligado ao facto de recorrerem a mecanismos de negação, denegação e idealização (Strecht, 1999), apresentando, uma desvalorizando de si próprias, em detrimento de outros elementos da família, idealizados. Muitas não se desenham a elas próprias, outras desenham-se com menor cuidado. Crianças que foram alvo de privações afectivas de vária ordem, apresentam angústia, necessidade de afecto e sentimentos de vingança, os quais provocam culpa e depressão (Bowlby, 1981). Ao invés disto, os pais que oferecem maior disponibilidade emocional, que são mais calorosos e atentos, estabelecendo limites com clareza, têm filhos com maior auto confiança e com maior auto-estima (Lyytinen & Poikkens, 1998). Isto parece justificar o facto do grupo na família de origem sem violência, utilize menos este mecanismo, ao contrário do que está patente no grupo exposto a violência, no qual a família é pautada pela disfunção. Por norma, gera sentimentos de vergonha nos próprios filhos, uma falta de sentido ou de inadequação, tal como uma falta de valor próprio (Strecht, 2002), daí que, com frequência, se culpabilizam pela situação em que se encontram. A humilhação do sujeito submisso à agressividade de outrem, gera uma auto-desvalorização e desencadeia, não raras vezes, a vítima em crer que merece ser castigada, ou passar por experiências dolorosas (Guerra & Azevedo, 1989).

Os resultados respeitantes às defesas do eu por valorização, indicam que no grupo com violência, nomeadamente no subgrupo com violência directa, a personagem mais valorizada parece ser o pai (personagem maior, mais cuidada e com mais detalhes) enquanto que no grupo de comparação parece ser a mãe (mais cuidada, com mais detalhes, preferida). Isto parece confirmar as hipóteses 3 e 4. No entanto, especificamente, em relação à primeira figura desenhada, no grupo com violência foi a mãe, ainda que a diferença seja mínima em relação ao pai, no grupo na família de origem, o pai assume um lugar de destaque. Os dados em relação à valorização da personagem, mostram que, embora sempre tenha sido atribuído à mãe um papel de destaque na relação com o filho, parece que, quer os cuidados da mãe, como os do pai são absolutamente necessários para o bebé, e para se tornar um adulto saudável (Winnicott, 1975). A qualidade que se estabelece na relação com o pai assume uma importância crucial no equilíbrio psíquico e afectivo dos filhos (Balacho, 2003). Os filhos desenvolvem vinculações, tanto com a figura paterna como com a materna, relativamente na mesma altura durante o primeiro ano de vida. Muitas crianças têm preferência pela mãe em

relação ao pai, porque muitas vezes, a mãe continua a tratar mais da criança, embora essa tendência possa ser invertida caso o pai partilhe essas funções com a mãe, de forma equivalente (Balanchó, 2003) e é o que parece acontecer com estas pré adolescentes. No caso do grupo com violência, o subgrupo com violência directa, assume uma maior valorização da figura paterna no que toca ao tamanho, ao aspecto cuidado e aos detalhes, provavelmente porque a relação com a mãe ficou marcada por um desgaste afectivo-emocional, na medida em que era suposto a mãe oferecer um suporte afectivo e estabilidade emocional à filha mas como isto não se verifica, e a criança é exposta a situações de maus-tratos, poderá promover menor confiança na figura materna, e uma consequente idealização da relação com a figura paterna (De Antoni & Koller, 2000b). Uma mãe com medo e deprimida vai encontrar-se com menos espaço intrapsíquico, e vai transmitir menos segurança e confiança para a relação com os filhos (Strecht, 2004). Bowlby (1981) fala da “privação de mãe”, quando se refere aos maus-tratos, nomeadamente quando há negligência da figura materna, e no mesmo sentido, Winnicott (1983) fala da ausência de um “ambiente suficientemente bom” no que toca à lacuna instalada pela carência de afectividade, segurança e protecção à criança. Isto poderá explicar o facto da figura paterna aparecer mais valorizada no grupo exposto a violência.

Quanto ao investimento positivo, o pai também assume um lugar relevante, nomeadamente no subgrupo de violência indirecta, enquanto a mãe e os irmãos se encontram com um investimento equivalente no subgrupo de violência directa.

Em relação ao grupo na família de origem, a mãe é mais investida positivamente, seguida da própria e do irmão. Isto parece denotar o que foi referido acima, no sentido, em que o grupo com violência parece ser mais vulnerável, com menor auto-estima, e acaba por investir mais nas figuras parentais, ou nos irmãos, através de mecanismos de negação, clivagem e idealização (Strecht, 1999). Ao invés do grupo na família de origem, a sua auto-estima, permite-lhe investir nos pais, mas também em si próprias.

Em relação ao investimento nas figuras familiares parece haver diferenças nos subgrupos, o grupo com violência directa apresenta um investimento negativo superior. Ainda que este apresente mais investimentos negativos, no total dos grupos, o investimento positivo é superior, o que parece reflectir um desejo de serem tratadas e amadas pelas figuras parentais. Embora sejam objectos ambivalentes, de amor e de ódio, o papel dos pais na vida dos filhos, assume uma enorme importância, quer vivam no seio da família ou fora dela. Contudo parece haver uma maior idealização das figuras parentais no grupo exposto a violência intra familiar, nomeadamente nas pré adolescentes expostas a violência indirecta, parecem apresentar uma

representação de família mais positiva face às expostas a violência directa, isto confirma a nossa hipótese 2.

Embora se encontrem semelhanças em determinados aspectos, verificámos muitas características diferentes no presente estudo:

Apesar de graficamente, a figura paterna aparecer muito investida, em termos afectivos é a figura materna que aparece com maior investimento positivo, ao mesmo tempo que é eleita como a preferida, no grupo inserido na família de origem sem presença de violência. No grupo com violência, a figura materna é a primeira figura a ser desenhada e a preferida, contudo é a figura paterna que aparece mais investida graficamente, e com uma valorização superior, em termos afectivos. No caso destas pré adolescentes, há mais casos de mães que descuidam, que não tratam, que “deixam” maltratar, daí que a figura materna não apareça tão investida neste grupo. Provavelmente, o vínculo relacional entre a mãe e a filha, não foi desenvolvido de forma tão estruturada como no caso do grupo na família de origem.

Ainda no que respeita às tendências e defesas do eu, os resultados em relação à desvalorização indicam que no grupo com violência, houve uma prevalência de falta da própria e de irmãs no desenho, o que indicia auto-desvalorização, recorrendo mais a mecanismos de retorno contra si própria dos impulsos agressivos, o que parece derivar de fortes sentimentos de culpa associados à situação que vivem; no que toca à figura fraterna, parece enfatizar a rivalidade e ambivalência vivida com a mesma. No grupo na família de origem, também está patente a conflitualidade fraterna, indiciada pela eliminação dos irmãos. Relativamente aos deslocamentos e personagens acrescentadas, apenas se verificam no grupo na família de origem, acrescentam pessoas mais novas. Isto poderá sugerir tendências regressivas mais acentuadas, o que denota algum interesse em regressar à infância. No grupo com violência tal não se verifica, na medida em que, como foram alvo de experiências dolorosas, parecem ter preferência em viver o presente, e desejar um futuro ao lado da família idealizada, não voltando à infância, a qual é ilustrada por inúmeras situações de dor.

Relativamente às ligações e relações à distância, é importante ressaltar o subgrupo com violência directa, o qual é pautado por mais relações de afastamento. Estes dados parecem revelar que há uma maior dificuldade em estabelecer relações de aproximação coesas nestas raparigas, provavelmente pela própria inconsistência das relações familiares.

Foi acrescentada uma subcategoria, denominada mista, para inserir os casos em que estava patente, em simultâneo, tanto a proximidade de umas figuras face a outras, como o afastamento entre outras. É no subgrupo com violência indirecta, que o tipo misto é mais acentuado. Isto indicia que estas pré adolescentes, conseguem ultrapassar com menos dificuldade a barreira do afastamento, alternando um tipo de relação com o outro, possivelmente por não terem sido expostas directamente à violência intra familiar, não necessitam de recorrer com tanta frequência ao afastamento, sendo mais permeáveis ao contacto. De acordo, com a literatura as relações de aproximação pressupõem relações de intimidade, ou que é experienciada, como o caso do grupo na família de origem, ou que está apenas presente na vida imaginária e no seu desejo, como é o caso do grupo com violência. Daí que, possivelmente, as relações de proximidade sejam mais homogéneas no grupo na família.

Ao nível da identificação a nível consciente, verificou-se que as pré adolescentes fazem mais identificações de realidade em ambos os grupos. A identificação de defesa apenas se encontra no subgrupo com violência directa. A identificação de desejo/tendência assume maior ênfase no grupo com violência, nomeadamente no subgrupo com violência directa. Estes dados indiciam que a personalidade das pré adolescentes encontra-se em construção, mas já se apresenta relativamente estruturada. Neste sentido, Freud (1914) defende que a passagem do auto-erotismo para o plano narcísico acontece devido à identificação com o objecto, e paralelamente, com a formação do eu. Deste modo, o ego vai formar-se como autónomo e diferente do objecto, a partir da integração em si próprio das componentes de um objecto com o qual mantenha uma relação de eleição. Assim, o ego forma-se através do estabelecimento de uma relação com o qual o indivíduo se possa identificar. Goldgrub (2001) fala do termo “objectivar-se”, e que este deve ser encarado como sendo a primeira identificação, na qual a criança se encontra numa posição de objecto, o que promove a passagem do indivíduo, da dimensão auto-erótica para a narcísica.

Embora a identificação de realidade prevaleça em ambos os grupos, o grupo com violência apresenta mais identificações de desejo/tendência que o grupo de comparação, o que parece indicar que as primeiras têm mais necessidade de identificação de desejo/tendência, talvez por não terem estabelecido uma relação privilegiada que lhes permitisse incorporar as características do objecto de forma sólida, ao contrário do que parece acontecer com as pré adolescentes na família.

Após a análise dos resultados verificámos que existem diferenças relevantes em relação à representação de família nos grupos em estudo. Embora a maioria das pré adolescentes, quer no grupo com violência, quer no grupo inserido na família de origem sem presença da mesma, valorize a família, parece haver uma maior idealização da família no grupo exposto a violência, o que não confirma a nossa hipótese 1.

Verificámos que o subgrupo com violência indirecta tem uma representação de família mais positiva em relação ao subgrupo com violência directa, o que confirma a nossa hipótese 2.

Verificámos que o grupo na família de origem tem uma representação da figura materna mais positiva face ao grupo exposto a violência, no qual está patente uma representação mais positiva da figura paterna, o que confirma as hipóteses 3 e 4.

CONCLUSÃO

Colocámos inicialmente a hipótese dos grupos estudados apresentarem diferenças na representação de família por viverem situações familiares distintas, esperando que as pré adolescentes na família sem violência apresentassem uma representação de família mais positiva que as pré adolescentes expostas a violência. Verificámos que se encontram diferenças relevantes na representação de família. O grupo com violência embora tenha assistido a maus-tratos entre os pais, ou tenham sido as próprias alvo dos mesmos, ao mesmo tempo, que as relações foram pautadas pela descontinuidade, manifestam uma maior idealização ao nível da representação de família, isto pode ser confirmado através da análise dos desenhos. Estes resultados levam-nos a concluir que, embora uma família possa ser muito disfuncional e destruturada, a criança não deixa, por isso, de a considerar a sua família, pelo contrário, parece manifestar ainda uma idealização maior em relação à mesma. Mesmo perante um ambiente familiar violento, acreditam que os acontecimentos anteriores não vão repetir-se. Deste modo, a idealização familiar parece prevalecer, e tal como Strecht (1999) refere, é um dos mecanismos mais utilizados, como salvaguarda do mundo interno. Apesar de serem bem cuidadas na instituição, as meninas esperam ansiosamente pelo dia em que podem ir ver a família ou em que a mesma as possa ir visitar. Manifestam o desejo de voltar para perto dos pais, isto poderá verificar-se devido ao facto de as crianças que passam por situações dolorosas de maus-tratos apresentarem uma tendência enorme para proteger os elementos familiares envolvidos, o que pode acabar por conferir sentimentos ambivalentes em relação aos mesmos (Strecht, 1998). Acabam, muitas vezes por desculpabilizá-los, culpando-se a si próprias pela situação de maus-tratos que viveram.

Estes dados parecem confirmar o facto das pré adolescentes expostas a violência utilizarem com maior destaque a defesa de retorno da agressividade sobre si próprias, esta assumiu prevalência particularmente no subgrupo com violência directa. Da mesma forma que tendem a idealizar as figuras parentais, as crianças expostas a violência, invertem esse sentimento contra elas mesmas, culpando-se e desvalorizando-se (Strecht, 2002). A negação de irmãos foi a defesa mais utilizada, de igual modo, pelos grupos em estudo, o que parece evidenciar sentimentos ambivalentes em relação aos mesmos, como Lacan (1938) refere o *complexo de intrusão* é gerado por uma co-existência no mesmo sítio, e no qual são evidentes os ciúmes na relação entre a fratria. Todavia, a defesa mais utilizada no grupo de comparação, foi a identificação com o rival, o que indicia que as relações familiares são mais sólidas e coesas neste grupo, e como consequência será mais fácil haver uma identificação com o outro. O

mecanismo de regressão assume maior relevância no grupo de comparação, o grupo com violência parece recorrer menos a este mecanismo, o que indicia o desejo das pré adolescentes se direcionarem para o futuro, não voltando a olhar para o passado, pautado pela disfunção e violência, neste sentido Strecht (2002) refere que para estas crianças, reviver alguma parte do passado pode gerar uma dor intensa.

Encontram-se assim, diferenças na relação com as figuras parentais nos grupos em estudo, possivelmente por terem vivido situações muito distintas, e terem construído a sua organização psíquica sobre alicerces diferentes. Desta forma, podemos concluir que as pré adolescentes com violência directa valorizam mais a figura paterna face à figura materna, comparativamente com o grupo na família sem violência e com o subgrupo de violência indirecta. Estes resultados vão de encontro ao estudo de De Antoni & Koller (2000b), no qual também está patente uma idealização do pai, derivada a um desgaste na relação com a figura materna, que deveria ocupar o lugar de prestadora de cuidados, todavia como não desempenha este papel, as crianças tendem a desvalorizá-la, e a deixar de confiar na mesma. Fonseca (1995) defende que o facto de o pai não estar presente fisicamente, não significa que haja uma ausência simbólica do mesmo. As pré adolescentes expostas a situações de violência tendem a manifestar alguma dificuldade em distinguir a realidade que vivem da sua realidade imaginária, idealizada. O autor refere ainda que as raparigas tendem a idealizar a família para se defenderem da dor provocada pela realidade de maus-tratos. Desta forma, a idealização da família pode contribuir para lidarem de forma mais positiva com toda a situação. No grupo sem exposição à violência, há uma maior valorização da figura materna, o que parece justificar-se pelo facto da mãe estar mais presente, de oferecer mais afecto, e de não ser uma mãe que maltrata ou “ se deixa” maltratar, ao contrário do que parece acontecer no grupo exposto à violência, e por isso mesmo, acabam por não apresentar tanto uma valorização desta figura em termos afectivos.

Muitas crianças não pertencem a ninguém, não têm uma família estável, coesa, que lhe transmita modelos seguros, ficam assim a navegar à deriva, e entregues à sorte. As crianças expostas a violência, e no caso destas pré adolescentes, que deixam de estar perto dos pais, desenvolvem-se, muitas vezes, sob a falta de confiança nos adultos, contudo pode surgir a negação do lado mau, juntamente com a idealização da mãe ou pai, como uma forma de manter a esperança, através de uma saída mágica. (Strecht, 1999) refere assim, que as defesas que as acompanham com mais frequência são a maníaca, a denegação da realidade e a

idealização. Strecht (2002), defende que a clivagem afectiva pode acontecer, colocando uma brecha entre a componente emocional, e a componente das representações mentais.

Relativamente aos subgrupos de violência directa e indirecta também estão patentes diferenças, o subgrupo com violência directa investe mais negativamente nas figuras parentais, indiciando uma representação de família do subgrupo de violência directa menos positiva face ao de violência indirecta. Estes resultados parecem indicar, de acordo como pensávamos, que a violência directa tem um impacto mais negativo na representação de família. Strecht (2004) refere que as crianças e adolescentes que vivem e assistem constantemente à violência entre os pais irão ficar com marcas profundas, que reflectir-se-ão ao longo da sua vida. No entanto, é importante contextualizar cada caso, simultaneamente com a idade, duração e intensidade do que viveram, e possivelmente também esses são factores que influenciam a representação das crianças e adolescentes face às figuras parentais. Magalhães (2005) defende que os maus-tratos são mais graves para crianças e jovens, pois existe uma ruptura no sistema familiar ao nível da confiança e da segurança, o que vai representar uma verdadeira ameaça para o desenvolvimento do menor. Segundo a literatura, quer os maus-tratos observados, quer os directamente perpetrados sobre o próprio conferem consequências negativas para o sujeito, contudo pensamos que os directos influenciariam mais negativamente a representação de família por serem vividos na pele, nos quais a fuga era inevitável, ao invés dos outros, que a “fuga” parece ser uma alternativa mais válida e acessível. Não encontramos muitos estudos que comparassem esta problemática em particular, como tal foi-nos mais difícil a explicação de tais resultados à luz de vários autores. No entanto, estes resultados estão em consonância com o que pensamos, e verificámos que também estão de acordo com os restantes resultados do estudo, como com o facto, do subgrupo de violência directa apresentar também um maior retorno da agressividade contra si; apresentam desenhos mais pequenos, o que revela maior inibição, ao mesmo tempo que são mais sensoriais, possivelmente como uma defesa maníaca contra a situação em que se encontram; as relações são pautadas pelo afastamento, ao contrário do que acontece no outro subgrupo, e embora valorizem mais o pai, investem mais negativamente nele do que o outro subgrupo. Estes elementos parecem convergir no mesmo sentido, e parecem contribuir para a justificação da representação de família ser mais positiva no subgrupo com violência indirecta face ao subgrupo com violência directa. Os mesmos dados indiciam, tal como supusemos, que o processo cumulativo de maus-tratos perpetrados sobre si próprias, é mais nocivo e influencia de forma mais negativa a maneira como representam a própria família.

As relações familiares representam um papel de extrema importância para todas as pré adolescentes, o que vai de encontro a vários estudos que defendem o papel importante da família no desenvolvimento e na vida futura da criança (Bowlby, 1984a; De Antoni & Koller, 2000b; Strecht, 2002), contudo sobre o grande ecrã da violência e maus-tratos parece operar uma representação das figuras parentais idealizada.

Sá (1996, p.130) refere que «Não há crianças da solidão sem a solidão das famílias perante aquilo que desperdiçam delas próprias para crescer (...) Talvez, por isso, solidão e violência sejam indistintas e, então, o que mais doa na violência não seja tanto a dor em si, mas a solidão que a dor deixa a descoberto quando não temos em nós quem no-la cicatrize e a conforte.»

A necessidade de um suporte familiar é transversal a todas as crianças, é importante que a família possa disponibilizar amor, carinho, limites e apoio para o bem-estar das mesmas. Quando não são proporcionados pela família de origem os cuidados necessários, pode eventualmente deixar muitas lesões na criança, no entanto esta tem recursos e capacidades de adaptação suficientes (Diniz, 1993).

O nosso estudo decorreu de uma forma positiva, consideramos ter atingido os objectivos propostos, estudar a representação de família em pré adolescentes com presença de maus-tratos, e em pré adolescentes inseridas na família de origem, sem a presença dos mesmos. Confrontámo-nos com algumas dificuldades práticas, mais precisamente de acesso à amostra. Desta forma, acabámos por fazer todo o trabalho no Alentejo, onde nos foi mais fácil o acesso à mesma. Todavia, a que conseguimos recolher foi reduzida, o que não nos permite proceder à generalização dos resultados de uma forma mais expansiva.

Consideramos importante o contributo do nosso estudo ao nível da dimensão familiar, como forma de veicular e reforçar a sua importância no desenvolvimento das pré adolescentes, particularmente nos casos de violência.

Pensamos ser relevante o desenvolvimento de estudos nesta área, com uma amostra maior. Consideramos que seria importante o desenvolvimento de um estudo semelhante ao nosso, mas no qual fosse possível comparar o meio urbano com o meio rural, uma vez que apenas nos restringimos a um meio de ordem mais rural. Seria igualmente interessante verificar se haveria diferenças na representação de família em rapazes e raparigas institucionalizados e em família de origem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberto, I. (2006). *Maltrato e Trauma na Infância*. Coimbra: Edições Almedina.
- Araújo, H. (1991). A Violência na Família. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria* nº2. pp. 43-55.
- Azevedo, M.A. & Guerra, Y.N.A.(Org.). (1989). *Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu.
- Azevedo, M.C. & Costa Maia, A. (2006). *Maus-Tratos à Criança*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Berger, M. (1997). *A criança e o seu sofrimento da separação*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Balancho, L.F. (2003). *Ser Pai, Hoje*. Lisboa: Editorial Presença.
- Barudy, J. (1998). *El dolor invisible de la infancia. Una lectura ecosistémica del mau trato infantil*. Barcelona: Paidós.
- Benoit, J. C. (1997). Tratamento das perturbações familiares. Colecção Sistemas. *Famílias e Terapias 2*. (1ªed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Blos, P. (1966). *On adolescence: A psychoanalytic interpretation* (1ªed.). New York: The Free Press.
- Blos, P. (1985). *The Second Individuation Process of Adolescence, The Psychoanalytic Study of the Child*, 22: 162-186.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica* (2ªed.). Lisboa: Martins Fontes.
- Blos, P. (2003). *La transición adolescente* (2ª ed.). Madrid: Amorrortu Editores.

Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss*. Vol. 2: Separation, Anxiety and Anger. New York: Basic.

Bowlby, J. (1981). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes.

Bowlby, J. (Ed.). (1984a). *Triologia do Apego e perda*: Vol.1. Apego. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, Lda. (Tradução do original em inglês Attachment and Loss, Vol. I: Attachment. S.I., Tavistock Institute of Human Relations, 1969).

Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.

Canha, J. (2003). Criança Maltratada. O Papel de uma Pessoa de Referência na sua Recuperação. *Estudo Prospectivo de 5 anos*. (2ªed.). Coimbra: Quarteto Editora.

Cánton, D.; Cortés, A. (1997). *Malos tratos y abuso sexual infantil*. Madrid: Siglo XXI de Espana Editores.

Coimbra de Matos, A. (1997). Crianças Maltratadas. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 14, 37-45.

Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.

Cordeiro, D. (1979). *O adolescente e a família*. Lisboa: Moraes Editores.

Cordeiro, D. (1987). *A Saúde Mental e a Vida*. Lisboa: Salamandra.

Corman, L. (1982). *Le test du dessin de famille*. (4ªed.). Paris: PUF.

Danziger, C.(2002). *Violência das Famílias. Mal de amor*. Lisboa: Climepsi Editores.

De Antoni, C. & Koller, S. H. (2000b). Vulnerabilidade e resiliência familiar: um estudo com adolescentes que sofreram maus-tratos intrafamiliares. *Psico*, 31 (1), 39-66.

Diniz, J. S. (1989). Reversibilidade e irreversibilidade: vicissitudes da relação familiar e analítica. *Análise Psicológica*, 1-2-3 (VII), 305-316.

Diniz, J. (1993). *Este meu filho que eu não tive: A adoção e os seus problemas*. Porto: Editores Afrontamento.

Figueiredo, B. (1998a). Maus-Tratos à Criança e ao Adolescente (I): Situação e Enquadramento da Problemática. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 3, 1, 5-20.

Figueiredo, B. (1998b). Maus-Tratos à Criança e ao Adolescente (I): Situação e Enquadramento da Problemática. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 3, 2, 197-216.

Figueiredo, B; Fernandes, E; Matos, R; Maia, A; (2001). *Violência e Vítimas de Crimes*, vol. 1. Coimbra: Quarteto.

Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia. O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Edições Afrontamento.

Fonseca, C. (1995). *Caminhos de adoção*. São Paulo: Cortez.

Freud, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1987. vol. XIV.

Freud, Sigmund (1915-1917). *Luto e Melancolia*. Edição Standard Brasileira das Ob. Psic. Comp. De S. Freud, Rio de Janeiro: Imago Editora Lda., 1976, vol., XIV, pp. 271-275.

Goldgrub, F. W. (2001). *A máquina do fantasma: aquisição da linguagem e constituição do sujeito*. Piracicaba: Unimep.

Josselson, R. (1980). Ego development in adolescence. In J. Adelson, *Handbook of Adolescent Psychology* (pp. 188-210). New York: John Wiley & Sons.

Klein, M. (1921). The development of a child. In *Contributions to Psycho-Analysis*, 1921-45. Londres: Hogarth.

Klein, M. (1933). The early development of conscience in the child. In *Psychoanalysis Today*. Ed. Lorand Nova York: Covici-Fried.

Lacan, J. (1938). *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

Lamb, M. E. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, 1(10), 19-34.

Luzes, P. (1981). Psicanálise e Família. *Psicologia*. 2 (1), 21-27.

Lyytinen, P., Laako, M. & Poikkeus, A. (1998). Parental contribution to child's early language and interest in books. *European Journal of Psychology of Education*, 13, (3), 297-308.

Malpique, C. (1990). *Ausência do pai*. Lisboa: Edições Afrontamento.

Malpique, C. (1998). Aspectos psicológicos e psicopatológicos da puberdade feminina. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2 (1), 27-36.

Malpique, C. (2003). *Fantástico mundo de Alice: estudos sobre a puberdade feminina*. Lisboa: Climepsi.

Marcelli, D. (2005). *Infância e Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi Editores

Marcelli & Braconnier (1989). *Manual de Psicopatologia do Adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Martínez Roig, A.; Paul Ochotorena, J. (1993). *Mau Trato y abandono en la infancia*. Barcelona: Martínez Roca.

Martins, M. J. (1996). Aspectos sobre o desenvolvimento psicológico na pré adolescência e adolescência. *Aprender*, 20, 5-12.

Porot, M. (1965). Le dessin de la famille. *Rev. Psych. Appliqué*, nº3.

Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.

Sá, E. (1996). Interações. *Revista do Instituto Superior do Serviço Social de Coimbra*. nº3. pp. 129-134.

Sá, E. (2001). Alguns apontamentos sobre o abandono precoce. In M. C. Canavarro (Ed.). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (pp.317-322). Coimbra: Quarteto Editora.

Salgueiro, E. (1991). Evolução Histórica das estruturas sociais de apoio à criança. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 2, 27-42.

Sampaio, D. (1994). *Inventem-se novos pais* (3ªed.). Lisboa: Caminho.

Shave, D. & Shave, B. (1989). *Early Adolescence and the Search for Self: a developmental perspectives*. New York: Praeger Publishers.

Sprinthall, N. A. & Sprinthall, R. (1996). *Psicologia educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.

Stern, D. (1980). *Bebé-mãe: a primeira relação humana*, Lisboa: Moraes.

Strecht, P. (1999). *Preciso de ti*. Perturbações Psicossociais em crianças e Adolescentes. Lisboa: Assírio & Alvim.

Strecht, P. (2002). *Crescer Vazio* (4ªed.). Lisboa: Assírio & Alvim.

Strecht, P. (2004). *Quero-te muito*. Crónicas para Pais sobre Filhos. Lisboa: Assírio & Alvim.

Vivian Peres Day; Lisieux Telles, e cols. (2003). Violência Doméstica e suas diferentes manifestações. *R. Psiquiatr. RS*, 25 (suplemento 1): 9-21.

Winnicott, D.W. (1975). *A criança e o seu mundo* (3ªed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Tradução do original em inglês *The child, The Family and The Outside World*. Middlesex: Penguin Books, Ltd., 1965).

Winnicott, D.W. (1983). *O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre o desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: ARTMED.

Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos – teoria, técnica e clínica*. São Paulo: Artes Médicas.

ANEXOS

ANEXO A: Carta de Consentimento Informado Fundação

ANEXO B: Carta de Consentimento Informado Escola

ANEXO C: Questionário para Selecção da Amostra

Questionário para Selecção da Amostra:

1. Quem vive contigo lá em casa?
2. E o que é para ti uma família?
3. Tens irmãos? E que idades têm?
4. O que faz a tua mãe? E o teu pai?
5. Alguém da tua família costuma levar-te à escola?
6. Quem é a pessoa da tua família que costuma estar mais tempo contigo?
7. E o que fazem quando estão juntos?
8. Alguém lá em casa te pergunta alguma coisa sobre a escola ou sobre os trabalhos de casa que tens para fazer?
9. E se tiveres alguma dificuldade, ajudam-te?
10. Quando tens problemas falas com alguém?
11. E com quem é que costumavas falar?
12. E sobre que tipo de problemas? Dá-me um exemplo.
13. Às vezes os pais discutem. Os teus pais discutem?
14. Porque é que achas que isso acontece?
15. (No caso do material ser insuficiente) Que tipo de discussões acontecem lá em casa?

16. Então e como é, é contigo ou entre os teus pais?
17. E quando isso acontece, o que é que tu fazes?
18. E depois como te sentes?
19. (se falar no passado) E agora, isso ainda acontece?
20. Há mais alguma coisa que me gostasses de dizer sobre este assunto?
21. E agora que falámos tanto tempo sobre isto, podes-me dizer o que é para ti uma família?

ANEXO D: Desenhos, Respostas ao Questionário do Teste do Desenho da Família e
Respectiva Análise no Grupo exposto a violência intra familiar

Respostas ao Questionário do desenho

Sujeito 1 – 12 anos

Começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, sendo a primeira personagem a ser desenhada ela mesma. Seguidamente, desenhou o irmão L., depois o irmão T., e o irmão A., a quinta personagem a ser desenhada foi o pai e depois a mãe, seguidos do gato e dos cães. Atribui uma grande importância aos animais, evocando o nome de cada um. Mais isoladamente dos outros membros da família, desenhou o tio.

O tempo de realização do desenho foi de 7 minutos e um segundo.

*Respostas ao Questionário:***1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...**

Sou eu, o meu irmão Leonardo, o meu irmão Tiago, o meu pai e a minha mãe e aqui o meu tio. Aqui é o meu gato, e aqui são os meus cães, a nina, a joaninha, a nikita e o xiuauau, etc.

2. Onde é que eles estão?

Estamos todos no campo.

3. O que é que estão a fazer?

A brincar.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Esta sou eu, depois o meu irmão Leonardo, depois o Tiago, o André, depois o pai, a mãe e depois desenhei o meu tio, e depois o meu gato e os cães.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

Eu, sexo feminino, 12 anos, e falo com os irmãos; depois o Leonardo, 15, é mais divertido; Tiago, 20, também é igual a mim, mas é filho do meu padrasto; depois o

irmão mais velho, q tem 24, q também é só filho da minha mãe, depois este tio que é só da parte da mãe. Uma das coisas mais importantes que tenho na vida são os meus irmãos. Gosto muito de animais, fazem parte da família.

O pai tem 55 e a mãe 46, desempenham um papel muito importante, o tio não sei. O pai é uma pessoa, como digo, dão-me os conselhos, estão mais em cima de mim, o meu tio, é o meu tio preferido.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

Não sei, dos meus animais sei. São todos, dos animais sei, é a nina, é a que gosto mais, a que simpatizo mais.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Acho que não é nenhum. O meu irmão Tiago é que não gosta muito que eu o chateie.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

O Leonardo, é muito divertido, é raro estar triste, só quando o pai lhe dá sermões, quando vou para lá fica contente, depois quando volto fica mais triste, como todos os outros.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Os meus irmãos e os meus pais, mas só quando estão longe de mim. Acho que são as pessoas q sentem mais a minha falta.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

Prefiro todos, não tenho preferidos. Eu gosto da família, e também a contar c os meus animais, são muito importantes.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.

Quem não vai? Porquê?

Só da família? O meu tio, porque gosto muito dele e ele sabe disso, mas primeiro estão estes.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

O Leonardo. Faz tantas... não vai as aulas, não gosta da escola... sei lá... ele não obedece, só obedece mesmo ao meu pai, que é a pessoa que lá em casa tem mais respeito é ao meu pai. Aiii, já apanhou muitos. Nas férias não quis ir para casa, só foi às 6 da manhã, e depois o meu pai deu-lhe um sermão, teve que ir para as ovelhas, pronto não dormiu o dia inteiro. O pai.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Eu já sou da família... eu... porque sou a única menina.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Aqui? O meu irmão, o André... porque ele é o mais velho, e não sei... já tem a vida dele feita... e já sabe o que é a vida.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acrescentava. Os meus amigos, o resto da minha família.

Análise do desenho

Aspectos gráficos e Estruturas Formais:

A primeira personagem a ser desenhada é a própria, o que pode assinalar uma forte tendência narcísica, poderá ser resultado da interdição em investir em figuras da família.

A ordem pela qual as personagens foram desenhadas foi: ela própria, o irmão L., o irmão T., o irmão A., o pai, a mãe, o tio, o gato e os cães.

A N. desenha todos os personagens relativamente próximos uns dos outros, excepto o tio, e sendo o pai o personagem com maior tamanho.

A N. desenha as figuras humanas de forma mais primitiva, recorrendo ao esquema dos “pauzinhos”. Todas as personagens têm expressões faciais sorridentes. O elemento que diferencia sexualmente as personagens é o cabelo, atribuindo cabelo curto às

personagens correspondentes ao sexo masculino, e cabelo comprido às do sexo feminino. A diferenciação geracional está relativamente visível, sendo o pai, o mais alto, seguido da mãe e do tio, ela própria é a mais pequena.

A figura com maior investimento pode ser a própria unicamente pelo facto de se ter desenhado em primeiro lugar, porque em relação a outros elementos todos os personagens são desenhados com a mesma estrutura, sem atribuição de vestuário, nem grandes pormenores.

Em relação ao conteúdo do desenho, a N. refere que “estamos todos no campo (...) a brincar”, isto induz movimento e acção no que toca à família.

A N. introduz os seus animais no desenho, atribuindo-lhes uma importância significativa, quer pelo número, quer pela forma com descreve, identificando cada um com o seu respectivo nome, falava deles com um sorriso aberto, mencionando que “fazem parte da família”.

Análise de Conteúdo:

Talvez a figura mais investida seja a própria, pelo facto de se desenhar em primeiro lugar, de referir em várias perguntas que os irmãos e a família ficam mais felizes quando ela está presente, e triste quando não está. Simultaneamente, valoriza de forma significativa, os seus animais, refere que fazem parte da família e que “são muito importantes”, descrevendo-os um a um com o respectivo nome, e escolhe-os como sendo a personagem mais simpática, nomeadamente a nina.

A figura mais desvalorizada é o tio, visto estar desenhado com uma distância acentuada das outras personagens, quando fala do papel de cada um desempenha na família, diz que não sabe qual o papel do tio, embora diga que é o seu tio preferido. O tio é o elemento excluído no passeio de carro, justificando que gosta muito dele, mas que os outros membros da família estão em primeiro lugar.

A sua identificação é feita de acordo com a realidade, representando-se a si própria, com a sua idade, género e declara ser “eu”.

A N. desenhou a família real.

Sujeito 2– 12 anos

A D. começou por desenhar a primeira personagem da direita para a esquerda, com a folha na horizontal, continuando o desenho dos respectivos membros da família no mesmo sentido.

A primeira personagem a ser desenhada é a C., irmã, 14 anos; a segunda personagem foi a D., a própria, 12 anos; a terceira personagem foi o F., irmão, 18 anos; a quarta personagem foi o pai; e a última personagem a ser desenhada foi a mãe.

O tempo de realização do desenho foi de 6 minutos e 15 segundos.

Não mostrou inibição na realização do desenho.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

Estes os 3 são irmãos, esta é a mãe e este é o pai.

2. Onde é que eles estão?

Estão num quadro, é uma fotografia.

3. O que é que estão a fazer?

Estavam na praia.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Esta é a Cristiana, esta é a Daniela, o Francisco, o outro Francisco e a Aurora. A Cristiana é a irmã da Daniela e do Francisco. A Aurora e o Francisco são marido e mulher. São pais deles.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

A Daniela, sexo feminino, tem 12; a Cristiana, tem 14; o Francisco tem 18; o Francisco tem 39 e a Aurora, tem 40 anos. A Cristiana, a Daniela e o Francisco são

estudantes, mas o Francisco trabalha e estuda ao mesmo tempo. O Francisco trabalha na Câmara e a Aurora trabalha num restaurante. A Cristiana e a Daniela costumam ouvir música e o F. também, o Fr e a Aurora... costumam... hmm... ver televisão e outras coisas... trabalhar em casa... arrumar a casa.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A Aurora, porque é um bocadinho mais velha e compreende as coisas.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Nenhuma... porque são todos simpáticos.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

A Aurora, porque está sempre contente, faz as pessoas ficarem contentes.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Nenhuma! Porque elas estão sempre felizes.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

Prefiro todos... porque são todos bons para mim.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.

Quem não vai? Porquê?

Ninguém, porque íamos todos a pé.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

A Daniela. Não estudou para os testes. Estudar todo o dia e não ir para o computador, não ver televisão e não ouvir música. A aurora e o Francisco.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

A Daniela, porque sou a mais pequena, e faço muitas asneiras... não estudar para os testes, e não ajudar as pessoas, ser preguiçosa...

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A Cristiana, porque ela é simpática, ela estuda para os testes, tira boas notas e ajuda as pessoas.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Mudava. Fazia as pessoas melhores, não fazer erros, mudar os cabelos, tirar os erros, mais nada.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A ordem das personagens é desenhada da direita para a esquerda, sendo a primeira personagem, a irmã, seguida da própria; o irmão; o pai; e a mãe.

A D. trata as personagens do desenho pelo nome próprio, não chama “mãe” ou “pai”. No desenho a D. é a personagem mais pequena, sendo ela e a irmã as mais afastadas dos pais. Desenha os pais muito próximos, um do outro e do irmão, parecem estar de mãos dadas. A mãe é a última personagem a ser desenhada e encontra-se desnivelada em relação aos outros membros da família.

A representação da figura humana obedece aos parâmetros. No que se refere às expressões faciais estão todos com um ar neutro, não estão claramente a sorrir, mas também não estão com um ar triste.

A D. faz a diferenciação de géneros através dos cabelos e do vestuário. Em relação à diferença geracional não está tão bem patente, na medida em que o filho é maior que o pai, a mãe está desnivelada e a irmã é alta.

A figura mais investida parece ser a C., a irmã, uma vez que a desenhou em primeiro lugar e identificou-se com ela, desejando ser a mesma “porque é simpática, estuda para os testes, tira boas notas”, ao contrário do que atribui a si própria “faço asneiras, não estudo para os testes e não ajudo as pessoas (...)”.

Inicialmente, não há movimento no desenho, nem acção entre os diversos personagens. A D. Embora diga que estão numa praia, imortaliza-os, afirmando que estão num quadro, “é uma fotografia”. Não há referência a elementos não humanos.

Análise de Conteúdo:

A figura mais investida em termos afectivos parece ser a mãe, uma vez que a considera a mais simpática “porque é um bocadinho mais velha e compreende as coisas”, considerando-a igualmente a mais feliz” porque está sempre contente, faz as pessoas ficarem contentes”, embora deseje ser a irmã, a mãe é considerada a *mais feliz* e a *mais simpática*, deste modo, parece ser a figura mais idealizada, ainda que seja a última a ser desenhada.

A figura desvalorizada em termos afectivos parece ser a própria, sendo desenhada com a forma mais pequena e é a própria a fazer a asneira. Na pergunta “*Quem serias tu?*” elege-se a si mesma, porque diz ser a mais pequena, faz muitas asneiras, não ajuda as pessoas (ao contrário da irmã, que idealiza), nota-se algum sentimento de inferioridade e simultaneamente alguma agressividade contra si própria.

O pai não figurou em nenhuma das histórias que contou acerca da sua família, o que pode induzir alguma indiferença, possivelmente marcada pela ausência do mesmo enquanto pai.

Na pergunta “*Quem desejarias ser?*”, escolheu a irmã, dizendo que é simpática, estuda, tira boas notas e ajuda os outros, ao contrário das características negativas que atribui a si própria. No entanto, faz uma identificação consigo própria, com base na realidade.

Em relação à pergunta se mudaria alguma coisa no desenho, afirma que faria as pessoas melhores, não faria erros, isto parece evidenciar algum esforço em alcançar qualquer coisa, em ser aquilo que afirma não ser...

A figura parental masculina não protagonizou nenhuma das histórias, fazendo denotar uma grande carência paterna.

A D. representou a família real.

Sujeito 3 – 13 anos

Iniciou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal. Começou por se desenhar a si mesma, seguidamente da mãe e depois o pai. As três personagens que representou no desenho são desenhadas de uma forma bastante primitiva, através de “pauzinhos”, o elemento que as permite distinguir é o cabelo, fazendo o seu cabelo médio, o da mãe comprido e o do pai curto.

A primeira personagem a ser desenhada foi a própria “eu”, 13 anos; a segunda personagem foi a mãe, 48 anos; seguidas do pai, 63 anos.

Realizou o desenho em 2 minutos 32 segundos.

Não apresentou inibição da realização do mesmo.

Respostas ao questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

A minha mãe, o meu pai e eu... e falta o resto dos meus irmãos, mas são tantos que não me apetece desenhar.

2. Onde é que eles estão?

Em Odemira... é onde gostava de morar...

3. O que é que estão a fazer?

A minha mãe a trabalhar, o meu pai a trabalhar e os irmãos... todos a trabalhar, menos uma que teve agora há pouco tempo um bebé.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Sou eu, a minha mãe e depois o meu pai.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

Eu, sou do sexo feminino, tenho 13 anos, trabalho lá em casa, às vezes quando a minha mãe não pode, faço eu; a minha mãe, sexo feminino, 48 anos, trabalha, arruma a casa, depois vai trabalhar para os outros sítios; o meu pai, sexo masculino, 63 anos, o papel dele é cuidar dos porcos e dos porcos dos amigos dele.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A minha mãe... o meu pai é muito grosseiro, a falar parece que quer comer as pessoas... e a minha mãe já não é assim, é mais delicada a falar...

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

O meu pai, porque parece que fala de um modo grosseiro, principalmente quando está bêbado parece que quer bater em toda a gente e depois é como se a família é que tivesse a culpa... e depois no outro dia pede desculpa.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

A minha mãe, sente-se feliz quando vem cá, quando estou lá de férias com ela, mas quando não estou sente-se um pouco triste.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

O meu pai, às vezes não me vem cá ver e depois quer que vá lá com a minha irmã... e depois a minha irmã muitas vezes não pode, acabo por não ir. Porque os meus pais não estão juntos, quando vou de férias ou isso, vou para a minha mãe. Já não estão juntos desde os meus 6 anos.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

Prefiro os dois, os meus pais, porque sempre quis que eles tivessem juntos, não queria que estivessem separados, mas a vida às vezes... não é fácil...

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Eu. Por exemplo, só há um carro de dois lugares e depois aparece a polícia e paga-se uma multa... e para evitar isso não vou eu.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

O meu pai. Batido numa árvore, que já aconteceu mesmo. Tirar-lhe a carta. A Polícia.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

A primeira, a filha, porque eu gosto mais de ter o cabelo encaracolado e gosto de ser a mais pequenina dos meus irmãos.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Nenhuma, porque não gosto... não é bem não gostar... mas não me sentia bem em ser aquelas pessoas.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acrescentava, os meus irmãos e irmãs.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A ordem das personagens é a própria, a mãe e o pai. Deixou algum espaço entre elas, nomeadamente entre si própria e a mãe.

A representação da figura humana é feita de uma forma primitiva, tendo em conta a idade da C. O elemento que os distingue é o cabelo, e é apenas este que permite fazer a diferenciação sexual das personagens. A diferenciação geracional não está bem explícita. A mãe não tem uma mão e as personagens estão sem uma expressão facial bem definida.

O esquema corporal é apresentado de uma forma primitiva.

O facto de a mãe não ter uma mão, pode indicar algum sentimento de castração. As mãos e os pés são apresentados com uma forma redonda e com “traços” à volta, parecem ilustrar qualquer coisa cortante, o que pode servir para se defenderem uns dos outros.

Refere que tem muitos irmãos, e por isso não lhe apeteceu desenhá-los, apenas se representou a ela própria sozinha com os pais, o que pode denotar alguma “rivalidade fraterna” ou necessidade de ser apreciada pelos pais, como se estivesse sozinha, pudesse receber maior atenção.

A figura de maior destaque, parece ser o pai por ter sido desenhado com uma forma maior. Embora as três figuras tenham sido desenhadas com pouco cuidado, como se “não merecessem” ser elaboradas com cuidado.

A diferenciação sexual é marcada apenas pelo cabelo. A diferença geracional não está evidenciada, visto que a própria parece ter um tamanho um pouco superior ao da mãe, o pai parece ser o personagem mais alto. Não qualquer presença de detalhes, e há total ausência de vestuário.

A figura com maior investimento parece ser ela própria, foi a primeira a ser desenhada e parece ser a figura que esteja mais cuidada, com um traçado mais definido, e mais direita, embora de forma também muito primitiva.

No desenho existe apenas a família, não há referência a outros parâmetros, não há chão, não existe nenhuma base, o que pode indicar alguma ausência de base parental, de porto seguro, contentor e organizador.

No desenho em si não parece haver nenhuma acção entre os personagens, no entanto no questionário do desenho refere que “estão todos a trabalhar”, o que induz movimento e acção, mas não interacção entre eles.

O traçado parece-nos apenas ser mais forte na representação da primeira figura, ela própria, de resto apresenta um traçado fraco.

Análise de Conteúdo:

A C. investe afectivamente na figura materna, ao atribuir-lhe o papel de mais simpática e mais feliz, embora a desenhe sem uma mão.

A figura mais desvalorizada é o pai, refere que é muito grosseiro, sobretudo quando bebe, e desta forma, atribui-lhe o papel de figura mais antipática e mais infeliz, foi a personagem que fez a asneira porque bateu numa árvore.

Numa das perguntas do questionário que remete para a identificação “*Quem serias tu?*” escolhe-se a ela própria, no entanto se alguém não coubesse no carro, era ela quem não ia.

Refere que não desejaria ser mais ninguém porque “não me sentia bem em ser aquelas pessoas”, esta afirmação parece indicar alguma desvalorização pelas figuras parentais.

Na última questão, refere que acrescentava os irmãos e as irmãs.

Em relação à identificação, representa-se a si própria, de acordo com o sexo, idade e afirma ser “eu”.

A C. desenhou a família real, obedecendo à objectividade do real, o que evidencia que há um predomínio do princípio do real pelo princípio do prazer, embora esteja sempre presente a projecção das tendências afectivas.

Sujeito 4 – 12 anos

A D. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, no entanto começou a partir do meio da página, sendo que voltou a desenhar para trás do que já havia desenhado, voltando a partir do lado esquerdo para o direito da folha.

Desenha todos os personagens na base da folha.

Os membros da família são desenhados da seguinte forma: avô materno, 65 anos; prima mais pequena, 2 anos; primo, 10 anos; avó materna +; avó paterna; avô paterno; mãe, 42 anos; pai, 45 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 7 minutos e 14 segundos.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

É a avó, o avô, os outros dois avós, a mãe, o pai e os três filhos.

2. Onde é que eles estão?

Estão num jardim.

3. O que é que estão a fazer?

Estão a fazer uma festa.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Este é o avô, esta é a prima bebé, aqui, enganei-me aqui no cabelo, é o meu primo, aqui a minha avó, aqui a minha outra avó, o meu outro avô, aqui é a mãe, aqui é o pai.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

Este, o avô, sexo masculino, tem 65 anos, ajudar a minha avó; este, a prima bebé, é sexo feminino, tem 2 anos e brinca com o meu primo; o meu primo, sexo masculino, tem 10 anos, brinca com a minha prima; a minha avó, que já morreu, tinha 63 anos,

ajudar o meu avô, porque ele não tinha uma perna, esse meu avô já morreu, por causa da perna, começou a inflamar e depois...; depois é a minha mãe e o meu pai, a minha mãe tem 42 e o meu pai tem 45, como a minha mãe é doente cada vez que tem uma filha fica doente, ele cuida dela e vai trabalhar.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

O meu pai, porque eu ando mais com o meu pai, ele compreende-me mais.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

A minha avó, que já morreu, porque ele só pensava nela e não pensava nos outros... tanto que ela morreu com os pulmões pretos, fuma e bebia muito... ficou com os pulmões todos tapados.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

A minha prima, porque anda sempre contente, e às vezes a maior parte da família fica zangada com alguma coisa... e ela não.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

A minha avó paterna, porque ela ajuda todos e depois acontece sempre alguma coisa, que ela depois fica mais zangada... como o filho dela, o meu tio, chateou-se, ele não telefona para ela nem nada, e ela é que tem que telefonar. Ao fim de algum tempo acontece sempre alguma coisa, e ela quando ficou mais assim também foi quando o meu avô morreu.

10. E tu, nesta família, quem preferes? Porquê?

O pai, porque ando mais com o pai, andamos a cavalo, eu ajudo-o quando ele nos vem cá buscar para passarmos um fim-de-semana, ou nas férias passamos sempre por lá e ele tem sempre trabalho e eu ajudo-o, enquanto as minhas irmãs ficam a ajudar a minha mãe.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.

Quem não vai? Porquê?

Eu. Porque eu prefiro dar o lugar aos outros do que ir.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

O meu primo. Estragou o vídeo. Não ver filmes. O meu avô paterno.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Esta... (a bebé) porque acho que sou a mais pequena deles todos, excepto o meu primo.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

O meu primo, porque eu não escolhi um adulto porque depois andamos sempre com coisas e problemas... sempre atarefados... essas coisas assim...

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Sim.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acrescentava, e mudava o que tinha metido errado. Os meus tios, as minhas tias, os meus tios que estão na Alemanha... e os meus outros primos, só meti aqui estes porque sou mais ligada a estes... e acrescentava mais... mais... as irmãs cá da fundação. O que é que eu mudava.... Mudava o que estava errado, e tentava meter mais o meu avô, com a minha avó, do lado dos meus tios... o que estava errado, o cabelo do meu primo e o remendo.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A D. inicia o desenho colocando em primeiro lugar o avô materno.

As figuras estão todas relativamente próximas umas das outras. Através do questionário verificamos que há interacção entre as personagens “estamos num jardim (...) a fazer umas festa”.

A representação da figura humana está fiel em todas elas. As personagens apresentam-se todas com uma expressão facial sorridente.

A diferenciação sexual está bem patente no vestuário e dos cabelos, excepto no caso do primo (refere que se enganou nos cabelos). A diferença geracional é evidente em quase todos os personagens, desenha os mais novos com um tamanho mais pequeno, excepto no caso do avô paterno que também o desenhou pequeno, a figura de destaque em altura é a avó materna (que já faleceu).

A figura mais investida parece ser o pai, embora seja desenhado em último, no questionário é-lhe atribuído a figura mais simpática e a figura preferida.

Embora no grafismo do desenho não esteja bem patente, parece haver interacção entre os membros do desenho, pois a D. afirma que estão num jardim a fazer uma festa.

Análise de Conteúdo:

Em termos afectivos, a figura mais investida parece ser o pai, é a figura mais simpática e aquela pela qual tem preferência.

A figura desvalorizada parece ser a avó materna, que embora seja desenhada em maior tamanho, é a personagem mais antipática porque refere que só pensava nela, não pensava nos outros.

A personagem mais infeliz é a avó paterna, refere que ajuda todos, mas ninguém lhe dá o devido valor. A mãe também parece ser uma figura desvalorizada, uma vez que não é referida em nenhuma história.

A D. não se representa a si própria no desenho, no entanto, faz referência a si mesma na pergunta de que não iria no passeio de carro, exclui-se, para além da evidência de já se ter excluído do desenho, aqui sublinha essa exclusão. Pode indicar uma baixa auto-estima, sentimento de pouca pertença ao grupo familiar.

Na pergunta “*Quem serias tu?*” que remete para a identificação, identifica-se com a bebé, justificando que é a mais pequena de todos, à excepção do primo. Isto parece indicar a forma como ela se auto percebe, pequenina.

Na pergunta “*Que outra pessoa desejarias ser?*” escolheu o primo, justificando que os adultos estão sempre com problemas, como se, de algum modo, o facto de ser pequena a protegesse dos problemas.

Refere que mudava o que tinha metido de errado (o cabelo do primo e o remendo) e acrescentava mais tios e tias, primos e as irmãs da Fundação.

A identificação é uma identificação de desejo, não se representa a si própria, apenas se identifica com a bebé e desejaria ser o primo.

A D. representou a família real, embora não a tenha representado na totalidade, excluindo-se inclusivamente a si própria.

Sujeito 5 – 13 anos

A E. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, desenhando três personagens da família, voltou a desenhar para trás da esquerda para a direita, voltou a desenhar à frente dos primeiros personagens, fazendo outro movimento regressivo para desenhar o último personagem, ficando este em primeiro lugar na folha. Os membros da família estão desenhados pela seguinte ordem: mãe; pai; irmão; irmã F; a própria; irmã A.

O tempo de realização do desenho foi de 5 minutos e 41 segundos.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

Então este é o meu pai, esta é a minha mãe, esta sou eu, o meu irmão mais novo, a minha irmã do meio e a minha irmã mais velha.

2. Onde é que eles estão?

Num jardim.

3. O que é que estão a fazer?

A brincar.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

A minha mãe, o meu pai, depois o meu irmão, depois a minha irmã F., depois eu e depois a minha irmã A.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

Mas eu não sei a idade deles... aqui é a E., tem 13 anos, é do sexo feminino, brincar; aqui é o P., sexo masculino, tem 7 anos, acho eu... e... joga á bola; aqui é o A., sexo masculino e tem... 48 anos, papel... pai... não sei... ajuda; aqui é a mãe,

do sexo feminino, tem 66 anos e ajuda também; aqui é a F., sexo feminino, tem 15 anos e estuda; aqui é a A., sexo feminino, tem 16 anos e... não sei...

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

É esta, esta e esta... (os irmãos) não sei porque! Gosto deles.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Acho que é a minha mãe ... (silêncio grande) ... porque não ajuda muito.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Esta (o irmão P.) porque é brincalhão, engraçado.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Esta (a mãe) ... não sei porque... não sei...

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

Os meus irmãos... porque dou-me melhor com eles.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.

Quem não vai? Porquê?

Esta (mãe) porque é a mais gorda.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

(silêncio) Esta (a mãe). Não ajudou para o bem da família. Não sei... (silêncio) não ir no passeio. A irmã mais velha.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Eu seria a E.! Porque sou eu!

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

(Aponta para o irmão P.) porque ele é feliz, brincalhão.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Fazia melhor... tentava desenhar melhor os bonecos.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A E. iniciou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, no entanto alternou, entre movimentos regressivos, a desenhar para trás do que já tinha desenhado, e movimentos progressivos, a desenhar para a frente dos personagens que já havia desenhado inicialmente.

Existem espaços entre as personagens, mas são relativamente pequenos, estando todas próximas umas das outras.

Na maioria das perguntas como “*Quem é a mais feliz?*” etc., a E. não nomeia algumas personagens, apenas diz “é esta”.

A representação da figura humana é fiel. As expressões faciais são sorridentes.

A diferenciação sexual é bem evidente, através quer do vestuário, quer do cabelo, as figuras femininas têm cabelo comprido, estão vestidas com saias ou vestido, excepto no caso da própria que está de calções, tal como o pai e o irmão, o que pode denotar alguma identificação com o sexo feminino. Em relação à diferença geracional também está bem patente através do tamanho das personagens.

A E. identifica-se consigo própria, mas na pergunta “*Que outra pessoa desejarias ser?*” refere que seria o irmão, o que mais uma vez pode evidenciar uma componente de identificação com as figuras masculinas.

Todas as personagens estão a olhar para baixo, à excepção da mãe, que está de olhos bem abertos e a olhar em frente.

Embora no desejo os personagens não estejam em interacção uns com os outros, no questionário, a E. refere que estão num jardim, a fazer uma festa, o que induz movimento e acção.

Análise de Conteúdo:

A figura mais investida em termos afectivos parecem ser os irmãos, pelo facto de serem eleitos como preferidos, na pergunta “*Quem é o mais feliz?*” refere que é o irmão, e na

pergunta “*Que outra pessoa desejarias ser?*” escolhe o irmão. A mãe parece ser mais investida apenas em termos gráficos.

A figura mais desvalorizada em termos afectivos parece-nos ser a mãe, é a eleita em todas as perguntas que fazem referência a algum atributo negativo, como “*Quem é a mais infeliz?*”; “*Quem não vai no passeio de carro?*” aqui inclusive refere que não vai a mãe porque é a mais gorda, o que denota alguma depreciação; “*Quem fez a asneira?*” dirige novamente para a mãe “esta” (responde sempre desta forma para se referir à mãe), justifica que a mesma não ajudou para o bem da família.

O pai não figura nenhuma história, parece-nos haver um sentimento de indiferença em relação ao mesmo, como se passasse despercebido.

Na última pergunta refere que “tentaria fazer melhor os bonecos”.

A E. desenhou a família real, onde a realidade objectiva tem prioridade. Representa-se a si própria, de acordo com o seu sexo, idade e afirma ser “eu”.

Sujeito 6 – 12 anos

A N. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal. Os membros da família representados no desenho são: o pai; a filha; a mãe.

O tempo de realização do desenho foi de 3 minutos e 49 segundos.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

Um pai, uma mãe e uma filha.

2. Onde é que eles estão?

Num jardim.

3. O que é que estão a fazer?

Estão a apreciar... as outras coisas que estão à volta deles...

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

O pai, a filha e a mãe.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

A filha, sexo feminino, tem 7 anos, (silêncio) brincar; a mãe, sexo feminino, 25, limpa a casa; o pai sexo masculino, 30 e trabalha.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A mãe, porque... (silêncio) é uma senhora e as senhoras costumam ser mais simpáticas que os homens.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

O pai. Porque está sempre ocupado, com o trabalho e isso...

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

A pequenina, porque é criança.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

O pai, porque é antipático.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

A pequenina. Porque é criança, não é adulto... as crianças podem fazer mais coisas que os adultos.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

O pai, porque... está sempre ocupado.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

A pequena. Pode ter sujado o carro. Limpá-lo. A mãe.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

A pequena, porque sou ainda criança.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A mãe, porque é do sexo feminino e não queria ser masculino.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Fazia igual.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A N. começou a desenhar da esquerda para a direita, com a folha na horizontal.

A N. desenhou uma família imaginária.

As personagens estão relativamente afastadas umas das outras.

A figura humana está representada de forma fiel, no entanto, as figuras estão desenhadas de uma forma primitiva, com “pauzinhos”. A diferenciação sexual está bem evidenciada, através dos cabelos, no que toca à roupa não, porque as personagens estão feitas com “pauzinhos”, excepto a criança que tem uma saia. A diferença geracional também está evidente pela relação entre a altura e a idade das personagens.

A figura mais investida parece-nos ser a filha, foi a segunda a ser desenhada, ficou entre os pais, é a personagem que está mais investida graficamente, é a única que está vestida, com uma saia e ainda lhe meteu uns totós no cabelo. É eleita como sendo *a mais feliz*, “porque é criança”, é igualmente a preferida justificando que é uma criança e “podem fazer mais coisas que os adultos”. Também na pergunta “*Quem serias tu?*” refere “a pequena porque ainda sou uma criança”.

O desenho é investido, embora haja interacção directa entre as personagens, há vida no mesmo, desenhou nuvens, sol, um pássaro e uma casa. Refere que as personagens estão num jardim, mas não introduz acção no desenho, refere que “estão a apreciar... as outras coisas que estão à volta deles”, não há acção entre eles, no entanto, verifica-se isso através do pássaro, a voar.

Análise de Conteúdo:

A N. faz a identificação com a criança, tendo também esta sido considerada como a *mais feliz*, *a preferida* e a que *gostaria de ser*.

A figura mais investida em termos afectivos parece ser igualmente a criança.

A figura mais desvalorizada parece ser o pai, é considerado o *mais antipático* e o *mais infeliz*, é ele que é *excluído no passeio de carro*.

Em relação à asneira cometida, é a criança que a vai cometer, e é a mãe que lhe vai atribuir o castigo, pode indicar a quem a N. atribui a supremacia e maior importância. Também em relação à identificação, desejaria ser a mãe, justificando que “não queria ser do sexo masculino”.

Em relação à pergunta do que poderia mudar no desenho, a N. refere que fazia tudo da mesma forma.

A N. representa uma família imaginária, parece ter investido muito na criança e também, consideravelmente na mãe, ao contrário do pai, ao qual lhe atribui apenas coisas más.

Sujeito 7 – 12 anos

A S. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal.

Os elementos da família foram desenhados pela seguinte ordem: menina (filha); mãe; pai.

O tempo de realização do desenho foi de 4 minutos e 18 segundos.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

É uma menina... a mãe e o pai. Acho que estão contentes e... felizes.

2. Onde é que eles estão?

No cinema.

3. O que é que estão a fazer?

A ver um filme.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

A... esta é a menina, esta é a mãe e este é o pai.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

Isto é uma menina e tem 10 anos; isto é a mãe e tem 36 anos; isto é o pai e tem 38 anos. A menina gosta de brincar... gosta de ver filmes e gosta de ler; a mãe gosta de cozinha... de escrever e de passear; e o pai gosta de dar voltas e de ver televisão e de... jogar às cartas.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

Hmmm... o pai... porque (silêncio grande) tem um olhar mais alegre.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

A menina, porque tem um olhar mais... mais... feio.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

A mãe, porque tem uma cara sorridente.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

A menina. Porque parece estar triste... porque secalhar aconteceram-lhe muitas coisas...

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

A mãe. Porque... toma conta da filha e... trata dela, e gosta dela, acho eu... e também gosta do pai.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe. Quem não vai? Porquê?

(silêncio grande) A minha mãe (corrige), a mãe. Porque já que não cabia no carro, para a filha ir, ela ficava em casa.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

A filha. Aaaa... respondeu mal aos pais. Ficar sem ver televisão. O pai.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

(silêncio) O pai. Aaaaa... porque (silêncio) ... não sei... porque reprendia a filha pelo mal que ela fez.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A mãe. Porque quando eles foram dar uma volta de carro, deu o lugar à filha, e preferiu ficar em casa.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Sim.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Fazia igual.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

As personagens do desenho estão separadas entre si, encontram-se com o mesmo espaço entre umas e outras.

A representação da figura humana é fiel. As expressões faciais das personagens estão a sorrir. A diferenciação sexual está patente apenas no cabelo, em relação ao vestuário os personagens estão todos com calças. A filha e a mãe são muito semelhantes, excepto na altura, em que a filha é um pouco mais baixa.

O desenho foi feito no meio da folha, as personagens estão em suspenso, não há nenhuma base de apoio.

Não há acção entre as personagens, refere que “parecem estar felizes”, “estão no cinema a ver um filme”, isto implica que as personagens não interajam umas com as outras. A S. pode estar a utilizar o filme como um elemento de defesa contra a ansiedade de interacção entre os diversos membros da família.

Análise de Conteúdo:

Embora a primeira personagem que a S. desenhou fosse a menina, parece ser a personagem mais desvalorizada começando por dizer que é a *mais antipática* “porque tem o olhar mais feio”, seguidamente atribui-lhe a personagem *mais infeliz* “porque aconteceram-lhe muitas coisas”, também é à menina que atribui a asneira.

A preferência da S. vai em direcção, inicialmente, ao pai, escolhido como *mais simpático* “porque tem um olhar alegre”, na pergunta que remete para a identificação “*Quem serias tu?*” responde que seria o pai “porque reprendia a filha pelo mal que ela fez”. Paralelamente com esta preferência, também parece valorizar muito a mãe, considerando-a “*a mais feliz*” “porque tem uma cara sorridente”. Em relação à preferência escolhe a mãe “porque toma conta da filha, trata dela e gosta dela, acho eu e também gosta do pai”, aqui o “acho eu” evidencia a carência de uma base segura, a S. não tem a certeza porque possivelmente não lhe foram transmitidos modelos internos coesos e seguros das figuras parentais.

Parece que, embora valorize a mãe, desvaloriza-a simultaneamente, pois acaba por excluir a mãe do passeio de carro, justificando que não ia para a filha ir.

O desenho da S. representa uma família imaginária, onde a projecção parece ter funcionado bastante. Parece haver o desejo de ter uma família feliz, pois justifica muitas perguntas recorrendo às expressões faciais “olhar mais alegre”, “olhar feio”, “cara sorridente”.

Sujeito 8 – 12 anos

A J. começou o desenho da esquerda para a direita, mas a partir do meio da folha, depois de desenhar as personagens, voltou para o meio da folha e desenhou uma casa. Os membros da família foram desenhados pela seguinte ordem: pai; irmão; mãe; “eu”.

O tempo da realização do desenho foi de 5 minutos e 33 segundos.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

É o meu pai, o meu irmão, a minha mãe e eu.

2. Onde é que eles estão?

Estão em casa.

3. O que é que estão a fazer?

A ver televisão.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

O meu pai, o meu irmão, a minha mãe e eu.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

Não sei... eu, sexo feminino, 12 anos, costumo passar contas num caderno que tenho lá, dou comida ao meu cão que tenho lá, ajudo a minha mãe...; a minha mãe, sexo feminino, 39, ai 38, fazer o comer, limpar a casa, arrumar, fazer a comida para o trabalho do meu pai, também dá a comida ao meu cão, rega as plantas, dá de comer às galinhas, lava a louça, a roupa e isso tudo; depois é o meu irmão, sexo masculino, 14 anos, brinca; o meu pai, sexo masculino, 36 anos, trabalhar, fazer casas e isso, também trabalha lá na horta, vê televisão, gosta muito das touradas, o meu pai já foi toureiro, também já andou na tropa e na guerra.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

É o meu pai, o meu mano, são todos... eu gosto deles todos...

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Nenhuma, porque são todos queridos para mim.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

O meu pai. Não sei... ah... porque me tem a mim, os amigos dele e toda a gente que ele gosta.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

O meu irmão, porque é doente e ele deixa-se bater... lá em Odivelas, na rua... quando está a brincar. Tem uma bolha na cabeça.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

A minha mãe, porque cuidou de mim, e também foi a minha avó. Eu e a minha mãe morávamos em casa da minha avó, porque não podíamos morar com o meu pai. Ele tinha que trabalhar... e depois não tinha tempo para estar connosco.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Não sei... a minha mãe. Porque ela não gosta muito de passeios.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Não sei... o meu irmão. (silêncio) bateu num colega. Não sei... não ver televisão. O meu pai e a minha mãe.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Não sei... o meu irmão. Porque... não sei... porque gosto dele, às vezes ele vem-me visitar, ele e o meu pai... e a minha mãe fica sempre em casa.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A minha mãe. Porque gosto de fazer bolos com ela, antes fazíamos muitos, agora já não fazemos... bolo de morango era o que gostava mais de fazer com ela.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acrescentava. A minha tia, o meu primo, a minha prima bebé, o outro primo, o pai da minha prima bebé, o meu cão, a minha avó...

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

Os personagens têm todos, um espaço entre eles, no entanto, os irmãos e a mãe parecem ser os que se encontram mais próximos um do outro.

A J. representa-se em último, sendo a figura mais afastada do pai e do irmão, mas mais próxima da mãe.

A representação da figura humana é fiel, embora as personagens não pareçam estar muito investidas, o pai parece estar com o corpo um pouco desproporcional em relação à cabeça, o irmão tem um pé maior que o outro e a mãe tem os braços muito reduzidos em relação ao resto do corpo. A própria parece ser a personagem mais proporcional.

Nas expressões faciais, a J. colocou todos os personagens com um evidente sorriso.

Há diferenciação sexual, e verifica-se através do cabelo, em relação ao vestuário estão todos iguais, de calças. A diferença geracional é evidente através da altura, os pais são os mais altos, depois o irmão, e por fim, a própria, que é a mais nova.

A figura mais investida parece ser o pai, uma vez que é desenhado em primeiro lugar, é eleito como o mais simpático (embora depois diga que são todos), é o mais feliz.

A figura menos investida parece ser a própria, pois não protagoniza nenhuma das histórias. No desenho não parece haver grande interação, uma vez que “estão em casa (...) a ver tv”. É desenhada uma casa (uma porta pequena e duas janelas com cortinados).

Análise de Conteúdo:

A figura mais investida em termos afectivos é o pai, é o primeiro a ser desenhado, o mais alto, o mais simpático e o mais feliz. A mãe também é igualmente idealizada, sendo a preferida, e na questão “*Que outra pessoa desejarias ser?*” escolhe a mãe “porque gosto de fazer bolos com ela...”, contudo, simultaneamente é a mãe que não vai no carro “porque não gosta muito de passeios”, identifica-se inicialmente com o irmão, “porque ele vem-me visitar, ele e o meu pai, e a minha mãe fica sempre em casa”, o que parece indicar alguma ambivalência em relação à figura materna.

A figura menos valorizada em termos afectivos parece ser a própria por não protagonizar nenhuma das histórias, seguidamente do irmão, o qual elege como o *mais infeliz* “porque é doente e deixa-se bater...”, também foi o mesmo que fez a asneira “bateu num colega”. Aqui parece haver alguma contradição... e embora o desvalorize, identifica-se com ele, o que pode revelar alguma fragilidade do eu.

Em relação ao desenho, refere que acrescentava personagens, a tia, o primo, a prima bebé, outro primo, o pai da prima bebé, o cão e a avó, o que pode expressar um desejo de integrar mais elementos à família nuclear.

A J. representou a família real. Declara ser “eu” no questionário, embora não protagonize nenhuma das histórias.

Sujeito 9 – 12 anos

A P. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal.

Os membros da família foram sendo desenhados pela seguinte ordem: pai; mãe; “eu”; irmã.

O tempo de realização do desenho foi de 6 minutos e 50 segundos.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

O meu pai, a minha mãe, a minha irmã e eu.

2. Onde é que eles estão?

Em casa.

3. O que é que estão a fazer?

Então, estão a ver televisão.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Desenhei primeiro o meu pai, a minha mãe, depois eu, depois é que desenhei a minha irmã.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

O sexo... esqueço-me... Então... a minha mãe, sexo masculino... ah, feminino, 37 anos, trabalhar nas ruas, mais nada; o meu pai, feminino... masculino, é 38? 38 anos, ajuda a Sra. da paróquia, mais nada; a minha irmã, sexo feminino, acho que é 14, ver televisão, e ir à escola, e estudar; eu, brinco! Tenho 12 anos, feminino, brinco, estudo, vou a escola e falo com as minhas colegas.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

Todas, porque nenhuma me trata mal... todos me dão carinho. Dão-me tudo o que eu quero... menos brinquedos! Comida... deixam-me ir tomar banho à hora que eu quero... e isso.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Nenhum. Porque dão-me tudo, e não me batem!

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

São todos, gosto muito deles, e nunca os quero ver tristes.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Nenhum, pelo mesmo que disse à bocado.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

São todos, gosto de todos! Porque é a minha família, e porque me dão carinho.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Olha vamos todos a pé, porque eu quero que vão todos comigo.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Ai, eu acho que não foi ninguém... ninguém.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Sou aquela (ela), porque é a mais magrinha.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A mãe, porque ela já é grande e eu gostava de ser como ela, porque ela já tem 38 anos e eu só tenho 12 ainda, gostava de ter uma casa minha.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou contente!

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Não, não mudava.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A P. iniciou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal. Começou por desenhar primeiro o pai, depois a mãe, a própria e, por último, a irmã, entre a mãe e ela, está a irmã, deixou um espaço entre ambas, para no final desenhar a irmã, como se a P. tivesse receio de proximidade da figura materna, possivelmente afasta-se como mecanismo de defesa.

No questionário a P. apresenta alguma confusão em relação ao género masculino ou feminino das personagens, nomeadamente do pai e da mãe. No desenho essa confusão não está patente, havendo diferenciação sexual, através do vestuário e dos cabelos. Em relação à diferença geracional, verifica-se também através da altura.

A P. identifica-se, através do questionário, com ela própria “porque é a mais magrinha”, sendo a personagem mais afastada dos pais, estando ao lado da irmã.

As personagens estão separadas umas das outras, sobretudo o pai da mãe, existe um grande espaço entre os mesmos, a P. ao desenhar o pai e a mãe, deixa um grande espaço, desenha-se a si própria, e depois faz um movimento regressivo, volta atrás e nesse espaço desenha a irmã. Isto pode revelar a presença de alguma ansiedade perante a proximidade das figuras parentais, nomeadamente da figura materna, a única forma de colmatá-la foi colocando a irmã entre ambas.

Não existe interacção entre os membros da família, refere que estão em casa a ver tv, o que não implica relação entre eles.

Quanto à presença a figura humana é fiel. Todos os elementos estão a sorrir, havendo uma diferença na boca do pai e da mãe, estão abertas, enquanto a das filhas está com um risco. A cabeça da mãe parece ser a maior em relação à dos outros elementos da família. A diferença sexual e geracional está patente, a mãe é a figura em que o vestuário é mais cuidado, está vestida com uma saia, com sapatos de salto alto e com brincos, no entanto, o pormenor dos sapatos estão virados para o lado esquerdo, ou seja, para o lado do pai, em detrimento das filhas. A irmã não tem pés e está, tal como a própria, de calças e com pouco investimento.

A figura mais investida, embora o pai seja o primeiro a ser desenhado, parece ser a mãe, uma vez que é a personagem mais cuidada no desenho, com mais pormenores, e na questão “*Que outra pessoa desejarias ser?*” escolhe a mãe “porque já é grande (...) gostava de ser como ela (...) gostava de ter uma casa minha.”

O pai e a irmã não figuram nenhuma das histórias, talvez porque a P. faz questão de não eleger ninguém como o *mais simpático* “porque são todos” ou *mais antipático* “porque não é nenhum”, e assim sucessivamente em relação às restantes perguntas. Isto pode indicar algum receio de arriscar, falta de criatividade em contar histórias, em eleger personagens para as diferentes categorias, subjacente a este funcionamento podem estar fortes sentimentos de insegurança em relação a si própria.

Análise de Conteúdo:

A figura mais investida em termos afectivos é a mãe, por ser a mais cuidada no desenho e por ser a outra pessoa que desejaria ser “gostava de ser como ela”.

Na identificação expressa refere que escolheu aquela “porque é a mais magrinha” (não se identifica como sendo “eu” naquele momento, mas já o tinha referido anteriormente como sendo a própria).

Não parece haver nenhuma figura desvalorizada, pois as únicas personagens que figuram nas histórias, é a própria e a mãe, ambas nas questões que remetem para a identificação. Nas restantes dá sempre respostas no plural, o que poderá assinalar um evitamento como forma de defesa, para não se envolver afectivamente.

Refere que não mudaria nada no desenho.

A P. representou a família real.

Sujeito 10 – 12 anos

A S. começou a desenhar da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, desenhando seis elementos ao meio da folha, e por baixo destes, desenhou os outros dois elementos, igualmente da esquerda para a direita.

Os diversos membros da família foram desenhados pela seguinte ordem: avó materna; avô paterno; mãe; pai; avó paterna; avô paterno; bebé com um ano; bebé mais pequeno.

O tempo de realização do desenho foi de 6 minutos e 31 segundos.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

É uma avó e um avô, os avós maternos; esta é a mãe, este é o pai, estes são os avós paternos; estes são os filhos.

2. Onde é que eles estão?

A passear.

3. O que é que estão a fazer?

Passear...

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

A avó, depois o avô, a mãe, o pai, a outra avó e o avô e aqui são dois filhos, dois meninos.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

É a avó materna, sexo feminino, 52 anos, arrumar a casa dela, e cuidar do marido; depois é o avô, sexo masculino, tem 51 anos; é a mãe, tem 28 anos, cuida dos filhos, arruma a casa; este é o pai, tem 28 anos, ajuda a mãe a cuidar dos filhos; esta é a avó, tem 59 anos, toma conta da casa; este é o avô, tem 60 anos, e ajuda a avó; e os filhos dormem... o maior 1 ano, e o outro 8 meses.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A mãe. Porque... não sei... porque é mais brincalhona, mais divertida.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

O avô paterno, já é mais velho, já não brinca muito com as crianças.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

O menino de 1 ano, porque é uma criança, e já é mais velha, já percebe melhor as coisas.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

(silêncio grande) Não sei... o avô... materno, não sei... porque está menos tempo com a mulher.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

A mãe! Porque dá mais carinho e isso.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

O avô paterno, porque lhe apetece ficar em casa.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

O filho de 1 ano. Entornou o leite. Vai para a cama mais cedo. O pai.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

O menino de 1 ano, porque dos filhos é o mais novo, é o mais velho, quer dizer...

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A mãe, para dar carinho as meus filhos e para brincar com eles.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Não.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A S. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, desenhou no meio da folha e os personagens bebés por baixo, também da esquerda para a direita.

Podemos observar que não se desenhou a si própria no seio da família.

A representação da figura humana é fiel. Todos os membros da família apresentam uma expressão facial sorridente.

Há diferenciação sexual, através do cabelo e do vestuário, e diferenciação geracional através da altura e, nomeadamente visível no cabelo da avó materna, com um “troço”, penteado comum nas pessoas mais velhas.

A figura mais investida é a figura materna, podemos constatar isso através do questionário, é eleita a *mais simpática* “porque é mais brincalhona, mais divertida” é a figura preferida “porque dá mais carinho”, na questão “*Que outra pessoa desejarias ser?*” elege também a mãe “para dar carinho aos meus filhos e para brincar com eles”, parece haver aqui uma grande idealização da mãe.

No desenho, a interacção entre os personagens não é observável, no questionário, a S. refere que estão a passear, embora não implique directamente interacção, pode induzir algum nível de proximidade entre os elementos da família.

De assinalar a ausência de pés no desenho da figura materna.

Análise de Conteúdo:

Embora a S. não se tenha representado no desenho, identifica-se como rival, com o menino de um ano “porque é o mais velho”, poderá ser indicador também de algum sentimento de fragilidade, sentir-se pequena, precisar de protecção.

A figura mais investida é a mãe, embora não tenha pés, apresenta um aspecto relativamente cuidado no desenho e é eleita como a *mais simpática*, a *preferida*, e é a *outra pessoa que desejaria ser*, fazendo identificação com a figura materna. Deste modo, parece haver uma idealização da figura materna devido às respostas do questionário. A figura desvalorizada parece ser o avô paterno, sendo considerado o *mais antipático* “já é velho”, e é *excluído* do passeio de carro, o avô materno é considerado o *mais infeliz*.

O pai não figura nenhuma das histórias, o que o torna um elemento igualmente desvalorizado, ou negligenciado.

A S. refere que não fazia nenhuma alteração no desenho.

A identificação de si é feita com o bebé de um ano, o que evidencia uma identificação com o rival.

Representou a família imaginária, onde a subjectividade tem primazia, a família é encarada de acordo com as tendências afectivas do indivíduo. Aqui o mecanismo de projecção funciona bem, porque há mais subjectividade.

Sujeito 11 – 13 anos

A S. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, desenhando quatro elementos em baixo, na folha, no entanto parece estarem a flutuar.

As personagens foram desenhadas pela seguinte ordem: mãe; irmão; pai; “eu”.

O tempo de realização do desenho foi de 5 minutos e 21 segundos.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

Então aqui está a minha mãe, depois o irmão, depois está o meu pai, e aqui estou eu.

2. Onde é que eles estão?

Em casa.

3. O que é que estão a fazer?

A conversar.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

O que eu desenhei primeiro foi a minha mãe, porque eu gosto muito dela, e é muito especial; depois foi o meu irmão, porque gosto muito dele e nunca me esquecerei dele; depois é o meu pai, porque também gosto dele, e desenhei-o em 3º lugar, porque gosto dele não é, mas não é assim tanto como a minha mãe e o meu irmão; depois sou eu.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

A minha mãe, sexo feminino, tem 27 anos e faz as coisas, limpezas das casas; o meu irmão, tem 10 anos, como eu, brinca, toma conta dos meus irmãos, depois também ajuda a mãe; o meu pai também ajuda a mãe, tem 57 anos, porque ele já teve 6 mulheres e ajuda a minha mãe e os meus irmãos; e depois eu também ajudava, mas agora com estou aqui, tenho 13 anos.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

São todas... porque gosto de todas... ah... pronto...

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Ai não sei... não sei... porque umas vezes o meu pai é antipático, depois outras vezes a minha madrasta é antipática... não sei... o meu irmão, nunca guerreei com o meu irmão!

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

O meu irmão, porque está sempre a rir, está sempre a jogar, pronto...

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

O meu pai! O meu pai está sempre triste e a zangar-se, mas outras vezes está contente!

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

Ai... não sei... prefiro todas! Porque para mim, elas são muito importantes, e se eu perder uma, não sei como seria a minha vida.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Eu! Não sei... mas preferia não ir eu.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

O meu irmão. Ah... asneira... deixou cair um prato! Lavar a louça... o pai.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

A mãe... porque primeiro escolhia a mãe, depois o irmão, depois o pai, depois eu.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Ninguém, porque não... eu não gostava de ser a minha mãe, nem o meu pai, nem o meu irmão, porque não queria ser homem, e a minha mãe também não, porque ela já é adulta...

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Sim.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Fazia igual.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A S. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal. Desenhou-se em último lugar e com algum desinvestimento gráfico, sem pés, isto poderá indicar algum desinvestimento narcísico, ou a presença de uma certa ansiedade de castração.

A representação da figura humana é fiel, a mãe e a própria têm uma expressão facial sorridente, enquanto o irmão e o pai não têm boca, apenas olhos...

Há diferenciação sexual através do cabelo e do vestuário, a mãe tem saia, a própria tem calças, tal como as figuras masculinas desenhadas.

A diferenciação geracional está relativamente patente, sendo a mãe e o pai mais altos que os filhos, e a própria a mais pequena, ainda que o irmão seja mais novo, está representado de forma maior que ela. Isto pode revelar algum sentimento de diminuição face às outras figuras da família representadas.

Refere que estão em casa a conversar, no entanto, no desenho em si está evidente a interacção entre os personagens, inclusivamente as figuras estão relativamente distantes umas das outras.

Análise de Conteúdo:

A S. representa-se em último lugar, o que poderá revelar pouca auto-estima, e alguma fragilidade do Eu.

A figura mais investida parece ser a figura materna, foi a primeira figura a ser desenhada, há um maior investimento gráfico, no que toca ao vestuário, calçado, expressão facial, cabelo relativamente às outras figuras. Na pergunta “*Quem serias tu?*” elege a mãe “porque primeiro escolhia a mãe, depois o irmão, depois o pai e depois eu”, mais uma vez está aqui patente o sentimento de desvalorização face a si própria. Contudo, na pergunta “*Que outra pessoa desejarias ser?*” não elegeu ninguém “não

gostava de ser o pai, nem o irmão porque são homens, e a mãe também não porque é adulta”, o que indica alguma contradição face à pergunta anterior, pode revelar alguma confusão ou desorganização no seu mundo interno e nos seus aspectos identificatórios.

A figura mais desvalorizada parece ser a própria, desenha-se em último, refere que primeiro escolhia a mãe, e por fim é que se escolhia a si própria, exclui-se também a si própria no passeio de carro, é a personagem mais pequena em termos de tamanho e desenha-se sem pés. Simultaneamente, o pai também parece ser bastante desvalorizado, é considerado o *mais antipático*, o *mais infeliz* “porque está sempre triste e a zangar-se...”.

Refere que não mudava nada no desenho, fazia tudo igual.

Em relação a identificação de si, identifica-se como “eu”, no entanto, revela sentimentos de auto-desvalorização e pouca auto-estima.

A S. representou a família real, embora tenha mais irmãos, só desenhou um.

Sujeito 12 – 12 anos

A T. começou o desenho do primeiro personagem da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, continuou o desenho dos respectivos membros da família no mesmo sentido. Faz um movimento desce sobe para desenhar o 3º personagem, o irmão.

A ordem pela qual os personagens foram desenhados foi a seguinte: mãe, 33 anos; pai, 32 anos; irmão, não sabe a idade; avô, 60 anos; tio, não sabe a idade; tia, 24 anos; avó, 60 anos; os restantes personagens foram os outros irmãos, dos quais não sabe a idade, à excepção da 10ª personagem a irmã, 13 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 7 minutos e 3 segundos.

Não demonstrou inibição, em relação ao traço encontram-se discrepâncias.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

Aqui é a mãe, aqui é o pai, aqui é o meu irmão, aqui é a minha avó, não aqui é o meu avô, aqui é o meu tio, aqui a minha tia, aqui a avó, aqui o meu irmão, a minha irmã, aqui os outros irmãos.

2. Onde é que eles estão?

Na praia.

3. O que é que estão a fazer?

A nadar e a brincar.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

A mãe, o pai, o irmão, o avô, o tio, a tia, a avó, o irmão, a irmã, o outro irmão e o outro irmão...

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

A mãe, sexo feminino, não sei... 33 anos, ela não faz nada, não trabalha, os meus irmãos não estão com a minha mãe; o pai, sexo masculino... ah... masculino, o pai tem... 32, guardar o gado; o avô, sexo masculino, deve ter 60, guardar o gado dele, dá abraços e beijinhos; a seguir a avó, sexo feminino, 60 anos, vai fazer as compras, às vezes, vai pintar as casas das amigas e das vizinhas e, às vezes, faz as tarefas em casa; o tio, sexo masculino... não, masculino, não sei a idade, não sei o papel, às vezes vai lá à casa da minha avó; a tia está no Algarve com o marido dela, acho que tem 24 e é feminino; os irmãos: esta tem 13, os outros não sei...

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

Todas, porque são amigas, dão carinhos e beijinhos.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

A mãe. Porque, não sei explicar... porque o meu pai lhe vai perguntar alguma coisa, ela respondeu-lhe mal...

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Os meus irmãos todos, porque quando vivia com eles todos, brincavam comigo, riam-se muito...

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

(Silêncio) A minha avó... porque ela não se ri muito, só se ri às vezes. Às vezes fica triste e outras vezes não.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

Os meus irmãos todos, o meu pai, o avô, o meu tio, tia, e a minha avó. Porque eles são todos meus amigos.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

A mãe, porque... ela não pode caber no carro... o carro e de... (conta as pessoas, à excepção da mãe) 12 pessoas... e depois não pode caber, porque os bancos são poucos, é por isso que ela não vai.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

No carro? (...) O meu irmão (o que desenhava em terceiro). Furou o pneu do carro. Ficar a ler todos os dias, não vai poder ver tv. O pai ou a mãe.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Este (irmã de 13 anos), porque ela é muito simpática, gostava de ser como ela, às vezes não sou muito simpática, porque, às vezes, porto-me mal... Às vezes, cá em casa porto-me mal, bato em algumas meninas, porque elas batem em mim e depois fico de castigo.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

O meu pai, porque ele é alto, gosto muito do meu pai, porque ele é simpático e queria ser como ele, porque ele não bate nas pessoas, não se porta muito mal, às vezes é que se porta...

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Sim.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Mudava alguma coisa. A minha mãe. O cabelo, a altura, metia um pouco maior, porque ela é baixinha.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

Graficamente desenha como se tivesse 6 ou 7 anos, os braços e as mãos como se tivesse uma idade inferior. Não há muita representação ligada ao realismo visual.

Está bem patente uma discrepância no desenho em relação à qualidade do traço, por exemplo, no caso do cabelo da mãe, há um grande contraste com as mãos, os pés e os braços.

A T. não se inclui no desenho. Do ponto de vista de Luquet, faz uma representação visual, vê-os todos juntos, e ela está numa instituição, ou seja, retira-se, vendo-os todos

juntos de fora. É a representação que emocionalmente vem mais ao de cima, aquilo que ela assistiu é mais volátil. O facto de não se incluir no desenho também pode remeter para o nível de consciência, imaginando-os todos juntos, ou do ponto de vista da auto-estima, auto-percepciona-se como frágil, e como não sendo assim possível haver espaço para ela na família.

A T., à excepção do primeiro irmão, desenha todos os outros irmãos muito próximos uns dos outros.

Desenha a mãe com uma diferença de altura muito considerável em relação ao pai, este assume a supremacia em termos de altura no desenho, sendo o personagem mais alto. No entanto a mãe, em termos gráficos, está tão investida como o pai, à excepção do tamanho, os pais são os personagens com mais pormenores.

A maioria das figuras, encontram-se desniveladas umas em relação às outras.

A representação da figura humana é fiel, obedece aos parâmetros em relação às expressões faciais, todas as figuras parecem ter a língua de fora, mas ao contrário, o que pode induzir algum ar sarcástico.

A T. faz a diferenciação de géneros através do cabelo, à excepção dos tios e da avó que não lhe desenhou cabelo. A diferença geracional não está patente, pois as alturas estão muito discrepantes de umas em relação às outras, à excepção das figuras masculinas, pai e avô, que estão mais destacados. Parece haver alguma desorientação espácio-temporal em relação às idades que atribui a alguns personagens.

A figura mais investida é claramente o pai, é a figura mais imponente, o tamanho pode significar a importância dele, de acordo com os outros dados que temos. Embora tenha sido o segundo a ser desenhado é a figura de maior destaque, revelando também investimento em relação ao vestuário. A árvore desenhada na camisola do pai, pode representar uma má ligação ao real.

O pai é um pai maternal, desempenha funções maternas.

É eleito como uma das figuras por quem tem *preferência*, na questão “*Que outra pessoa desejaras ser?*” que remete para a identificação, também escolhe o pai “porque ele é simpático, ele não bate nas pessoas, não se porta mal, às vezes é que se porta”, aqui a T. deseja ser como o pai, refere que o mesmo não bate nas pessoas, embora bata na sua mãe e T. também o faz em relação às colegas, poderemos estar perante uma clara identificação ao modelo.

Graficamente também investe na mãe, inclusive aplica o pormenor de um 8 na camisola da mesma, o que pode remeter para o número de filhos que tem, onde ela está incluída,

ainda que não se represente no desenho em termos de personagem, representa-se em número, isto pode-nos levar a pensar na expressão de um desejo, o desejo de poder estar no coração da mãe, ou o “quem me dera que a minha mãe tenha os filhos no coração”. No desenho não há movimento evidente, no entanto no questionário, a T. refere questão na praia “a nadar e a brincar”, estão todos desenhados de braços abertos.

Análise de Conteúdo:

A figura mais investida em termos afectivos é a figura paterna, é eleito como uma das figuras preferidas, elege-o como sendo a personagem que desejaria ser. É um personagem muito investido no desenho e no questionário do mesmo.

A figura mais desinvestida em termos afectivos parece ser a própria, não se inclui no desenho e por exemplo, preferia ser a irmã porque considera que é simpática, ao contrário da definição que dá em relação a si própria “não sou muito simpática, às vezes porto-me mal, bato em algumas meninas...”. Outra figura igualmente desinvestida, embora seja desenhada em primeiro e haja investimento gráfico, é a mãe, pois é considerada a *mais antipática*, é a figura *excluída* do passeio de carro, porque embora o carro tenha 12 lugares, dá para todos, excepto para ela “não pode caber, os bancos são poucos, e é por isso que ela não vai”. As exclusões podem ser de cariz protector ou agressivo, mas aqui de acordo com os dados que temos, parece ser uma exclusão agressiva.

A T. apresenta a capacidade de idealizar a irmã, expressando o desejo de ser como ela, faz a identificação à mesma “porque ela é simpática, gostava de ser como ela...”, tudo ao contrário do que diz em relação a si própria.

Na seguinte questão, que também remete para a identificação, elege o pai “porque ele é alto, gosto muito do meu pai, é simpático e queria ser como ele...” O pai é visto como alguém que deseja ser, e em relação aos dados que temos, embora tenha tido experiências difíceis, também é capaz de ter tido experiências boas, pois vê o pai como uma figura confiável. (para além de ter a capacidade de confiar em alguém na instituição, em relação à freira, com quem estabelece uma relação preferencial, substituta “paterna”)

Em relação à questão se mudaria alguma coisa no desenho, afirma que “mudaria alguma coisa, a minha mãe”, refere que mudava o cabelo e a altura, acrescentava-lhe um tamanho maior “porque ela é baixinha”, isto pode levar-nos a pensar que a T. vive aqui

sentimentos de ambivalência em relação à figura materna, pois ela poderia querer mudar a mãe por não estar contente com a mãe que tem, assim mudava-a e ficava com a mãe, mas renovada.

De acordo com os dados da entrevista e com a análise do desenho parece haver aqui uma grande carência da figura materna.

A T. não faz identificação de si, pois não se incluiu no desenho, no entanto identificou-se com a irmã.

A T. representou a família real, revela que não tem a noção da família nuclear, desenha avós, tios, etc... e não se desenha a si própria. Os personagens não são desenhados com os “pés assentes na terra”, não há uma base que os sustente, o que parece revelar alguma perturbação ao nível das referências.

Sujeito 13 – 13 anos

A A. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, desenhando cinco elementos em baixo na folha. Desenhou-os pela seguinte ordem: irmã, 12 anos; pai, 32 anos; avó, 61 anos; avô, 67 anos; “eu”, 13 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 7 minutos e 36 segundos.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

A minha irmã, o meu pai, a minha avó, o meu avô e eu.

2. Onde é que eles estão?

O meu pai está em casa da minha avó com o meu avô. Eu e a minha mana na Fundação. No desenho... estamos em casa.

3. O que é que estão a fazer?

Devem estar a ver televisão.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

A minha mana, o meu pai, a minha avó, o meu avô e eu.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

Esta é a minha mana, sexo feminino, 12 anos, anda na escola de Santiago Maior, o papel dela também é brincar; o meu pai, sexo masculino, 32 anos e é pastor, o papel dele é dar carinho; a minha avó, sexo feminino, tem 61 anos, não trabalha, e o papel é ajudar as netas; o meu avô, sexo masculino, tem 67 anos, é pastor e ajuda a tratar de mim e da minha irmã; eu, sexo feminino, 13 anos, ando na escola de Santiago Maior, estou no 5º ano, e estou sempre a estudar para tirar boas notas.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A minha mana, porque anda sempre a brincar comigo, anda sempre a dizer para estudar, para não estar sempre a brincar.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Nenhuma, porque são todas simpáticas e amigas.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

O meu pai e a minha irmã, porque às vezes o meu pai vem cá, e ela está sempre a brincar comigo e eu estou sempre a ver as coisas com ela, para ela estudar e não ser como a minha mãe... ela não estudava e não ia às aulas, e isso é muito mau.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

A minha avó, porque ela está sempre com medo de nós ficarmos magoadas dentro da família, por causa da minha mãe, porque ela anda com outro homem e temos que ter cuidado.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

O meu pai e a minha mana, porque eles são muito amigos, dão-me tudo o que eu preciso, e a minha mana diz-me para não me portar mal e para não fazer coisas más e para não ter medo das pessoas... tenho medo de pessoas que não conheço.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

A minha avó, porque ela nunca ia se o carro já estivesse cheio.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

O meu avô. Caiu e partiu um boneco que eu gostava muito. Fica de castigo, não vai ver televisão e não vai ver os amigos. A avó.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Eu, porque tenho o cabelo um pouco grande... e este ano vou para a praia, para a Ericeira, dia 4!

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A T. (irmã) porque ela é muito simpática e muito corajosa, de estudar, eu ajudo-a a fazer os trabalhos de casa e a ler. Brincamos às professoras, eu sou sempre a professora e ela a aluna! (sorriu-se)

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou contente.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Não, deixava igual... Só acrescentava um jardim, com uma mesa, um bolo, a família toda junta... e uma festa, com dança!

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A A. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal. Desenhou-se em último lugar.

A representação da figura humana é fiel, todas as figuras têm uma expressão facial sorridente.

A diferenciação sexual é evidente através do cabelo, a própria e a irmã com o cabelo muito semelhante, bastante comprido.

A diferenciação geracional não está muito clara.

Não há interacção entre os personagens no desenho, e no questionário confirma essa ausência de interacção, referindo que estão em asa a ver tv, pois não implica que conversem, que haja partilha.

Análise de Conteúdo:

A A. representa-se em último lugar, o que pode revelar alguma fragilidade do Eu.

A figura mais investida parece ser a irmã e o pai. A irmã está desenhada em primeiro lugar, seguida do pai, é eleita a *mais simpática*, ambos são eleitos os *mais felizes*, são igualmente ambos, alvo da preferência da A. A irmã é a outra *pessoa que desejaria ser*.

A figura mais desvalorizada parece ser a avó e o avô, que faz a *asneira*, mas sobretudo a avó, que é considerada a *mais infeliz*, é a *excluída* do passeio de carro “porque ela nunca ia se o carro já tivesse cheio”.

Em relação à identificação de si, identificou-se como sendo “eu”, no entanto, revelou alguma fragilidade do eu, desenhando-se em último lugar.

Representou a família real.

Sujeito 14 – 12 anos

A C. começou a desenhar da esquerda para a direita, com a folha na horizontal. Desenhou primeiro a mãe, seguida da filha e depois fez um movimento de regressão, voltando atrás para desenhar o pai antes da mãe...

As personagens estão representadas pela seguinte ordem: mãe; filha; pai.

O tempo de realização do desenho foi de 2 minutos e 57 segundos.

Respostas ao Questionário:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

É o pai, uma mãe e uma filha.

2. Onde é que eles estão?

No jardim.

3. O que é que estão a fazer?

Nada...

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

A mãe, a filha e o pai.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

A mãe tem 40, a filha tem 12 e o pai tem 40. A mãe trabalha, a filha estuda e o pai trabalha.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A mãe, porque é a mãe.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

O pai, porque os pais são sempre mais agressivos.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

A filha, porque não tem muitos problemas.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Não sei... talvez a mãe, porque muitas vezes guerreamos com a mãe e elas não gostam.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

A filha, porque é a mais pequenina.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

O pai, porque acho que é mais normal a filha e mãe irem, eu também quando ia, ia mais vezes com a minha mãe do que com o meu pai.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

A mãe, passou um sinal vermelho. Uma multa. A polícia.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

A filha, porque tem 12 anos e eu também tenho.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A mãe... porque... não sei...

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Não, porque está feio.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Fazia diferente, fazia-o melhor, foi feito um pouco à pressa. Fazia uns desenhos na roupa...

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A C. começou a desenhar da esquerda para a direita, mas volta atrás para desenhar o pai antes da mãe, o que parece indicar um movimento regressivo.

As personagens estão todas um pouco desniveladas umas em relação às outras, sobretudo a filha.

As personagens são desenhadas no meio da folha, sendo a mãe a figura mais alta.

A representação da figura humana é fiel. Representa a mãe com uma expressão facial sorridente, tem os olhos sem a “bolinha”, não se percebe bem se estão abertos, ou fechados. A filha tem uma expressão facial pouco definida, os olhos são semelhantes aos da mãe, o pai parece estar com um sorriso sarcástico, e só tem um olho aberto, ou está a piscar o olho.

A diferenciação sexual está presente no vestuário, e no cabelo das personagens.

A diferenciação geracional não está tão evidente, sendo que a mãe é a figura maior.

Não parece haver acção ou movimento no desenho, e a resposta à questão “*o que estão a fazer?*” parece confirmar isso mesmo, “*não estão a fazer nada*”. Isto pode indicar o evitar de contacto e interacção entre os membros da família.

Análise de Conteúdo:

A primeira personagem a ser representada é a mãe, seguida da filha e, por último o pai. Começa o desenho da esquerda para a direita, no entanto faz uma regressão para representar o pai antes da mãe, isto pode indicar um movimento regressivo, ou mesmo necessidade de alguma aceitação social, como se a figura masculina tivesse que ser representada em primeiro.

A figura mais valorizada parece ser a filha, uma vez que a considera a *mais feliz* “porque não tem muitos problemas”, aqui parece estarmos perante o mecanismo de defesa negação, é eleita como *a preferida* “porque é a mais pequena”, identifica-se igualmente com a mesma “porque tem 12 anos e eu também tenho”. Em relação à mãe parece denotar-se alguma ambivalência, pois embora seja uma figura valorizada e investida, *mais simpática* “porque é a mãe”, na segunda questão que remete para a identificação também escolhe a mãe “porque não sei...” mas não consegue explicar o motivo de tal escolha, todavia considera-a *a mais infeliz* “porque muitas vezes guerreamos com as mães e elas não gostam”, elege-a para cometer a *asneira* “passou o sinal vermelho”, estas diferenças na opinião em relação à figura materna pode revelar alguma confusão interna, e um sentimento de ambivalência bem presente.

A figura mais desvalorizada é o pai, é eleito como o *mais antipático* “porque os pais são sempre mais agressivos”, é *excluído* do passeio de carro “porque acho mais normal a filha e a mãe irem...” Estas afirmações e respectivas escolhas, parecem denotar uma certa carência de uma figura paterna sólida.

Em relação ao desenho, a C. refere que fazia diferente “fazia-o melhor (...) fazia uns desenhos na roupa”.

Em relação à Identificação de Si, identifica-se consigo própria, mas desejaria ser a mãe, embora não saiba explicar o porquê.

A C. representou a família imaginária, pois não os nomeia como “o meu pai” ou “a minha mãe”, refere-se sempre na terceira pessoa em relação aos elementos da família.

ANEXO E: Desenhos, Respostas ao Questionário do Teste do Desenho da Família e
Respectiva Análise no Grupo na família não exposto a violência intra familiar

Sujeito 15– 12 anos

A C. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal. Desenhou os personagens em baixo, e não há ambiente envolvente. Os personagens encontram-se com algum espaço entre eles.

Os diversos membros da família são desenhados pela seguinte ordem: Pai, 40 anos; Filha, 12 anos; Mãe, 40 anos; Filho, 1 ano.

O tempo de realização do desenho foi de 3 minutos e 5 segundos.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

Então é o pai, a mãe e a filha e o filho.

2. Onde é que eles estão?

Estão a entrar em casa.

3. O que é que estão a fazer?

Então vinham de um passeio.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

O pai, é o chefe da família e gostava muito dos filhos e da mulher, a filha também gostava muito do irmão, da mãe e do pai, e a mãe a mesma coisa, e o filho também.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

O pai, sexo masculino, tem 40 anos e faz as coisas mais pesadas lá de casa e ajuda quando é preciso; a menina, sexo feminino, tem 12 anos, estuda e pede ajuda aos pais quando é preciso; a mãe, sexo feminino, tem 40 anos, faz as coisas domésticas lá de casa e também ajuda; e o filho, sexo masculino, tem 1 ano e também pede ajuda quando é preciso.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A filha, porque é da minha idade.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Secalhar a mãe, porque tem assim mais manias, então às vezes não deixa a filha fazer as coisas como elas querem e isso.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Eu acho que são todos, porque todos gostam muito uns dos outros.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Não há, porque acho que numa família devem ser todos felizes.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

A filha, porque acho que é da minha idade e identifico-me mais com ela.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Acho que se não vai um, não vai ninguém, porque não acho justo irem só três e o outro não poder ir.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Não sei, secalhar o filho mais novo. Roubado a mota ao avô. Acho que vai para casa. A mãe.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

A filha, porque é com a que me identifico mais.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Secalhar a mãe, porque é amiga.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Sim.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Ficava igual.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A C. começou por desenhar o pai, seguido da filha, depois a mãe, e por último o filho. As personagens estão desenhadas com algum espaço entre elas. Há pouco investimento gráfico em todos os elementos. Não parece haver interação entre eles, no questionário, a C. refere que estão a entrar em casa, porque vinham de um passeio, o que induz algum movimento ao desenho.

A representação da figura humana é fiel, embora as personagens estejam desenhadas de uma forma um pouco infantilizada. Quanto às expressões faciais, estão todos a sorrir, à excepção do irmão, que parece estar com um ar aborrecido.

A diferenciação sexual está patente através do vestuário e do cabelo. Em relação à diferenciação geracional não é tão evidente, o pai, a filha e a mãe, não se observam diferenças gráficas em termos geracionais.

As figuras são desenhadas com pouco cuidado gráfico, e com ausência de pormenores. O pai é a figura de maior destaque, embora esteja representado de uma forma um pouco infantilizada. Em relação à filha e à mãe, não existem diferenças em termos gráficos. O filho é o mais pequeno, e encontra-se bastante desproporcional face às outras personagens, parecendo um pouco negligenciado, pois também é a figura mais afastada das outras.

Análise de Conteúdo:

A figura mais investida em termos afectivos, parece-nos ser a filha, é a segunda figura a ser desenhada, é considerada a mais simpática, é eleita como sendo a preferida, é com ela que se identifica.

A figura mais desvalorizada parece-nos ser a mãe, e o irmão. A mãe porque é desenhada em terceiro lugar, não se distingue da filha e é considerada a mais antipática, embora seja eleita como sendo a outra pessoa que desejaria ser. O irmão é o último personagem a ser desenhado, embora seja o mais novo, é representado de uma forma desproporcional face às outras personagens, é o mais afastado das mesmas, e é o eleito para cometer a asneira.

O pai embora seja a primeira figura a ser desenhada, não figura nenhuma das histórias.

Em relação à última pergunta, a C. refere que não mudaria nada no desenho.

Quanto à Identificação de Si, a C. identifica-se com a filha, refere que é da sua idade, e é a figura com que se identifica mais. Projecta-se na personagem que mais satisfaz a sua tendência afectiva.

A C. representou uma família imaginária, desta forma o mecanismo de projecção das suas tendências pode funcionar de forma mais eficaz.

Sujeito 16 – 13 anos

A S. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal.

A ordem pela qual as personagens foram desenhadas foi a seguinte: pai, 48 anos; mãe, 44 anos; irmão, 24 anos.

O tempo da realização do desenho foi de 3 minutos e 10 segundos.

Não demonstrou inibição no desenho. Traço não é muito firme.

Respostas ao Questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

O meu pai, a minha mãe e o meu irmão, são as pessoas, que se tiver algum problema, com as quais eu falo mais.

2. Onde é que eles estão?

Aqui o pai, a mãe e o irmão.

3. O que é que estão a fazer?

Talvez mais aquelas pessoas que estão sempre a dar apoio... passear...

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

O meu pai, mãe e irmão.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

Pai, sexo masculino, depois temos a mãe, do sexo feminino que também dá apoio, quando queremos alguma coisa, também está sempre lá e depois o meu irmão mais para as conversas que não conseguimos ter com os pais, sexo masculino. O meu pai tem 48, a minha mãe tem 44 e o meu irmão 24.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

Eh pá... acho que é o meu irmão, porque falo mais com ele...

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

É mais o pai, porque às vezes pode ralar ou porque não faço alguma coisa...

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Acho que é a mãe, porque está sempre contente.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Acho que é mais o meu pai, porque tem muito trabalho.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

Os pais, porque são aquelas pessoas, que mesmo que aconteça alguma coisa estão sempre lá, seja qual for o motivo...

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Mas destas três pessoas ou incluindo-me a mim? (...) o meu irmão, porque é mais aquela pessoa que se há algum problema e se não pode ir a algum lado, ou se já tem coisas marcadas, diz logo ah vai tu...

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Talvez o meu pai. Dizer alguma coisa que nós não gostámos. Falar com ele. Acho que um pouco todos.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Uma rapariga, mais parecida com a minha mãe... assim pelo feitio sou mais parecida à mãe.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Talvez o meu irmão, porque também tem o feitio dos dois, é calmo, simpático, está sempre pronto para ajudar quando há algum problema, acho que se identifica um pouco comigo no feitio.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Sim.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acho que dá para ver que é uma família feliz.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A S. não se inclui no desenho.

A representação da figura humana obedece aos parâmetros.

As figuras foram desenhadas com algum espaço entre elas, mas todas de braços abertos, e com uma expressão facial muito sorridente, transparecendo alegria entre eles.

A diferenciação sexual está patente através do vestuário e do cabelo, o pai tem o cabelo aos caracóis, curto, e tem uma camisola e umas calças; a mãe tem o cabelo desenhado de uma forma cuidada, tem uma camisola e uma saia; o irmão tem um aspecto muito semelhante ao do pai, mas com um ar mais novo devido à altura.

A diferenciação geracional é bem evidente, sendo o pai, o mais alto, seguido da mãe e depois do filho.

Graficamente parecem estar todos igualmente vestidos.

No questionário refere que são pessoas que estão sempre a dar apoio, e que estão a passear.

Análise de Conteúdo:

A figura mais investida em termos afectivos parecem ser a mãe, e o irmão, a mãe é considerada a *mais feliz*; o irmão é considerado o *mais simpático*, na pergunta *Que outra pessoa desejaria ser?* Elege o irmão “...é calmo, simpático... acho que se identifica um pouco comigo no feitio”.

A figura mais desvalorizada parece ser o pai, é considerado a *mais antipática*, o *mais infeliz*, e foi a pessoa que fez a *asneira*.

Na pergunta que remete para a identificação, refere que seria uma rapariga muito parecida com a mãe “sou mais parecida à minha mãe”.

A S. não se representa no desenho, o que pode denotar algum fragilidade, inclusive na questão de quem é excluído do passeio de carro, mesmo não se tendo representado, pergunta “mas destas três pessoas ou incluindo-me a mim?”, o que poderia induzir que se fosse eleger a ela própria, mesmo não estando no desenho. Em relação à questão se pudesse recomeçar o desenho, não refere se mudava alguma coisa, apenas menciona “acho que dá para ver que é uma família feliz”.

Sujeito 17 – 12 anos

A R. começou o desenho da direita para a esquerda, com a folha na horizontal, com os personagens totalmente colocados à direita da folha, seguidamente, desenhou umas nuvens e um sol.

A ordem pela qual os personagens foram desenhados foi a seguinte: “eu”, 10 anos; mãe, 26 anos; pai, 28 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 4 minutos e 6 segundos.

Não demonstrou inibição na realização do desenho. Traço do desenho é forte.

Respostas ao Questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

Então é o meu pai, a minha mãe e eu...

2. Onde é que eles estão?

Em casa.

3. O que é que estão a fazer?

Estão os três juntos... contentes.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Fui eu, a minha mãe e depois o meu pai.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

Eu, tem 10 anos, a minha mãe tem 26 e o meu pai tem 28; o papel é estudante, a mãe é professora e o pai é arquitecto.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

Eu, porque sou a mais nova.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

O pai, porque tem um feitio arrogante.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

A mãe, porque está feliz, porque tem a filha e está com o marido que gosta, e são uma família feliz.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Não sei... a filha porque o pai não lhe liga.

10. E tu, nesta família, quem preferes? Porquê?

Prefiro a filha, eu... porque sou a mais nova.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe. Quem não vai? Porquê?

Eu! No desenho... não ia o pai, porque assim só iam elas as duas, elas são as duas raparigas.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Eu, portei-me mal na escola, ficar sem telemóvel e sem pc umas duas semanas, o pai e a mãe, mas o meu pai é que me deu o castigo.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Eu... porque não gostava de ser mãe.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Sei lá... a mãe... porque sei lá, para ficar com a filha.... Sei lá.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou!

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Não sei, secalhar mudava alguma coisa, acho que fazia os bonecos melhores, ou de outra forma...

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A ordem dos personagens é da direita para a esquerda, com a folha na horizontal, sendo a R. dextra. Primeiro desenhou-se a si própria, seguida da mãe, e por último, o pai.

Desenhou todos os personagens próximos uns dos outros, com os braços relativamente abertos e todos com um sorriso expresso.

A representação da figura humana obedece aos parâmetros, estando todas as figuras desenhadas com um grafismo cuidado, todos estão de olhos bem abertos, e com uma expressão facial bastante sorridente.

A diferenciação sexual dos personagens está bem evidente, nomeadamente através do cabelo, porque em relação ao vestuário, os três se encontram com calças. No entanto, o cabelo está desenhado de uma forma cuidada, o pai de cabelo curto, a mãe com o cabelo pelos ombros, e a filha de cabelo mais comprido. A diferenciação geracional também está patente, através da altura, a mãe parece ser a figura de maior destaque, tem a cara desenhada de forma maior e mais perfeita, o pai é a figura com a cara mais pequena e graficamente menos cuidada.

A figura mais investida graficamente parece ser a própria, e a mãe também, pois são as personagens mais cuidadas.

No questionário, a R. refere que estão todos em casa, juntos e contentes, o que induz interacção entre os membros da família.

Análise de Conteúdo:

A figura mais investida em termos afectivos parece ser a própria, é a primeira a ser desenhada, com um traçado cuidado, é eleita como a *mais simpática* “porque é a mais nova”; é a *preferida* “porque sou a mais nova”; na questão que remete para a identificação *Quem serias tu?* Elege-se igualmente a si própria “eu, porque não gostava de ser a mãe”. Embora na pergunta seguinte, *Que outra pessoa desejarias ser?* Parece escolher a mãe por exclusão de partes, “sei lá... a mãe, porque sei lá...

para ficar com a filha”. A importância que a R. atribui a si própria está bem evidente.

A figura mais desvalorizada em termos afectivos é o pai, é o último personagem a ser desenhado, graficamente é o menos cuidado, sobretudo no formato da cara, é eleito como o *mais antipático* “porque tem um feitio arrogante”, no passeio de carro, responde de imediato “eu” para ser a *figura excluída*, mas depois refere que em relação ao desenho, não iria o pai “porque só iam elas as duas, elas são as duas raparigas”.

A mãe não figura muitas histórias, no entanto, é considerada a *mais feliz* “porque tem a filha, e está com o marido que gosta, e são uma família feliz”. Na pergunta Que outra pessoa desejarias ser? Elege a mãe, justificando que a escolheria “para ficar com a filha”.

Na última questão, refere que mudava alguma coisa no desenho “acho que fazia os bonecos melhores, ou de outra forma...”

A R. representou a família real.

Sujeito 18 – 13

A A.M. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, ao meio da folha, ligeiramente mais para cima.

Os diversos membros da família vão sendo desenhados pela seguinte ordem: Pai, 39; anos; Prima, 3 anos; Eu, 13 anos; Mãe, 38 anos; irmão, 8 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 6 minutos e 57 segundos.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

É a mãe, o pai, uma bebe pequenina, a mais velha e um rapaz.

2. Onde é que eles estão?

Estão... em casa.

3. O que é que estão a fazer?

A tirar fotografias.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Quem são? O meu pai, a minha prima bebé, eu, a minha mãe e o meu irmão.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

A mãe tem 38, o pai 39, eu 13, a bebe 3 e o mano 8. Eu tomo conta da pequenina, o pai brinca com o rapaz, e a mãe limpa a casa, faz o almoço.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A bebé, porque é que gosto mais.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

O mano, porque quer sempre estar a jogar à bola e nunca ninguém quer jogar com ele, a não ser o pai, e o pai às vezes não pode...

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Secalhar a bebe, porque não sabe de nada das coisas que se passam, não tem problemas.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Acho que nenhuma... talvez nalguns momentos, eu, porque na adolescência custa sempre mais viver algumas coisas, e às vezes há aqueles problemas com o namorado e com as amigas. Mas não é infeliz com a família, é socialmente.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

A bebe, porque gosto de crianças, pequeninas, mas tem que ser para aí desde que nascem até aos 4 anos.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Eu... porque aproveitava e ficava com as minhas amigas, ou a estudar ou a fazer outras coisas.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

O mano. Partiu o vidro do carro com a bola. Não brinca com a bola, e não pode jogar ps durante um mês. A mãe.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

A adolescente, porque é a que tem mais a minha idade e eu identifico-me mais com ela.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A bebe, porque gosto quando somos pequeninos, não sabemos nada, não fazemos nada, é tudo é diferente, as pessoas gostam de nós, nunca há problemas.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou...

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acrescentava... uma mano ainda mais velha para ajudar, e a pequenina ainda podia ter uma irmã gémea, não fazia mal.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A A. M. colocou-se ao lado da mãe, ficando mais afastadas das figuras masculinas, desenhou nomeadamente, a prima entre ela própria e o pai. Os personagens encontram-se próximos uns dos outros, sobretudo a mãe dela própria, está a abraçá-la. A mãe, ela e o irmão estão inclusive a dizer adeus.

A representação humana é fiel. Neste desenho, as expressões faciais têm uma aparência simpática e alegre, estão todos sorridentes, à excepção da prima, que está com a chupeta. O pormenor dos pés do pai estão virados para o lado oposto da família, os da mãe estão virados para o lado da filha, e os outros personagens têm os pés desenhados para ambos os lados.

A mãe é a figura de maior destaque, embora o pai também tenha destaque pois é alto e tem umas pernas maiores, mas o desenho da mãe está com um grafismo mais cuidado. A mãe embora tenha uma perna mais larga que a outra, é desenhada com mais perfeição do que o pai, com uma expressão sorridente e com saltos altos. Todas as figuras têm os olhos bem abertos, à excepção do irmão.

Verificamos que a A.M. desenhou figuras com diferenciação sexual, patentes devido ao vestuário e ao cabelo, a diferença geracional igualmente notória, uma vez que os pais são os mais altos, seguidos da filha, depois do irmão e, por último da prima.

Parece-nos que quer a mãe, quer ela própria, são ambas bastante investidas, apresentam-se as duas com uma forma cuidada, ela própria desenha-se com uma saia, o que lhe dá um aspecto muito feminino, a mãe embora tenha umas calças, é-lhe desenhado o pormenor dos sapatos de salto alto, o que lhe confere igualmente um aspecto bastante feminino. Para além de serem as figuras mais próximas no desenho, visto que a mãe está a abraçar a filha, enquanto ambas fazem adeus. A A.M. tem um cabelo comprido, e cuidado, a mãe tem o cabelo pelos ombros, também com um aspecto cuidado.

No desenho não há mais pormenores, nem ambiente envolvente, apenas existe a família, é desenhada no meio da folha, não há presença de nenhuma base para os personagens.

O traço apresenta-se forte a nível geral. Há presença de interacção entre os personagens, pois refere que estão em casa “a tirar fotografias”.

Análise de Conteúdo:

Em termos afectivos, a personagem mais investida é claramente a prima bebé, é considerada a *mais simpática* “porque é a que gosto mais”, a *mais feliz* “porque não sabe de nada das coisas que se passam, não tem problemas”, é a *preferida* “porque gosto de crianças pequeninas, mas tem que ser para ai desde que nascem até aos 4 anos”, na questão *Que outra pessoa desejarias ser?* Escolhe a prima bebé “porque gosto quando somos pequeninos, não sabemos nada, não fazemos nada, e tudo é diferente, as pessoas gostam de nós, nunca há problemas”.

A figura desvalorizada parece-nos ser o irmão e ela própria, o irmão é considerado o *mais antipático* e foi ele que fez o *disparate*; ela própria considera-se a *mais infeliz* “talvez nalguns momentos eu, porque na adolescência custa sempre viver algumas coisas, e às vezes há aqueles problemas com o namorado e as amigas. Mas não é infeliz com a família, é socialmente. Exclui-se a si própria no passeio de carro “porque aproveitava e ficava com as minhas amigas, a estudar ou a fazer outras coisas”, aqui parece estar a desculpabilizar-se por se excluir do desenho.

Os pais não constam de nenhuma das histórias.

Na questão do que mudaria no desenho, refere que acrescentava “uma irmã mais velha para ajudar” e que faria uma gémea para a sua figura preferida, “a pequenina ainda podia ter uma irmã gémea, não fazia mal”. Aqui verifica-se ainda mais a preferência pela pequena, parece-nos haver aqui uma certa projecção dos seus desejos, como se o facto de ser pequena fosse um interdito para haver problemas.

Em relação à sua identificação, é uma identificação de realidade, pois representa-se a si mesma na sua condição em termos de idade, sexo, e declara ser “Eu”.

Verifica-se que a A.M. desenhou a família real, estando mais evidente uma maior objectividade pelo real, o que nos indica a prevalência do princípio da realidade pelo princípio do prazer. Contudo, é sempre possível a projecção das tendências afectivas.

Sujeito 19 – 12 anos

A A.R. começou a desenhar da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, ocupando a parte de baixo da folha.

Os diversos membros da família vão sendo desenhados pela seguinte ordem: mãe, 30 anos; filha, 6 anos; pai, 35 anos; filha mais velha, 10 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 6 minutos e 4 segundos.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

O que hei-de dizer... uma mãe, um pai e uma filha...

2. Onde é que eles estão?

Num jardim.

3. O que é que estão a fazer?

Estão a ver coisas...

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Esta é a mãe, depois é a filha, depois o pai e depois é a outra filha.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

A mãe tem 30 anos, a filha tem 6, o pai 35 e a filha mais velha tem 10. o papel... a mãe pode ser professora, em casa faz limpeza e essas coisas, a filha estuda, em casa brinca e vê tv, o pai pode ser médico, em casa ajuda a mãe nas tarefas e a filha mais velha é estudante e pode ajuda a irmã mais nova, brinca com ela.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

Para mim, é a pequenina, porque é mais novinha.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

A filha mais velha, porque já é mais crescida.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Todas... porque estão contentes.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Ninguém.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

Secalhar a mais nova, não sei.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Quem? Sim... ai... assim está mau... quem não vai? A mãe ou o pai... secalhar não vai a mãe, pode ficar a fazer outras coisas, em casa ou assim.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Ai... a pequenina, ah não sei... deve ter partido qualquer coisa... hmmm um castigo... ai isto está mau... ficar em casa a fazer os tpc. A mãe.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Secalhar a mais velha... talvez porque tem quase a minha idade. Identifico-me mais com pequenina, mas...

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Outra? Hmmm... pode ser a pequenina. Porque ela também é assim feliz e isso.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Mais ou menos, está um pouco feio, mas pronto...

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acrescentava... assim um bebe... assim um rapazito também, para o pai não ficar sozinho.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A.R. começou por desenhar a mãe, colocando entre cada progenitor uma filha. Os personagens estão relativamente próximos uns dos outros, embora não haja qualquer sinal de interacção.

A representação da figura humana é fiel. O esquema corporal das figuras representadas não tem nenhuma imperfeição. Em relação às expressões faciais estão todos com um sorriso, a mãe e a filha mais nova estão a olhar para o lado esquerdo, enquanto a filha mais velha está a olhar para baixo, e o pai é a única figura que tem os olhos bem abertos.

Os pais parecem ser as figuras de maior destaque, estão ambos bastante investidos em termos gráficos, e são os dois os mais altos.

A A.R. desenhou as figuras com diferenciação sexual, constatada através quer do vestuário, quer do cabelo, a diferenciação geracional continua a estar presente, expressa através da altura, sendo os pais as figuras mais altas, seguidos da filha mais velha e depois a filha mais nova.

As figuras estão todas investidas, com um aspecto cuidado e com a presença de pormenores, à excepção da filha mais velha, para além de ser a última a ser desenhada, é a única que não apresenta nenhum detalhe, no que toca ao vestuário, ou ao cabelo.

No desenho só está representada a família, não há presença de mais algum detalhe, ou ambiente envolvente.

O traçado apresenta-se forte, nomeadamente no desenho das caras, das bocas, do cabelo e do vestido da irmã mais nova.

Não há interacção entre os personagens, pois refere que estão num jardim “a ver coisas”.

Análise de Conteúdo:

Em termos afectivos, a figura mais investida é a filha mais pequena, é considerada a *mais simpática* “porque é mais novinha”, é a figura *preferida*, em ambas as perguntas que remetem para a identificação, elege a mais pequena, embora na pergunta *Quem serias tu?* escolhe a filha mais velha “talvez porque tem a minha idade, identifico-me mais com a pequenina, mas...”, nas pergunta *Que outra pessoa desejarias ser?* elege

claramente a filha mais pequena “porque ela também é feliz e isso”. Contudo, a filha mais nova é escolhida para cometer a *asneira* “ter partido alguma coisa”.

A figura desvalorizada em termos afectivos parece-nos ser a filha mais velha, é a última a ser desenhada, com ausência de detalhes, ao contrário das outras personagens. É considerada a mais antipática no questionário do desenho “porque já é mais crescida”. Embora se identifique com ela, por terem quase a mesma idade, acaba por deixar cair o pano, dizendo que se identifica mais com a pequenina. A mãe, ainda que seja a primeira a ser desenhada e com presença de detalhes, acaba por ser a excluída do passeio de carro, “...não vai a mãe, pode ficar a fazer outras coisas, em casa ou assim”.

Os pais não constam em nenhuma das histórias, a não ser a mãe, que é excluída do passeio de carro. A filha mais nova e mais velha são as personagens principais das histórias, podendo evidenciar alguma rivalidade fraterna.

Na questão se mudaria alguma coisa no desenho, a A.R. refere que acrescentava um bebé “assim um rapazito também, para o pai não ficar sozinho”.

A identificação de si é feita através da filha mais velha.

Desenha a família imaginária.

Sujeito 20 – 13 anos

A L. começou por desenhar da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, no meio da folha, ligeiramente para baixo. Começou por se desenhar a ela própria, continuando o desenho da esquerda para a direita.

Os diversos membros da família são desenhados pela seguinte ordem: “Eu”, 13 anos; irmão, 19 anos; mãe, 38 anos; pai, 42 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 2 minutos e 4 segundos.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

Então esta aqui sou eu, chamo-me L., tenho 13 anos e ando na escola, aqui é o meu irmão tem 19 anos e anda nos EUA a tirar o curso de economia, esta aqui é a minha mãe, chama-se J., tem 38 anos e é ama de crianças, este aqui é o meu pai, tem 42 anos e é pedreiro.

2. Onde é que eles estão?

Aqui... numa casa.

3. O que é que estão a fazer?

Bem... eu estou com o meu irmão no pc, estamos a ver uma série, a minha mãe está a cozinhar e o meu pai está a ajudá-la.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Esta sou eu, é o meu irmão, a minha mãe e o meu pai.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

Eu, sexo feminino, o meu papel na família secalhar é dar amor a todos; o meu irmão sexo masculino, tem 19 anos e ele é dar-me apoio em tudo o que eu precisar; esta é a minha mãe tem 38 anos e o papel dela, é ajudar-nos sempre, a mim e ao meu irmão, em tudo o que for preciso; este é o meu pai, tem 42 anos, sexo masculino e tem a

mesma função da minha mãe que é ajudar-nos o mais possível e ensinar-nos para podermos ter um futuro melhor.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

Posso escolher duas? ... hmmm... o meu irmão, porque o ele está sempre a brincar comigo, está sempre com aquele sorriso na cara, mesmo que tenha algum problema nunca mostra isso para mim. Mesmo que ele esteja triste, eu sei quando ele está, mas ele tenta sempre mostrar o contrário.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Secalhar o meu pai, porque é uma pessoa daquelas muito antigas, gosta sempre que nós estejamos sempre na linha, que não nos portemos mal, e gosta sempre de mostrar como a vida dele foi, e como quer que a nossa vida seja. E às vezes, secalhar o trabalho correu mal, ou qualquer coisa, por mais que não queira mostrar, ele não consegue, mostra sempre, assim triste.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Sou eu! (sorriso) porque eu sou muito brincalhona com as pessoas, sou muito simpática, alegre, estou sempre a brincar. Já sofri muito na minha infância, mas agora estou bem, sei que tenho amigos aqui perto de mim que me apoiam sempre e isso faz com que eu fico muito feliz!

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Secalhar a minha mãe, porque tem um problema, uma hérnia e se fizer pressão com a medula, manda-a para uma cadeira de rodas, e ela está sempre pensando nisso, não consegue deixar esse problema para trás, mas nós tentamos sempre ajudar a ultrapassar esse problema.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

O meu maninho! Porque o meu irmão ajuda-me sempre, sempre fui muito ligada a ele, mesmo na infância, há pessoas que não são assim... mas eu sou muito parecida com ele também... e acho que ele me ajuda em tudo, apesar de estar na EU no 1º ano, embora haja algumas vezes em que ele não pode, mas aí eu compreendo-o... há várias semanas que fico sem o ver, isso para mim é um mês.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.

Quem não vai? Porquê?

A minha mãe, porque ela gosta muito de passear, mas também se vamos num carro e não cabem todos, ela fica para trás e deixa os outros irem no lugar dela.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

O meu pai. (rir) partiu um copo. Dar-lhe um sermão e dizer-lhe para nunca mais voltar a repetir aquilo e dizer-lhe que asneiras acontecem sempre a todos, nunca é sempre aos filhos, mas também pode acontecer aos pais. A mãe.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Eu... eu era a Maria, a filha. Porque a minha mãe meteu-me o nome de Liliana, eu gosto do nome, mas não foi sempre aquele nome que eu desejei ter, queria ser Maria.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

O meu irmão, porque tenho um orgulho muito grande nele, por ele ter passado todos os anos, e por estar agora na universidade, e sei que ele sempre teve muitos amigos que o ajudaram, porque ele sofreu um problema na infância, teve epilepsia, e ele tentou superar esse problema ao máximo e agora está sem ele.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou!

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Secalhar acrescentava, a minha avó, também mora comigo. Mas não a desenhei porque quis só mesmo desenhar eu, a minha mãe, o meu irmão e o meu pai, mas se pudesse acrescentava agora aqui a minha avó.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A própria é a primeira a ser desenhada, os personagens encontram-se relativamente afastados uns dos outros, não aparentando qualquer interacção entre eles.

A representação da figura humana obedece a alguns parâmetros, contudo, alguns componentes do esquema corporal mostram-se inexistentes, como é o caso das mãos e dos pés dos personagens. Em relação às expressões faciais estão sorridentes.

Não há nenhuma figura que se destaque particularmente, embora o pai pareça ligeiramente mais alto, contudo são todos muito semelhantes uns aos outros, a única diferença reside no cabelo dos personagens. Em relação à diferenciação sexual é este mesmo, o único elemento que permite fazer a distinção entre eles em termos de género. No que toca à diferenciação geracional não está evidente, visto que coloca todos os personagens relativamente do mesmo tamanho, a não ser o pai, mas a diferença não nos parece muito notória.

Embora estejam todos muito semelhantes, a personagem mais investida parece-nos ser a mãe, exclusivamente pelo facto de ser a que apresenta um grafismo um pouco mais direito, o sorriso menos torto, apenas por alguns pormenores. Não há nenhuma que se destaque.

No desenho só figura a família, não há ambiente envolvente, nem qualquer tipo de detalhe ao redor.

O traço parece-nos alternar relativamente, parecendo mais forte no desenho dos pais.

No desenho a L. estabelece alguma interacção entre os personagens, ainda que estabeleça uma divisão “eu estou com o meu irmão no computador a ver uma série” enquanto “a minha mãe está a cozinhar e o meu pai está a ajudá-la”.

Análise de Conteúdo:

Em termos afectivos, a figura mais investida parece-nos ser o irmão, uma vez que é o segundo personagem a ser desenhado, é considerado o *mais simpático* “porque está sempre a brincar comigo, está sempre com aquele sorriso na cara (...)”, é o *preferido* “porque o meu irmão ajuda-me sempre, sempre fui muito ligada a ele (...)” e é a personagem que a L. desejaria ser “porque tenho um orgulho muito grande nele (...)”. A própria também nos parece uma figura bastante investida, pois desenha-se em primeiro lugar, é eleita a *mais feliz* “porque sou muito brincalhona com as pessoas, sou muito simpática e alegre (...)” e identifica-se consigo própria.

Os pais parecem-nos ambos serem as figuras desvalorizadas, são ambos desenhados depois de si própria e do irmão, o pai é considerado o *mais antipático* e foi o eleito para cometer a asneira; em relação à mãe, é considerada a *mais infeliz*, e é a personagem excluída do passeio de carro.

A L. refere que se pudesse mudar o desenho, acrescentaria a sua avó, que também vive com ela, os pais e o irmão, no entanto refere que não a desenhou porque apenas quis desenhar a família nuclear.

Em relação à identificação de si, a L. declara ser “Eu” no desenho, e identifica-se consigo própria, embora atribua um nome diferente, o nome que refere que desejava ter. Em relação à identificação mais profunda identifica-se com o rival, desejando ser o irmão, e ainda o elege como figura preferida.

Foi representada a família real, o que demonstra que a L. assumiu uma obediência ao real concreto, o que pode mostrar que o princípio da realidade tem prioridade em relação ao princípio do prazer.

Sujeito 21 – 13 anos

A I. começou a desenhar da esquerda para a direita, com a folha na horizontal. O desenho foi realizado da parte de baixo, todo da parte esquerda da folha. As personagens estão todas muito perto umas das outras.

Os diversos membros da família foram desenhados pela seguinte ordem: Pai, 48 anos; Mãe, 42 anos; Irmã, 20 anos; “Eu”, 13 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 4 minutos e 1 segundo.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

A família que eu desenhei é a minha, somos todos felizes...

2. Onde é que eles estão?

O meu pai está a trabalhar, a minha mãe também, eu estou na escola, e a minha irmã também está. No desenho... de férias...

3. O que é que estão a fazer?

Na praia.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Este é o meu pai, a minha mãe, eu e a minha irmã.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

O meu pai, é condutor de pesados, tem 48 anos, e chama-se A.; a minha mãe é auxiliar de educação, tem 42 anos e chama-se A., eu tenho 13 anos e sou estudante, e a minha irmã L., tem 11 anos e é estudante.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

Todas! Porque gosto de todos.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Acho que ninguém.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Todos! Porque não sei... gostamos uns dos outros...

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Ninguém.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

A minha irmã, porque é mais ou menos da minha idade, e é com ela que possa falar assim mais.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Ninguém.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Foi a minha irmã. Saiu de casa e deixou as coisas sujas. Nenhuma, o meu pai não se zanga assim tanto com ela.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

A minha irmã, não sei, gosto dela...

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A minha mãe, porque gosto do trabalho dela, trabalha com crianças... é feliz também...

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Não, ficava igual.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

Todas as figuras estão muito próximas umas das outras, contudo não há indicadores de interacção, apenas refere que estão na praia.

Em relação à figura humana, a representação é fiel. Todas as personagens são desenhadas com um sorriso, os olhos estão todos bem abertos.

A diferenciação sexual está bem patente, nomeadamente através do cabelo, e a mãe tem sapatos de salto alto, em relação ao vestuário todos os personagens estão de calças. A diferenciação geracional está presente, mas não é tão evidente.

Em relação à figura mais investida parece-nos que não há grandes diferenças entre os membros da família. Há a possibilidade de ser o pai, que é desenhado em primeiro, e dela própria, que tem um traço mais marcado.

O desenho é composto apenas pelos personagens, não há presença de ambiente envolvente.

Análise de Conteúdo:

A personagem mais investida em termos afectivos é a irmã, embora a desenhe em último, escolhe-a como a *preferida*, na primeira pergunta que remete para a identificação refere que seria a irmã; embora tenha escolhido também a irmã para fazer a asneira, acaba por referir que o castigo não será nenhum porque o pai não se zanga tanto com ela, isto pode denotar alguma ambivalência em relação à irmã, no sentido, de idealização, e ao mesmo tempo, alguma rivalidade fraterna.

Não parece haver nenhuma personagem em destaque alvo de desvalorização.

Em relação à pergunta se mudaria alguma coisa no desenho, refere que faria igual.

Relativamente à identificação, declara ser “Eu”, o que permite afirmar que há uma condição verdadeira em relação ao seu sexo e idade.

A I. desenhou a família real.

Sujeito 22 – 13 anos

A I. começou a desenhar da esquerda para a direita, com a folha na horizontal. As personagens foram desenhadas na parte de baixo da folha.

Os membros da família foram desenhados pela seguinte ordem: pai, 36 anos; própria, 10 anos; irmão, 16 anos; mãe, 36 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 3 minutos e 34 segundos.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

São quatro pessoas, o meu irmão e eu e os meus pais.

2. Onde é que eles estão?

Em casa.

3. O que é que estão a fazer?

A falar uns com os outros.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Este é o pai, eu, o meu irmão e a minha mãe.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

O pai, tem 36 anos, a eu, 10 anos, o meu irmão tem 16 e a mãe que tem 36 anos. Os meus pais trabalham e nós andamos à escola.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A mãe, porque a mãe é a mais querida, tem os filhos, tem o pai e acho que é a mais simpática.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Secalhar o pai, porque secalhar tem um feitio mais autoritário, mais respeitado.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Eu, porque tenho um irmão mais velho, e tenho a mãe e o pai.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Secalhar o pai, porque tem que trabalhar muito.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

A minha mãe, porque passo mais tempo com ela.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

O pai, porque podia dar-nos o lugar.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Eu. Secalhar partiu qualquer coisa em casa ou assim. Ficar sem televisão. A mãe.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

O meu irmão, porque é o primeiro filho, tem uma irmã mais nova, pode brincar com ela e assim.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A mãe, porque gosto muito dela.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Sim!

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

A acrescentava, uma irmã ou um irmão mais velho.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A I. desenhou o primeiro personagem da esquerda para a direita, seguido dos outros personagens.

As personagens estão todas com algum espaço entre elas, estando os filhos no meio dos pais.

Em relação à figura humana é representada de forma fiel. Os diversos elementos da família estão todos a sorrir. O pai e a própria estão a olhar para o lado do irmão da I. e da mãe, mas a olhar em baixo, enquanto que este e a mãe estão a olhar para eles de lado. Parece haver interacção pelo que a I. responde no questionário, diz que estão a falar.

É evidente a diferenciação sexual, pode ser observada através do cabelo e do vestuário das personagens, a diferenciação geracional também está presente, observável no tamanho dos mesmos.

A figura mais investida positivamente parece ser a mãe, embora não seja a primeira a ser desenhada, é eleita como a mais simpática, a preferida, e quem desejaria ser.

O pai parece ser a figura menos investida positivamente, embora seja a primeira figura a ser desenhada, é considerado o mais antipático, o mais infeliz e o excluído do passeio de carro.

Análise de Conteúdo:

A personagem mais investida em termos afectivos é parece-nos ser a mãe, embora graficamente não se destaque, é escolhida como a mais simpática, a preferida e é a pessoa que desejaria ser.

A personagem desvalorizada em termos afectivos, e mais investido negativamente parece-nos ser o pai, é escolhido como o mais antipático, é eleito como o mais infeliz, e é excluído do passeio de carro.

Em relação à pergunta do que mudaria no desenho, refere que acrescentava uma irmã ou irmão mais velho, isto pode denotar algum desejo inconsciente de protecção.

Em relação à identificação de si, a I. declara ser “eu”, mas identifica-se com o irmão.

A I. representou a família real, embora algumas idades não correspondam à realidade, a I. parece evidenciar alguma regressão atribuindo uma idade mais nova da sua idade real.

Sujeito 23 – 13 anos

A I. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, desenhando os personagens ao meio, ligeiramente para baixo na folha.

Os diversos membros da família foram desenhados pela seguinte ordem: Mãe, 45 anos; Filho, 12 ou 13 anos; Pai, 40 e tal anos.

O tempo de realização do desenho foi de 2 minutos e 30 segundos.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

A mãe, o pai e o filho, é uma família, com problemas, discussões, como todos, mas é uma família feliz, acima de tudo.

2. Onde é que eles estão?

Em casa.

3. O que é que estão a fazer?

Podem estar a conversar ou a ver televisão, alguma coisa assim.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Primeiro é a mãe, depois é o filho e o pai.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

A mãe é uma mulher, a volta dos 45 anos, é a pessoa que cuida da casa, trata dos filhos; o filho é um rapaz, tem à volta de 12/13 anos e é um rapaz assim mais rebelde da casa; depois o pai que é um homem, também à volta dos 40 e tal anos e é a pessoas assim que mete mais ordem na casa.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A mãe, porque secalhar convive mais com os filhos, tem aquele ar mais doce.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

À vezes é o pai, porque às vezes zanga-se mais connosco, secalhar não percebe tanto as coisas que as outras pessoas da família secalhar fazem.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Todas, porque se houver união, acho que todas são felizes.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Não sei, todas um pouco em algum momento da vida são infelizes, porque discutem, ou passam por algumas coisas e ficam assim um bocado mais tristes.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

A mãe, porque acho que se tivesse que escolher me dava mais com a mãe.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Não sei, o pai secalhar ia, o filho, não sei... secalhar não ia a mãe, como são os dois homens, secalhar iam eles e conversavam...

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

O filho, porque secalhar disse alguma coisa que não devia, fez alguma coisa, partiu alguma coisa. Ficava sem alguma coisa que gostasse, ou proibiam-lhe de fazer alguma coisa que gostasse. Ou o pai ou a mãe, ou os dois.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Secalhar o filho, no sentido em que tenho que ouvir os pais, respeita-los, fazer o que eles querem.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Secalhar a mãe, para dar apoio e isso, as mães ajudam, são compreensivas e isso.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Sim.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acho que não.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A I. começou a desenhar a mãe, seguida dos outros personagens, da esquerda para a direita, coma folha na horizontal.

As personagens foram desenhadas ao meio da folha, ligeiramente para baixo, os personagens estão com um espaço entre eles, mas encontram-se relativamente próximos. Podemos referir que há interacção devido ao questionário, em que a I. refere que estão a conversar ou a ver televisão.

A figura humana é representada de forma fiel, embora os personagens não tenham mãos e o pai não ter nariz. Todos os personagens estão a sorrir.

A diferenciação sexual pode verificar-se através, quer da roupa, quer do cabelo dos personagens. A mãe tem uma saia e o cabelo pelos ombros, enquanto que o filho e o pai têm calças e o cabelo curtinho, a diferenciação geracional está visível no tamanho.

Nenhuma das figuras foi desenhada com pormenores, o traço mais forte parece-nos estar no pai, no entanto, a mãe parece-nos ser a figura mais investida por ser a primeira a ser desenhada, e por ser a preferida da I., também a mais simpática, e a outra pessoa que desejaria ser.

A I. produz uma história no desenho ao referir que estão em casa, a conversar ou a ver televisão, o que induz movimento e interacção entre os diversos membros da família.

Análise de Conteúdo:

A figura mais investida em termos afectivos, parece ser a mãe, uma vez que é a primeira figura a ser desenhada, é considerada a mais simpática, é a preferida, ainda que seja a figura excluída para não ir no passeio de carro, justifica dizendo que “como são dois homens secalhar iam eles e conversavam”. Desejaria ser a mãe “para dar apoio e isso, as mães ajudam, são compreensivas e isso”. A figura idealizada parece ser assim a mãe.

A figura desvalorizada parece ser o pai, é o último a ser desenhado, e é considerado o mais antipático, “zanga-se mais connosco, secalhar não percebe tanto as coisas que as outras pessoas da família fazem”, embora seja a figura que tem o traço mais marcado.

A I. refere que não acha que não mudaria nada no desenho.

Em relação à identificação de si, a I. identificou-se com o filho, justificando que “secalhar o filho, no sentido em que tenho que ouvir os pais, respeitá-los, fazer o que eles querem”...

A I. representou a família imaginária, deste modo, a família é encara de acordo com as tendências afectivas do sujeito, assim mais facilmente funciona o mecanismo projectivo.

Sujeito 24 – 12 anos

A A. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, ocupando a parte de baixo da folha.

Os diversos membros da família foram desenhados pela seguinte ordem: Mãe, 27 anos; “eu”, 14 anos; Pai, 23 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 3 minutos e 41 segundos.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

É a minha mãe, eu e o meu pai.

2. Onde é que eles estão?

Numa floresta.

3. O que é que estão a fazer?

Um piquenique.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

A minha mãe, eu, depois o meu pai.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

A mãe, sexo feminino, 27, apanhar frutos; eu, sexo feminino, 14, apanhar frutos; e o pai de sexo masculino, 23, ajudar a mãe a apanhar frutos.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A mãe e eu, porque são mulheres.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

É o pai, porque é homem.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

A menina, porque é mais nova e tem mais liberdade para fazer o que quiser.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

O pai, porque já não pode... tem que ir trabalhar, tem que ajudar a mulher a fazer as coisas.

10. E tu, nesta família, quem preferes? Porquê?

Eu, porque sou a mais nova.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

O pai, porque pode ir a pé!

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Eu. Rasgar a toalha do piquenique. Não sei, ficar em casa no fim-de-semana. O pai.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Eu, porque sou a mais nova.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A mãe, porque depois podia mandar.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Sim.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Fazia igual.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A A. começou por desenhar a mãe, seguida da própria e por último, o pai. As personagens encontram-se todas próximas umas das outras, nomeadamente a mãe e

a própria, se a mãe estivesse ao mesmo nível da filha e do pai, as mãos de ambas poderiam cruzar-se. Contudo, a A. não desenha a mãe com os pés assentes na base da folha, como acontece no desenho das outras personagens. Assim, a figura da mãe surge destacada, quer por essa razão, quer pelo próprio investimento gráfico na personagem, sobretudo no cabelo.

A representação da figura humana é fiel aos parâmetros. Todos os elementos da família têm um sorriso explícito, à excepção do pai, que não está tão perceptível, mas parece-nos estar com um ar aborrecido.

A A. desenhou as figuras respeitando a diferenciação sexual, visível nas roupas e no cabelo. A diferenciação geracional também está patente, nomeadamente em relação à mãe, e à própria, em relação ao pai não é tão evidente. Podemos observar que a A. representa as idades de uma forma não passível de corresponder à realidade. Sobretudo em relação ao pai, em que lhe atribui uma idade muito próxima da sua, uma vez que esta tem 14 e ele tem 23, isto pode denotar algum distanciamento entre ela e as figuras parentais, sobretudo em relação à figura paterna.

As figuras mais investidas são a mãe, e a própria, a mãe, no sentido em que é a personagem de maior destaque, é desenhada em primeiro, é considerada a mais simpática, juntamente com a própria, e é a outra pessoa que desejaria ser; a própria é bastante investida também, a segunda a ser desenhada, é a personagem mais feliz, é a preferida, e é a figura com a qual se identifica.

No desenho existem apenas as figuras, não há ambiente envolvente, contudo, a A. refere que estão numa floresta, a fazer um piquenique, o que induz, à partida, movimento e interacção entre os membros da família.

Análise de Conteúdo:

A I. parece investir igualmente na personagem da mãe, e na da própria, uma vez que a mãe, é a figura com mais destaque, é desenhada com um traço cuidado, é considerada a mais simpática, e é a outra pessoa que a A. desejaria ser. Simultaneamente, a própria, é a segunda a ser desenhada, de forma igualmente cuidada, é considera também a mais simpática, a mais feliz, é a personagem preferida, e é com a mesma que a A. se identifica.

A figura desvalorizada é o pai, é o último a ser desenhado, é representado com pouco destaque, inclusive, é o único personagem desenhado sem mãos. No

questionário, é considerado o mais antipático, o mais infeliz e é excluído do passeio de carro. Parece haver um desinvestimento evidente da figura paternal.

Em relação à última pergunta, a A. refere que fazia o desenho de forma igual.

Relativamente à identificação de si, a A. identifica-se com a própria “porque é a mais nova”.

A A. parece ter desenhado a real.

Sujeito 25 – 13 anos

A M. começou o desenho da direita para a esquerda, com a folha na horizontal, desenhando as figuras ao meio, ligeiramente para baixo, totalmente do lado esquerdo da folha.

Os diversos membros da família foram desenhados pela seguinte ordem: Pai, 54 anos; “Eu”, 13 anos; Mãe, não refere a idade.

O tempo de realização do desenho foi de 4 minutos e 5 segundos.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

Sou eu, o meu pai e a minha mãe. Nós somos só os três, sou filha única.

2. Onde é que eles estão?

Num jardim.

3. O que é que estão a fazer?

A passear.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

O meu pai, eu e depois a minha mãe.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

O pai, sexo masculino, 54 anos, é amigo, ajuda; eu, sexo feminino, 13 anos, também ajudo quando eles precisam; e a minha mãe, sexo feminino, é a dona de casa, também toma conta de mim e quando preciso também me ajuda.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

A minha mãe, porque está sempre a defender-me.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Não é nenhum, são os dois simpáticos, eles falam bem comigo, fazem-me as vontades todas às vezes.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Sou eu, porque tenho uma vida boa, tenho muitos amigos também.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

É o pai, porque, às vezes pode sentir-se mais infeliz...

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

A minha mãe, é minha amiga, leva-me aos sítios onde quero, é simpática, todos gostam dela, é boa pessoa.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Não vai o pai, porque ele não gosta muito de dar passeios.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Eu. Posso mentir às vezes. Não sair de casa. A minha mãe.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Esta, a bonequinha, porque sou mais novinha.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Gostaria de ser a irmã mais velha... não tenho irmãos, mas gostava de ser. No desenho, seria a minha mãe, porque é a mulher, a dona de casa e manda.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Não, deixava igual.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A M. começou por desenhar o pai, seguido de si própria, e posteriormente a mãe.

A representação da figura humana é fiel aos parâmetros. Todas as figuras estão a sorrir, parecem ter a língua de fora, como se estivessem a fazer caretas, estão todas investidas em termos gráficos, todas de olhos bem abertos, com pestanas e sobancelhas.

A diferenciação sexual está visível, através da roupa, e do cabelo, a mãe embora tenha o cabelo curto, tem uma saia, e a filha, tem o cabelo comprido e um vestido, enquanto o pai, tem o cabelo curto e calças, com o pormenor dos bolsos de lado. A diferenciação geracional está igualmente visível, através da altura.

Em termos gráficos, o pai foi o primeiro a ser desenhado, embora tenha a cabeça bem maior que o corpo, o pai apresenta também pormenores, como os bolsos das calças.

Não parece haver interacção entre os personagens, refere que estão a passear, o que não implica interacção, necessariamente.

Análise de Conteúdo:

A figura com maior investimento em termos afectivos, parece-nos ser a mãe, embora seja a última a ser desenhada, é considerada a mais simpática, e é a preferida da M. Ainda a elege como a outra pessoa que desejaria ser, refere que é a mãe que manda. A própria parece-nos estar também bastante investida, uma vez que se elege como a mais feliz, e identifica-se consigo própria.

A figura desinvestida em termos afectivos parece-nos ser a figura paterna, é considerado o mais infeliz, e é o elemento excluído do passeio de carro, embora em termos gráficos tenham algum investimento.

Em relação à última pergunta, refere que fazia igual.

Relativamente à Identificação de Si, identifica-se como “Eu”, e faz a identificação, no questionário, consigo própria.

A M. representou a família real.

Sujeito 26 – 13 anos

A D. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, desenhando da parte de baixo da folha. Começou por desenhar uma casa, depois começou a desenhar a família.

Os diversos membros da família foram desenhados pela seguinte ordem: Pai, 39 anos; “Eu”, 13 anos; Mãe, 39 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 4 minutos e 6 segundos.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

Sou eu e os meus pais.

2. Onde é que eles estão?

Ao pé de casa.

3. O que é que estão a fazer?

A conversar comigo.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

O pai, eu e a minha mãe.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

O pai, é do sexo masculino, tem 39 anos, vê televisão, passa a vida a ver televisão; eu, sexo feminino, tenho 13 anos, e estudo, ouço música, estou no computador; a minha mãe, é do sexo feminino, tem 39 anos, cozinha, limpa a casa e isso tudo.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

O meu pai, porque falo mais à vontade com ele sobre as coisas.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

Nenhuma, porque gosto da minha família.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

A minha mãe, porque anda sempre animada.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Ninguém.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

O meu pai, porque me dou melhor com ele, dou-me bem com a minha mãe, mas com o meu pai dou-me ainda melhor.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

Ninguém.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Nenhum.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

A filha, porque eles são os meus pais.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Nenhuma, estou bem assim.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Um bocado... não tenho muito jeito.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

A acrescentava. Não sei... acrescentava alguém... uma irmã.

Aspectos Gráficos e Estruturas Gráficas:

A D. começou por desenhar o pai, seguido dela própria, e depois a mãe. As figuras estão todas relativamente próximas umas das outras.

A expressão da figura humana é fiel. As personagens estão todas com um ar sorridente, com um sorriso expressamente aberto.

Em relação à diferenciação sexual está evidente através do vestuário e do cabelo das personagens. A diferenciação geracional também está patente, através da altura, sendo os pais mais altos que a filha. As figuras não têm pormenores, nem detalhes.

Parece-nos estar patente a proximidade entre os membros da família, dado estarem todos próximos uns dos outros, e no questionário, a D. refere que estão perto de casa, e que os seus pais estão a falar consigo.

Análise de Conteúdo:

A figura mais investida em termos afectivos parece ser o pai, uma vez que é o primeiro a ser desenhado, é considerado o mais simpático “porque mais à vontade com ele sobre as coisas” e é eleito como o preferido “...com o meu pai dou-me ainda melhor”. Parece estar evidente a relação privilegiada com a figura paterna.

Não parece haver nenhuma figura em particular desvalorizada.

A figura materna não aparece com grande destaque, contudo considera-a a mais feliz “porque anda sempre animada”.

Em relação à última questão refere que acrescentava uma irmã. A D. tem, de facto, uma irmã, contudo não faz referência a que podia desenhar a sua irmã, mas sim “uma irmã”, o que implica maior distância emocional, e também pode indicar alguma rivalidade fraterna.

Relativamente à Identificação de Si, identifica-se como “Eu”, e no desenho identifica-se consigo própria “a filha, porque eles são os meus pais”.

A D. representou a família real, embora não tenha desenhado a sua irmã, que também vive consigo e com os seus pais, o que poderá denotar algum núcleo problemático na relação com a mesma, ou mesmo pode evidenciar alguma rivalidade fraterna.

Sujeito 27 – 12 anos

A A. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal.

Os vários membros da família foram desenhados pela seguinte ordem: Pai, 43 anos; Irmã, 19 anos; Mãe, 38 anos.

O tempo da realização do desenho foi de 4 minutos e 1 segundo.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

Baseei-me muito na minha família... é uma família muito grande, acima de tudo espectacular. Ajudam-me sempre, nunca fui castigada, nem presa, tenho tudo o que quero. Eu e a minha irmã sempre fomos aprendendo a conquistar as coisas e a perceber os limites. É uma família pela qual temos muito amor e carinho.

2. Onde é que eles estão?

Pode ser num jardim, é o que está mais perto de casa.

3. O que é que estão a fazer?

Nós brincamos muito, temos uma bebé na família, e é o sítio onde mais gosta de estar, porque convive e vê as coisas e as pessoas e vamos muito para lá.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

É o pai, a mana, e a mãe... e não me desenhei a mim.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

O pai, sexo masculino, tem 43 anos, e papel do pai... foi a pessoa em quem sempre me apoiei e foi um apoio muito especial para mim, para falar era com a mãe. Da pessoa que sou hoje, devo-lhe muito a ele;

A mana, sexo feminino, 19 anos, sempre que tenho um problema recorro a ela, porque já passou pelo mesmo que eu mais recentemente, sabe-me ajudar e apoiar;

A mãe, sexo feminino, 38 anos, é sempre quem nos carrega 9 meses... acho que um papel fundamental é o de mãe, vê como começamos a crescer, vê quando estamos tristes, sabe sempre tudo. É uma grande ajuda, quando mais preciso ela está lá sempre.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

No geral todos, mas para mim, a mana. Porque agora nesta idade dos namorados, não tenho muito à vontade para falar com a minha mãe e a mana é a que está mais dentro do assunto.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

O pai, porque é homem. Nós somos sempre as meninas pequeninas, sempre vistas como pequenas... porque acham, no geral, que somos os bebés deles e ter namorados e isso faz-lhe confusão.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

No geral todos, somos todos muito unidos.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Agora sei que é a mãe, porque foi operada e foi-se muito abaixo, mas nós estamos a apoiá-la e agora já está melhor.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

Todos, mas secalhar em termos de apoio, a mana.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.

Quem não vai? Porquê?

Isso já aconteceu, a mãe queria muito ir, e eu como já tinha ido... não fazia muito diferença.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

Mana. Mandar-me à cara ou julgar-me quando estamos chateadas, alguma coisa que lhe tenha contado. Ficamos irritadas, mas não aplicava nenhum castigo, porque depois fazemos as pazes.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Não me desenhei... então secalhar a mãe, porque somos tão parecidas... feitos... já do meu pai sou mais diferente.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Só a mana, porque gostava de ser mais velha, mas assim tanto também não, gostava só de ter mais uns dois ou três anos.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Secalhar desenhava-me a mim também.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A A. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal. Desenhou os personagens ao meio da folha. As figuras estão todas próximas umas das outras, contudo o pai e a irmã, estão de mãos dadas, o que poderá indicar mais proximidade com a figura masculina.

A representação das figuras humanas é fiel, todas as figuras foram desenhadas com um sorriso. A A. não se inclui no desenho.

A diferenciação sexual está patente através do cabelo, em relação ao vestuário não há distinção. A diferenciação geracional está patente através da altura, contudo, a altura que a irmã tem no desenho, não corresponde à sua altura na realidade, de acordo com a sua idade.

A figura mais investida parece-nos ser a irmã, embora seja desenhada com uma discrepância em relação à idade real, e à forma como fala nela no questionário. Desenhou-a como sendo pequena, no entanto, tem 19 anos e fala dela de acordo, com essa mesma idade. A irmã é desenhada em segundo lugar, seguida do pai, é considerada a mais simpática, é a preferida, e é a outra pessoa que desejaria ser. Embora a tenha eleito para cometer a asneira, o que pode revelar alguma rivalidade fraterna.

Há interação entre as personagens, na medida em que refere que estão num jardim, a brincar.

Análise de Conteúdo:

A figura mais investida em termos afectivos, parece ser a irmã, uma vez que é considerada a mais simpática, a preferida, e a outra pessoa que desejaria ser. A representação da irmã não corresponde à idade real.

A figura mais desvalorizada parece-nos ser o pai, embora seja desenhado em primeiro, é considerado o mais antipático “porque é homem”. A mãe por um lado é desvalorizada, pois é a última figura a ser desenhada, e é considerada a mais infeliz “porque foi operada e foi-se muito a baixo”. Contudo, acaba por se identificar com a mesma, “porque somos tão parecidas, feitos... já do meu pai sou mais diferente”, o que pode revelar alguma ambivalência em relação à figura materna.

A própria, não se incluiu no desenho.

Em relação à pergunta do que mudaria no desenho, refere que se poderia desenhar a si própria “secalhar desenhava-me a mim também”.

Relativamente à representação de Si, não se inclui no desenho, mas faz uma identificação com a figura materna.

Representou a família real, embora, parcialmente, pois excluiu-se a si mesma, o que poderá indicar uma reacção depressiva, de baixa auto-estima.

Sujeito 28 – 12 anos

A M. começou o desenho da esquerda para a direita, com a folha na horizontal, no desenho apenas figuram os personagens, e são desenhados em baixo.

Os vários membros da família foram desenhados pela seguinte ordem: Mãe, 30 anos; “eu”, 9 anos; irmão, 3 anos; Pai, 35 anos.

O tempo de realização do desenho foi de 5 minutos e 12 segundos.

Respostas ao questionário do desenho:

1. Agora fala-me sobre a família que desenhaste...

O que é que eu posso dizer? Então é uma família, são os meus pais, eu e o meu irmão... a minha mãe tem 30 anos, o meu irmão tem 3, a filha 9, eu... e o pai tem 35 anos.

2. Onde é que eles estão?

Num jardim.

3. O que é que estão a fazer?

Foram passear.

4. Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela que tu desenhaste primeiro.

Quem são? A minha mãe, eu, o meu irmão e depois o meu pai.

5. Diz o sexo, a idade e o papel na família de cada uma das figuras.

Então a mãe, sexo feminino, tem 30 anos e é a mãe, educa os filhos, ajuda-os, conversa com eles, limpa a casa, trabalha; eu, sexo feminino, ando à escola, tem amigos, gosto de brincar com o meu irmão, mais nada; a seguir o meu irmão, é muito traquinas, gosta de animais e gosta muito de música; A seguir é o pai, sexo masculino, tem 35 anos, ajuda a mãe, educa os filhos, ajuda a mãe na limpeza da casa e trabalha.

6. Qual dessas pessoas é a mais simpática? Porquê?

Secalhar eu, porque sou simpática e alegre.

7. Qual dessas pessoas é a mais antipática? Porquê?

O pai, porque não fala tanto e não ajuda tanto os filhos como a mãe.

8. Qual delas é a mais feliz? Porquê?

Eu e o meu irmão, porque temos o amor dos pais e tudo o que queremos.

9. Qual delas é a mais infeliz? Porquê?

Os pais, porque têm que trabalhar para sustentar os filhos.

10. E tu, nestas família, quem preferes? Porquê?

Eu, porque sou rapariga.

11. Imagina que vão dar um passeio de carro. Uma destas pessoas não cabe.**Quem não vai? Porquê?**

O pai, porque pode dar o lugar aos filhos por ele.

12. Uma destas pessoas fez uma asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que vai castigar?

O meu irmão. Meteu a cabeça de fora do vidro do carro. Sentá-lo na cadeirinha e dizer-lhe para não abrir mais o vidro. A mãe.

13. Supõe que fazes parte destas família. Quem serias tu? Porquê?

Eu, porque sou rapariga.

14. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A mãe, porque acho que a mãe tem um papel essencial na família, na educação.

15. Estás contente ou não estás contente com o que desenhaste?

Estou.

16. Então e se pudesses recomeçar o teu desenho, farias igual, acrescentavas, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Não.

Aspectos Gráficos e Estruturas Formais:

A M. começou por desenhar os personagens da esquerda para a direita, com a folha na horizontal. No desenho apenas figuram as personagens, não há ambiente envolvente. Os mesmos são desenhados na folha, em baixo.

Em relação à figura humana, está representada de forma fiel. As figuras são desenhadas com um sorriso, à excepção da mãe, que é a única desenhada com uns lábios, e parece ter uma expressão mais neutral. Os outros têm um traço para representar os lábios. Todos os personagens estão graficamente investidos.

A diferenciação sexual está visível através do vestuário e do cabelo, embora a própria não seja desenhada de saia, o elemento que ajuda na sua diferenciação sexual são os totós no cabelo. A diferenciação geracional está patente através da altura das figuras. Graficamente a figura privilegiada parece ser a mãe, é a primeira a ser desenhada, e é a figura de maior destaque.

Em relação ao movimento no desenho, parece estar representado através do que a M. nos diz no questionário, refere que estão num jardim, a passear, o que não induz directamente interacção entre os personagens. Não há, praticamente, espaços em branco entre os personagens, encontrando-se todos relativamente próximos uns dos outros, nomeadamente os irmãos.

Análise de Conteúdo:

A M., através do questionário, identifica-se com ela própria, decidiu representar uma personagem com uma idade diferente da sua, optou por lhe atribuir 9 anos, uma idade mais precoce, comparativamente com a sua. Aqui parece estar patente um mecanismo de defesa do Eu, a regressão.

A personagem mais valorizada em termos afectivos, parece-nos ser a própria, é considerada a mais simpática “porque identifico-me com ela”, a mais feliz, juntamente com o irmão, é a preferida, e é com ela também que se identifica.

A mãe graficamente parece-nos ser a personagem mais investida, assume um maior destaque face aos outros personagens, a M. elege-a como sendo a outra pessoa que desejaria ser. No entanto, a mãe é considerada, juntamente com o pai, a mais infeliz “porque têm que trabalhar para sustentar os filhos”.

A figura mais desvalorizada em termos afectivos, parece-nos ser o pai, é considerado o mais antipático, e o mais infeliz, juntamente com a mãe, ainda é o excluído do desenho, e o último personagem a ser desenhado, com pouco destaque, comparativamente com a figura materna.

Em relação à última pergunta, refere que não mudaria nada no desenho.

No que toca à Identificação de Si, faz a identificação consigo mesma, embora a represente com uma idade mais precoce em relação à sua idade real.

A M. representou a família real.

ANEXO F: Resultados em tabelas dos grupos em estudo

Os resultados obtidos pelas pré-adolescentes vítimas de violência intra familiar, directa e indirecta, e das pré adolescentes não vítimas no teste do desenho da família de Corman, estão assim apresentados nas seguintes tabelas.

	<i>Sujeitos</i>	<i>Família real</i>	<i>Família imaginária</i>
<i>Pré-adolescentes com violência intra familiar</i>	<i>1V.I.</i> ^{1.}	<i>1</i>	
	<i>2 V.D.</i>	<i>1</i>	
	<i>3 V.D.</i>	<i>1</i>	
	<i>4 V.I.</i>	<i>1</i>	
	<i>5 V.D.</i>	<i>1</i>	
	<i>6 V.D.</i>		<i>1</i>
	<i>7 V.D.</i>		<i>1</i>
	<i>8 V.D.</i>	<i>1</i>	
	<i>9 V.I.</i>	<i>1</i>	
	<i>10 V.D.</i>		<i>1</i>
	<i>11 V.D.</i>	<i>1</i>	
	<i>12 V.I.</i>	<i>1</i>	
	<i>13 V.I.</i>	<i>1</i>	
	<i>14 V.I.</i>		<i>1</i>
<i>TOTAL</i>		<i>10</i>	<i>4</i>

Tabela nº 1: Tipo de família representada, grupo com violência intra familiar.

1. Violência directa/Violência indirecta

	<i>Sujeitos</i>	<i>Família real</i>	<i>Família imaginária</i>
<i>Pré-adolescentes na família de origem sem violência intra familiar</i>	<i>15</i>		<i>1</i>
	<i>16</i>	<i>1</i>	
	<i>17</i>	<i>1</i>	
	<i>18</i>	<i>1</i>	
	<i>19</i>		<i>1</i>
	<i>20</i>	<i>1</i>	
	<i>21</i>	<i>1</i>	
	<i>22</i>	<i>1</i>	
	<i>23</i>		<i>1</i>
	<i>24</i>	<i>1</i>	
	<i>25</i>	<i>1</i>	
	<i>26</i>	<i>1</i>	
	<i>27</i>	<i>1</i>	
<i>28</i>	<i>1</i>		
<i>TOTAL</i>		<i>11</i>	<i>3</i>

Tabela nº 2: Tipo de família representada, grupo de pré-adolescentes na família de origem.

1. Elementos formais														
A) Nível gráfico														
		Tamanho do traço		Tamanho do desenho		Localização na página					Orientação do desenho			
	<i>Sujeitos</i>	<i>Forte</i>	<i>Fraco</i>	<i>Grande</i>	<i>Médio</i>	<i>Pequeno</i>	<i>Em cima</i>	<i>Em baixo</i>	<i>Centro</i>	<i>Direita</i>	<i>Esquerda</i>	<i>Esquerda-Direita</i>	<i>Direita-Esquerda</i>	<i>Mista</i>
<i>Pré-adolescentes com violência</i>	<i>1V.I.</i>		<i>1</i>			<i>1</i>		<i>1</i>				<i>1</i>		
	<i>2 V.D.</i>		<i>1</i>		<i>1</i>				<i>1</i>				<i>1</i>	
	<i>3 V.D.</i>		<i>1</i>			<i>1</i>		<i>1</i>			<i>1</i>	<i>1</i>		
	<i>4 V.I.</i>		<i>1</i>		<i>1</i>			<i>1</i>	<i>1</i>			<i>1</i>		
	<i>5 V.D.</i>	<i>1</i>			<i>1</i>				<i>1</i>					<i>1</i>
	<i>6 V.D.</i>		<i>1</i>	<i>1</i>				<i>1</i>	<i>1</i>			<i>1</i>		
	<i>7 V.D.</i>	<i>1</i>			<i>1</i>				<i>1</i>			<i>1</i>		
	<i>8 V.D.</i>		<i>1</i>		<i>1</i>				<i>1</i>	<i>1</i>		<i>1</i>		
	<i>9 V.I.</i>	<i>1</i>		<i>1</i>					<i>1</i>	<i>1</i>		<i>1</i>		
	<i>10V.D</i>		<i>1</i>		<i>1</i>				<i>1</i>			<i>1</i>		
	<i>11V.D</i>	<i>1</i>					<i>1</i>		<i>1</i>		<i>1</i>	<i>1</i>		
	<i>12V.I.</i>		<i>1</i>	<i>1</i>				<i>1</i>	<i>1</i>	<i>1</i>	<i>1</i>	<i>1</i>		
	<i>13V.I.</i>	<i>1</i>			<i>1</i>				<i>1</i>	<i>1</i>		<i>1</i>		
	<i>14V.I.</i>		<i>1</i>			<i>1</i>			<i>1</i>			<i>1</i>		
TOTAL		5	9	3	8	3	1	9	10	2	3	12	1	1

Tabela nº 3: Nível gráfico, grupo de pré-adolescentes com violência intra familiar.

1. Elementos formais														
A) Nível gráfico														
		Tipo de traço		Tamanho do desenho		Localização na página						Orientação do desenho		
	Sujeitos	Forte	Fraco	Grande	Médio	Pequeno	Em cima	Em baixo	Centro	Direita	Esquerda	Esquerda-Direita	Direita-Esquerda	Mista
Pré-adolescentes na família de origem	15		I		I			I	I			I		
	16		I		I			I			I	I		
	17	I		I				I		I			I	
	18	I		I			I		I			I		
	19	I			I			I	I			I		
	20	I		I				I	I			I		
	21	I			I			I			I	I		
	22	I			I				I	I		I		
	23	I			I				I	I		I		
	24		I				I		I		I	I		
	25		I		I				I		I		I	
	26		I		I				I	I		I		
	27		I		I			I			I	I		
	28	I			I				I	I		I		
TOTAL		8	6	4	9	1	2	12	8	1	5	12	2	0

Tabela nº 4: Nível gráfico, grupo de pré-adolescentes na família de origem.

<i>1. Elementos formais</i>													
<i>A) Nível gráfico</i>													
<i>Tipo de traço</i>		<i>Tamanho do desenho</i>			<i>Localização na página</i>					<i>Orientação do desenho</i>			
<i>Forte</i>	<i>Fraco</i>	<i>Grande</i>	<i>Médio</i>	<i>Pequeno</i>	<i>Em cima</i>	<i>Em baixo</i>	<i>Centro</i>	<i>Direita</i>	<i>Esquerda</i>	<i>Esquerda - Direita</i>	<i>Direita - Esquerda</i>	<i>Mista</i>	
<i>Pré-adolescentes com violência</i>	5	9	3	8	3	1	9	10	2	3	13	1	0
<i>Pré-adolescentes na família de origem</i>	8	6	4	9	1	2	12	8	1	5	12	2	0
<i>TOTAL</i>	13	15	7	17	4	3	21	18	3	8	25	3	0

Tabela nº 5: Total dos grupos ao Nível gráfico.

		<i>1. Elementos formais</i>	
		<i>B) Nível das estruturas formais</i>	
	<i>Sujeitos</i>	<i>Sensorial</i>	<i>Racional</i>
<i>Pré-adolescentes com violência</i>	<i>1 V.I.</i>	<i>1</i>	
	<i>2 V.D.</i>		<i>1</i>
	<i>3 V.D.</i>	<i>1</i>	
	<i>4 V.I.</i>	<i>1</i>	
	<i>5 V.D.</i>	<i>1</i>	
	<i>6 V.D.</i>	<i>1</i>	
	<i>7 V.D.</i>		<i>1</i>
	<i>8 V.D.</i>		<i>1</i>
	<i>9 V.I.</i>		<i>1</i>
	<i>10 V.D.</i>	<i>1</i>	
	<i>11 V.D.</i>	<i>1</i>	
	<i>12 V.I.</i>	<i>1</i>	
	<i>13 V.I.</i>		<i>1</i>
	<i>14 V.I.</i>	<i>1</i>	
<i>TOTAL</i>		<i>9</i>	<i>5</i>

Tabela nº 6: Nível das estruturas formais, grupo com violência intra familiar.

<i>1. Elementos formais</i>			
<i>B) Nível das estruturas formais</i>			
	<i>Sujeitos</i>	<i>Sensorial</i>	<i>Racional</i>
<i>Pré-adolescentes na família de origem</i>	<i>15</i>		<i>1</i>
	<i>16</i>	<i>1</i>	
	<i>17</i>	<i>1</i>	
	<i>18</i>	<i>1</i>	
	<i>19</i>	<i>1</i>	
	<i>20</i>	<i>1</i>	
	<i>21</i>	<i>1</i>	
	<i>22</i>	<i>1</i>	
	<i>23</i>		<i>1</i>
	<i>24</i>	<i>1</i>	
	<i>25</i>		<i>1</i>
	<i>26</i>	<i>1</i>	
	<i>27</i>	<i>1</i>	
<i>28</i>	<i>1</i>		
<i>TOTAL</i>		<i>11</i>	<i>3</i>

Tabela nº 7: Nível das estruturas formais, grupo de pré-adolescentes na família de origem.

		<i>Defesas do eu contra a angústia</i>					
		<i>Angústia proveniente do exterior</i>				<i>Angústia proveniente do interior</i>	
		<i>Em relação a irmãos</i>					
	<i>Sujeitos</i>	<i>Negação de existência</i>	<i>Inversão de papéis</i>	<i>Identificação com o rival</i>	<i>Regressão</i>	<i>Substituição</i>	<i>Retorno contra si dos impulsos agressivos</i>
<i>Pré-adolescentes com violência</i>	<i>1 V.I.</i>	-	-	-	-	-	-
	<i>2 V.D.</i>	-	-	-	-	-	<i>1</i>
	<i>3 V.D.</i>	<i>1</i>	-	-	-	-	-
	<i>4 V.I.</i>	<i>1</i>	-	-	-	-	<i>1</i>
	<i>5 V.D.</i>	-	-	-	-	-	-
	<i>6 V.D.</i>	<i>1</i>	-	-	-	<i>1</i>	-
	<i>7 V.D.</i>	-	-	-	-	<i>1</i>	-
	<i>8 V.D.</i>	-	-	<i>1</i>	-	-	-
	<i>9 V.I.</i>	-	-	-	-	-	-
	<i>10 V.D.</i>	-	-	<i>1</i>	-	-	<i>1</i>
	<i>11 V.D.</i>	<i>1</i>	-	-	-	-	<i>1</i>
	<i>12 V.I.</i>	-	-	<i>1</i>	-	-	<i>1</i>
	<i>13 V.I.</i>	<i>1</i>	-	<i>1</i>	-	-	-
	<i>14 V.I.</i>	<i>1</i>	-	-	-	-	-
<i>TOTAL</i>		<i>6</i>	<i>0</i>	<i>4</i>	<i>2</i>	<i>0</i>	<i>5</i>

Tabela nº 8: Defesas do eu contra a angústia, grupo com violência intra familiar.

		<i>Defesas do eu contra a angústia</i>					
		<i>Angústia proveniente do exterior</i>				<i>Angústia proveniente do interior</i>	
		<i>Em relação a irmãos</i>					
	<i>Sujeitos</i>	<i>Negação de existência</i>	<i>Inversão de papéis</i>	<i>Identificação com o rival</i>	<i>Regressão</i>	<i>Substituição</i>	<i>Retorno contra si dos impulsos agressivos</i>
<i>Pré-adolescentes na família de origem</i>	<i>15</i>	<i>I</i>	-	-	-	<i>I</i>	-
	<i>16</i>	-	-	-	-	-	<i>I</i>
	<i>17</i>	<i>I</i>	-	<i>I</i>	<i>I</i>	-	-
	<i>18</i>	<i>I</i>	-	<i>I</i>	-	-	-
	<i>19</i>	-	-	<i>I</i>	-	-	-
	<i>20</i>	-	-	<i>I</i>	-	-	-
	<i>21</i>	-	-	<i>I</i>	-	-	-
	<i>22</i>		-	<i>I</i>	<i>I</i>	-	-
	<i>23</i>	<i>I</i>	-	-	-	<i>I</i>	<i>I</i>
	<i>24</i>	<i>I</i>	-	-	-	-	-
	<i>25</i>	-	-	<i>I</i>	-	-	-
	<i>26</i>	<i>I</i>	-	-	-	-	-
	<i>27</i>	-	-	<i>I</i>	-	-	<i>I</i>
<i>28</i>	-	-	-	-	<i>I</i>	-	-
<i>TOTAL</i>		<i>6</i>	<i>0</i>	<i>8</i>	<i>3</i>	<i>2</i>	<i>3</i>

Tabela nº 9: Defesas do eu contra a angústia, grupo de pré-adolescentes na família de origem.

TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU																
Valorização da personagem principal																
Desenhada em 1º lugar																
	<i>Su- jei- tos</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Filh a</i>	<i>Irmã o (ã)</i>	<i>Próp ria</i>	<i>Avô/ Avó</i>		<i>Su- jei- tos</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Filh a</i>	<i>Irmã o (ã)</i>	<i>Próp ria</i>	<i>Avô/ Avó</i>	
<i>Pré- adolescen- tes com violência</i>	<i>1V.I</i>					<i>I</i>		<i>Pré- adolescen- tes na família de origem</i>	<i>15</i>		<i>I</i>					
	<i>2V.D</i>				<i>I</i>				<i>16</i>		<i>I</i>					
	<i>3V.D</i>					<i>I</i>			<i>17</i>						<i>I</i>	
	<i>4V.I</i>						<i>I Avô</i>		<i>18</i>		<i>I</i>					
	<i>5V.D</i>	<i>I</i>							<i>19</i>	<i>I</i>						
	<i>6V.D</i>		<i>I</i>						<i>20</i>						<i>I</i>	
	<i>7V.D</i>			<i>I</i>					<i>21</i>		<i>I</i>					
	<i>8V.D</i>		<i>I</i>						<i>22</i>		<i>I</i>					
	<i>9V.I</i>			<i>I</i>					<i>23</i>	<i>I</i>						
	<i>10V. D</i>						<i>I Avó</i>		<i>24</i>	<i>I</i>						
	<i>11V. D</i>	<i>I</i>							<i>25</i>		<i>I</i>					
	<i>12V. I</i>	<i>I</i>							<i>26</i>		<i>I</i>					
	<i>13V. I</i>					<i>I</i>			<i>27</i>		<i>I</i>					
	<i>14V. I</i>	<i>I</i>							<i>28</i>	<i>I</i>						
TOTAL		4	3	1	2	2	2	TOTAL	4	8	0	0	2	0		

Tabela nº 10: Valorização da personagem principal, desenhada em primeiro lugar.

		TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU																		
		Valorização da personagem principal																		
		Personagem maior																		
	<i>Su- jei- tos</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Pais</i>	<i>Irmão (ã)</i>	<i>Própria</i>	<i>Avó</i>	<i>Igual proporção</i>	<i>Nenhuma</i>		<i>Su- jei- tos</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Pais</i>	<i>Irmão (ã)</i>	<i>Própria</i>	<i>Avó</i>	<i>Igual proporção</i>	<i>Nenhuma</i>	
<i>Pré- adoles- centes com violência</i>	<i>1I</i>		<i>1</i>							<i>Pré- adoles- centes na família de origem</i>	<i>15</i>		<i>1</i>							
	<i>2D</i>				<i>1</i>						<i>16</i>		<i>1</i>							
	<i>3D</i>								<i>1</i>		<i>17</i>	<i>1</i>								
	<i>4I</i>						<i>1</i>				<i>18</i>			<i>1</i>						
	<i>5D</i>		<i>1</i>								<i>19</i>			<i>1</i>						
	<i>6D</i>		<i>1</i>								<i>20</i>								<i>1</i>	
	<i>7D</i>								<i>1</i>		<i>21</i>		<i>1</i>							
	<i>8D</i>			<i>1</i>							<i>22</i>		<i>1</i>							
	<i>9I</i>				<i>1</i>						<i>23</i>		<i>1</i>							
	<i>10D</i>	<i>1</i>									<i>24</i>	<i>1</i>								
	<i>11D</i>	<i>1</i>									<i>25</i>	<i>1</i>								
	<i>12I</i>			<i>1</i>							<i>26</i>			<i>1</i>						
	<i>13I</i>						<i>1</i>				<i>27</i>		<i>1</i>							
	<i>14I</i>	<i>1</i>									<i>28</i>	<i>1</i>								
TOTAL		3	5	1	1	1	1	1	1	TOTAL	4	6	3	0	0	0	1	0		

Tabela nº 11: Valorização da personagem principal, personagem maior.

		TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU																		
		Valorização da personagem principal																		
		Personagem mais cuidada																		
	<i>Su- jei- tos</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Filha</i>	<i>Própria</i>	<i>Irmão (ã)</i>	<i>Avó</i>	<i>Igual proporção</i>	<i>Nenhuma</i>		<i>Su- jei- tos</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Filha</i>	<i>Própria</i>	<i>Irmão (ã)</i>	<i>Avó</i>	<i>Igual proporção</i>	<i>Nenhuma</i>	
Pré- adoles- centes com violência	<i>1I</i>							<i>I</i>		Pré- adoles- centes na família de origem	<i>15</i>			<i>I</i>						
	<i>2D</i>							<i>I</i>			<i>16</i>	<i>I</i>								
	<i>3D</i>								<i>I</i>		<i>17</i>				<i>I</i>					
	<i>4I</i>						<i>I</i>				<i>18</i>	<i>I</i>			<i>I</i>					
	<i>5D</i>		<i>I</i>								<i>19</i>								<i>I</i> ²	
	<i>6D</i>			<i>I</i>							<i>20</i>								<i>I</i>	
	<i>7D</i>							<i>I</i>			<i>21</i>								<i>I</i>	
	<i>8D</i>			<i>I</i>							<i>22</i>		<i>I</i>							
	<i>9I</i>	<i>I</i>	<i>I</i>								<i>23</i>		<i>I</i>							
	<i>10D</i>						<i>I</i>				<i>24</i>	<i>I</i>								
	<i>11D</i>	<i>I</i>									<i>25</i>								<i>I</i>	
	<i>12I</i>			<i>I</i>							<i>26</i>								<i>I</i>	
	<i>13I</i>					<i>I</i>					<i>27</i>								<i>I</i>	
	<i>14I</i>	<i>I</i>									<i>28</i>	<i>I</i>	<i>I</i>							
TOTAL		3	4	1	1	0	2	3	1	TOTAL	4	3	1	2	0	0	6	0		

Tabela nº 12: Valorização da personagem principal, personagem mais cuidada.

2. Excepto a filha

		TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU																		
		Valorização da personagem principal																		
		Personagem com mais detalhes																		
	<i>Su- jeit os</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Filha</i>	<i>Irmão (ã)</i>	<i>Própria</i>	<i>Avó/Avô</i>	<i>Igual proporção</i>	<i>Nenhuma</i>		<i>Su- jeit os</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Filha</i>	<i>Irmão (ã)</i>	<i>Própria</i>	<i>Avó/Avô</i>	<i>Igual proporção</i>	<i>Nenhuma</i>	
<i>Pré-- adoles- centes com violência</i>	<i>11.</i>							<i>1</i>		<i>Pré-- adoles- centes na família de origem</i>	<i>15</i>								<i>1</i>	
	<i>2D.</i>							<i>1</i>			<i>16</i>									<i>1</i>
	<i>3D.</i>								<i>1</i>		<i>17</i>					<i>1</i>				
	<i>4I.</i>	<i>1</i>					<i>1</i>				<i>18</i>	<i>1</i>								
	<i>5D.</i>		<i>1</i>								<i>19</i>								<i>1</i>	
	<i>6D.</i>			<i>1</i>							<i>20</i>									<i>1</i>
	<i>7D.</i>			<i>1</i>							<i>21</i>									<i>1</i>
	<i>8D.</i>			<i>1</i>							<i>22</i>									<i>1</i>
	<i>9I.</i>	<i>1</i>									<i>23</i>									<i>1</i>
	<i>10 D.</i>						<i>1</i>				<i>24</i>									<i>1</i>
	<i>11 D.</i>								<i>1</i>		<i>25</i>									<i>1</i>
	<i>12I.</i>			<i>1</i>							<i>26</i>									<i>1</i>
	<i>13I.</i>	<i>1</i>					<i>1</i>				<i>27</i>									<i>1</i>
	<i>14I.</i>								<i>1</i>		<i>28</i>	<i>1</i>	<i>1</i>							
TOTAL		3	4	1	0	1	2	2	3	TOTAL	2	1	0	0	1	0	5	6		

Tabela nº 13: Valorização da personagem principal, personagem com mais detalhes.

		TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU																					
		Valorização da personagem principal																					
		Personagem preferida																					
	<i>Sujeitos</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Pais</i>	<i>Filha</i>	<i>Irmão (ã)</i>	<i>Prima</i>	<i>Todos</i>	<i>Animais</i>	<i>Própria</i>		<i>Sujeitos</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Pais</i>	<i>Filha</i>	<i>Irmão (ã)</i>	<i>Prima</i>	<i>Todos</i>	<i>Animais</i>	<i>Própria</i>		
<i>Pré-adolescentes com violência</i>	<i>1I</i>							<i>I</i>	<i>I</i>		<i>Pré-adolescentes na família de origem</i>	<i>15</i>				<i>I</i>							
	<i>2D</i>							<i>I</i>				<i>16</i>			<i>I</i>								
	<i>3D</i>			<i>I</i>								<i>17</i>										<i>I</i>	
	<i>4I</i>		<i>I</i>									<i>18</i>						<i>I</i>					
	<i>5.I</i>					<i>I</i>						<i>19</i>				<i>I</i>							
	<i>6.I</i>				<i>I</i>							<i>20</i>					<i>I</i>						
	<i>7.I</i>	<i>I</i>										<i>21</i>					<i>I</i>						
	<i>8D</i>	<i>I</i>										<i>22</i>	<i>I</i>										
	<i>9I</i>								<i>I</i>			<i>23</i>	<i>I</i>										
	<i>10D</i>	<i>I</i>										<i>24</i>											<i>I</i>
	<i>11D</i>								<i>I</i>			<i>25</i>	<i>I</i>										
	<i>12I</i>								<i>I</i> ^{3.}			<i>26</i>		<i>I</i>									
	<i>13I</i>			<i>I</i>			<i>I</i>					<i>27</i>						<i>I</i>					
	<i>14</i>				<i>I</i>							<i>28</i>											<i>I</i>
TOTAL		3	2	1	2	2	0	5	1	0	TOTAL	3	1	1	2	3	1	0	0	0	3		

Tabela nº 14: Valorização da personagem principal, personagem preferida. 3.Excepto a mãe

		<i>TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU</i>																
		<i>Investimento</i>																
		<i>Positivo</i>							<i>Negativo</i>									
	<i>Sujeitos</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Pais</i>	<i>Filha</i>	<i>Própria</i>	<i>Irmão (ã)</i>	<i>Prima</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Própria</i>	<i>Filha</i>	<i>Irmão (ã)</i>	<i>Nenhum</i>	<i>Avó</i>	<i>Avô</i>	<i>Nenhum</i>	
	<i>Pré-adolescentes com violência</i>	<i>1I</i>					<i>1</i>											
<i>2D</i>							<i>1</i>										<i>1</i>	
<i>3D</i>						<i>1</i>				<i>1</i>								
<i>4I</i>			<i>1</i>												<i>1</i>			
<i>5D</i>							<i>1</i>		<i>1</i>									
<i>6D</i>					<i>1</i>					<i>1</i>								
<i>7D</i>				<i>1</i>								<i>1</i>						
<i>8D</i>			<i>1</i>										<i>1</i>					
<i>9I</i>		<i>1</i>																<i>1</i>
<i>10D</i>		<i>1</i>															<i>1</i>	
<i>11D</i>		<i>1</i>								<i>1</i>	<i>1</i>							
<i>12I</i>			<i>1</i>							<i>1</i>								
<i>13I</i>			<i>1</i>					<i>1</i>								<i>1</i>		
<i>14I</i>						<i>1</i>					<i>1</i>							
TOTAL		3	4	1	2	2	3		2	4	1	1	1		2	1	2	

Tabela nº 15: Valorização da personagem principal, investimento positivo e negativo, grupo com violência intra familiar.

		<i>TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU</i>												
		<i>Investimento</i>												
		<i>Positivo</i>						<i>Negativo</i>						
	<i>Sujeitos</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Pais</i>	<i>Filha</i>	<i>Própria</i>	<i>Irmão</i>	<i>Prima</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Própria</i>	<i>Filha</i>	<i>Irmão (ã)</i>	<i>Nenhuma</i>
<i>Pré-adolescentes na família de origem</i>	15				1									
	16	1					1			1				
	17					1				1	1			
	18							1					1	
	19				1									
	20						1		1	1				
	21						1							1
	22	1								1				
	23	1								1				
	24	1				1				1				
	25	1				1				1				
	26		1											1
	27							1		1				
28					1				1					
TOTAL		5	1	0	2	4	4	1	1	9	1	0	1	2

Tabela nº 16: Valorização da personagem principal, investimento positivo e negativo, grupo de pré-adolescentes na família de origem.

TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU							
Desvalorização							
Sujeitos	Elementos em falta	Elementos mais pequenos	Colocação em último	Colocado a baixo ou distante	Desenhado com pouco cuidado	Estimação pejorativa	Não designado pelo nome
Pré-adolescentes com violência	1I.	-	-	<i>Tio</i>	<i>Tio</i>	-	-
	2D.	-	-	<i>Mãe</i>	-	-	-
	3D.	<i>Irmãos</i>	-	<i>Pai</i>	-	<i>Todos</i>	-
	4I.	<i>Própria</i>	-	<i>Pai</i>	-	<i>Avô P. / Pai</i>	-
	5D.	-	-	<i>Irmã</i>	-	-	-
	6D.	-	-	<i>Mãe</i>	-	-	-
	7D.	-	-	<i>Pai</i>	-	-	-
	8D.	-	<i>Própria</i>	<i>Própria</i>	-	<i>Pais</i>	-
	9I.	-	-	<i>Irmã</i>	<i>Pai</i>	<i>Irmã</i>	-
	10D.	<i>Própria</i>	-	<i>Filha</i>	<i>Duas filhas</i>	<i>Duas filhas</i>	-
	11D.	-	-	<i>Própria</i>	-	<i>Própria/Irmã o</i>	-
	12I.	<i>Própria</i>	-	<i>Irmão</i>	<i>Irmãos</i>	<i>Tia/tio/avó</i>	-
	13I.	<i>Mãe</i>	-	<i>Própria</i>	-	-	-
	14I.	-	<i>Filha</i>	<i>Pai</i>	<i>Filha</i>	<i>Filha</i>	-
TOTAL	9	2	14	12	16	0	0

Tabela nº 17: Desvalorização, grupo com violência intra familiar.

		TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU						
		<i>Desvalorização</i>						
	<i>Sujei- tos</i>	<i>Elemen- tos em falta</i>	<i>Elemen- tos mais pequenos</i>	<i>Colocação em último</i>	<i>Colocado distante ou por baixo</i>	<i>Desenhado com pouco cuidado</i>	<i>Estimação pejorativa</i>	<i>Não designado pelo nome</i>
Pré- adolescentes na família de origem	15	<i>Irmã</i>	-	<i>Filho</i>	<i>Filho</i>	-	-	-
	16	<i>Própria</i>	-	<i>Irmão</i>	-	-	-	-
	17	<i>Irmão e Irmã</i>	-	<i>Pai</i>	-	<i>Pai</i>	-	-
	18	<i>Irmã</i>	-	<i>Irmão</i>	-	<i>Irmão</i>	-	-
	19	-	-	<i>Filha mais velha</i>	-	<i>Filha mais velha</i>	-	-
	20	-	-	<i>Pai</i>	-	-	-	-
	21	-	-	<i>Própria</i>	-	-	-	-
	22	-	-	<i>Mãe</i>	<i>Todos</i>	-	-	-
	23	<i>Irmã</i>	-	<i>Pai</i>	-	<i>Filho</i>	-	-
	24	<i>Irmão</i>	-	<i>Pai</i>	-	<i>Pai</i>	-	-
	25	-	-	<i>Mãe</i>	<i>Mãe</i>	-	-	-
	26	<i>Irmã</i>	-	<i>Mãe</i>	-	-	-	-
	27	<i>Própria</i>	<i>Irmã</i>	<i>Mãe</i>	-	-	-	-
28	-	-	<i>Pai</i>	-	<i>Própria</i>	-	-	
TOTAL		9	1	14	6	6	0	0

Tabela nº 18: Desvalorização, grupo de pré-adolescentes em família de origem.

		TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU					
		Deslocamento e Personagens Acrescentadas					
	<i>Sujeitos</i>	<i>Bebé</i>	<i>Pessoa mais nova</i>	<i>Pessoa mais velha e mais adulta</i>	<i>Duplo</i>	<i>Animal</i>	<i>Observações</i>
<i>Pré-adolescentes com violência</i>	<i>1I.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>2D.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>3D.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>4I.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>5D.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>6D.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>7D.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>8D.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>9I.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>10D.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>11D.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>12I.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>13I.</i>	-	-	-	-	-	
	<i>14I.</i>	-	-	-	-	-	
TOTAL		0	0	0	0	0	

Tabela nº 19: Deslocamentos e Personagens Acrescentadas, grupo com violência intra familiar.

		TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU					
		Deslocamento e Personagens Acrescentadas					
	<i>Sujeitos</i>	<i>Bebé</i>	<i>Pessoa mais nova</i>	<i>Pessoa mais velha e mais adulta</i>	<i>Duplo</i>	<i>Animal</i>	<i>Observações</i>
<i>Pré-adolescentes na família de origem</i>	<i>15</i>	-	<i>I</i>	-	-	-	<i>Desenha um rapaz de um ano</i>
	<i>16</i>	-	-	-	-	-	
	<i>17</i>	-	-	-	-	-	
	<i>18</i>	-	-	-	-	-	
	<i>19</i>	-	-	-	-	-	
	<i>20</i>	-	-	-	-	-	
	<i>21</i>	-	-	-	-	-	
	<i>22</i>	-	-	<i>I</i>	-	-	<i>Desenha um rapaz de 8 anos</i>
	<i>23</i>	-	-	<i>I</i>	-	-	<i>Desenha um rapaz da sua idade</i>
	<i>24</i>	-	-	-	-	-	
	<i>25</i>	-	-	-	-	-	
	<i>26</i>	-	-	-	-	-	
	<i>27</i>	-	-	-	-	-	
<i>38</i>	-	-	-	-	-		
TOTAL		0	3	0	0	0	

Tabela nº 20: Deslocamentos e Personagens Acrescentadas, grupo de pré-adolescentes na família de origem.

		<i>TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU</i>		
		<i>Identificações</i>		
		<i>Nível Consciente</i>		
	<i>Sujeitos</i>	<i>Realidade</i>	<i>Desejo/Tendência</i>	<i>Defesa</i>
<i>Pré-adolescentes com violência</i>	<i>1I.</i>	<i>I</i>		
	<i>2D.</i>	<i>I</i>		
	<i>3D.</i>	<i>I</i>		
	<i>4I.</i>		<i>I</i>	
	<i>5D.</i>	<i>I</i>		
	<i>6D.</i>		<i>I</i>	
	<i>7D.</i>			<i>I</i>
	<i>8D.</i>		<i>I</i>	
	<i>9I.</i>	<i>I</i>		
	<i>10D.</i>		<i>I</i>	
	<i>11D.</i>		<i>I</i>	
	<i>12I.</i>		<i>I</i>	
	<i>13I.</i>	<i>I</i>		
	<i>14I.</i>	<i>I</i>		
TOTAL		7	6	1

Tabela nº 21: Identificações ao nível consciente, grupo com violência intra familiar.

		<i>TENDÊNCIAS E DEFESAS DO EU</i>		
		<i>Identificações</i>		
		<i>Nível Consciente</i>		
	<i>Sujeitos</i>	<i>Realidade</i>	<i>Desejo/Tendência</i>	<i>Defesa</i>
<i>Pré-adolescentes na família de origem</i>	<i>15</i>	<i>1</i>		
	<i>16</i>		<i>1</i>	
	<i>17</i>	<i>1</i>		
	<i>18</i>	<i>1</i>		
	<i>19</i>	<i>1</i>		
	<i>20</i>	<i>1</i>		
	<i>21</i>		<i>1</i>	
	<i>22</i>		<i>1</i>	
	<i>23</i>		<i>1</i>	
	<i>24</i>	<i>1</i>		
	<i>25</i>	<i>1</i>		
	<i>26</i>	<i>1</i>		
	<i>27</i>			<i>1</i>
<i>28</i>	<i>1</i>			
TOTAL		9	5	0

Tabela nº 22: Identificações ao nível consciente, grupo de pré-adolescentes na família de origem.

